

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Liene Costa**

**LEITURA E ANÁLISE DO GÊNERO  
REPORTAGEM PARA AS AULAS DE LEITURA  
NO ENSINO MÉDIO**

**Taubaté - SP**

**2013**

**Liene Costa**

**LEITURA E ANÁLISE DO GÊNERO  
REPORTAGEM PARA AS AULAS DE LEITURA  
NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Vianna Brito Kozma

**Taubaté - SP  
2013**

Liene Costa

**LEITURA E ANÁLISE DO GÊNERO REPORTAGEM PARA AS AULAS DE  
LEITURA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Linguística  
Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em  
Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Língua materna e Línguas  
estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Vianna Brito  
Kozma

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dr<sup>a</sup>. : \_\_\_\_\_ Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dr<sup>a</sup>. : \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dr<sup>a</sup>. : \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Digno és, Senhor Jesus, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas.

(Ap. 4:11)

## **AGRADECIMENTOS**

À prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliana Vianna Brito Kozma, pela orientação e paciência;

À Universidade de Taubaté, pela oportunidade;

Às Professoras Doutoras da Universidade de Taubaté;

À minha mãe, pela vida;

Ao meu esposo Jaime, pela motivação;

Às minhas filhas, Liérgi, Jeanne e Êminy, pelo apoio;

Aos meus amigos, em especial ao Tiago, jornalista, pela colaboração;

A Deus, principalmente, sem Ele nada sou.

O temor ao Senhor é o princípio do conhecimento. (Provérbios 1:7)

## RESUMO

A utilização de temas diversificados nas aulas de leitura é uma forma de viabilizar o contato dos alunos com vários textos que estão constituídos dentro de algum gênero. Sabe-se que a esfera jornalística é rica em gêneros advindos de assuntos relacionados à vida social, os quais fazem uso de recursos não-verbais, tais como fotografias, imagens e cores, para construir seus sentidos. Esta dissertação teve como objetivo geral focalizar o jornal impresso como um recurso por meio do qual a escola pode didatizar o gênero reportagem nas aulas de leitura para o Ensino Médio, tratando-o como um meio de ensino e aprendizado, com o intuito de melhorar o desempenho do aluno quanto à compreensão e como objetivo específico analisar nas reportagens impressas os títulos, os títulos auxiliares e lide de quatro pares de reportagens impressas, de jornais dos estados de São Paulo e do Amazonas, e apresentá-las como proposta de ensino para as aulas de leitura. A escolha deste gênero textual é justificada por sua ampla circulação social, pelo fato de nele ser empregada linguagem verbo-visual, e por sua relação direta com o contexto sócio-histórico e cultural dos alunos. O constructo teórico que balizou esta dissertação é constituído pelos pressupostos bakhtinianos sobre gêneros textuais e linguagem; por teorias referentes à esfera jornalística; e por estudos sobre leitura e estratégias para compreensão leitora em determinadas perspectivas. Os resultados mostraram que o trabalho com o gênero reportagem trouxe mais dinamismo às aulas de leitura, atraindo a atenção dos alunos e possibilitando a compreensão textual, mesmo dos leitores menos proficientes, vez que este gênero ao tratar de assuntos relacionados à sociedade contemporânea, lança mão de ambas linguagens verbal e não-verbal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal impresso; Didatização do gênero reportagem; Compreensão leitora.

## **ABSTRACT**

The use of diverse themes in reading classes is a way to facilitate the contact of students with various texts that are composed inside some sort of genre. It is known that the journalistic sphere is rich in genres that happen to arise from matters relating to social life, which make use of non-verbal resource, such as photographs, images and colors to build their senses. This paper aims to focus on the print newspaper as a resource through which the school can didactically instruct general reporting in High School reading classes, using it as a means of teaching and learning and specifically, it aims to analyze on general reporting the headlines, subtitles and headings of the printed material, from newspapers of the states of Sao Paulo and Amazonas, and present them as a proposal of teaching to reading comprehension classes. The reason for the choice of this genre was due to its great circulation, the use of a verb-visual language, and its relation to the socio historical-cultural context of students. The foundational theory that guided this paper consists of Bakhtin assumptions about text genres and language; theories concerning the journalistic sphere and studies of reading and reading comprehension strategies in certain perspectives. The results showed that the work with general reporting brought more dynamism to the reading classes, attracting the attention of students and enabling the reading comprehension of even the least proficient readers, since this genre deals with issues related to contemporary society, it makes use of both verbal and non-verbal language.

Key words: print newspaper; instruction of general reporting; reading comprehension.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO 1: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	13
1.1 A linguagem e os gêneros discursivos .....	13
1.2 O aparecimento do jornal impresso .....	22
1.2.1 A linguagem jornalística.....	25
1.2.2 O texto jornalístico: a notícia e a reportagem .....	28
1.3 O poder de influência das cores.....	32
1.4 A imagem fotográfica.....	37
1.5 O uso do jornal no ambiente escolar.....	44
1.6 Contextualização dos jornais.....	46
CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DE LEITURA .....	49
2.1 Considerações sobre leitura.....	49
2.2 Breve comentário do modelo botton-up e os leitores.....	52
2.3 Modelo interativo de leitura e leitores.....	54
2.4 A leitura sob o aspecto sociocognitivo.....	63
2.5 Estratégias para compreensão leitora.....	65
2.5.1 Processamento textual.....	65
2.5.2 Construção de sentido .....	67
2.5.3 Produção de sentido .....	69
2.5.4 Os implícitos nos títulos das matérias jornalísticas.....	70
CAPÍTULO 3: ANÁLISES DAS REPORTAGENS.....	73
3.1 Leitura e análise das primeiras reportagens .....	73
3.2 Leitura e análise das segundas reportagens.....	81
3.3 Leitura e análise das terceiras reportagens.....	85
3.4. Leitura e análise das quartas reportagens.....	89
3.5 Sugestão de didatização do gênero reportagem.....	94
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS .....	97
ANEXOS.....	100

## INTRODUÇÃO

O jornal impresso é um veículo que propulsiona a elaboração de muitos trabalhos relacionados à leitura. Isto ocorre por nele estarem contidos inúmeros gêneros discursivos. Um deles é a reportagem, a qual pode ser didatizada a fim de ser inserida nas aulas de leitura.

Embora muitas pesquisas já tenham sido realizadas envolvendo o gênero discursivo reportagem e tenham se ampliado, ainda existe espaço para a didatização desse gênero. Trabalhos envolvendo os gêneros discursivos nas aulas de leitura vêm ganhando cada vez mais espaço no âmbito escolar, portanto, tomamos Bakhtin (1997) como referência indispensável para discorrermos sobre gêneros.

Esta dissertação teve como objetivo geral focalizar o jornal impresso como um recurso por meio do qual a escola pode didatizar o gênero reportagem nas aulas de leitura para o Ensino Médio, tratando-o como um meio de ensino e aprendizado e como objetivo específico analisar nas reportagens impressas os títulos, os títulos auxiliares e lide, e apresentá-las como proposta de ensino para as aulas de leitura, com o intuito de melhorar o desempenho do aluno quanto à compreensão leitora.

Compreender o teor de um texto não significa apenas assimilar um conteúdo, mas também adotar um posicionamento crítico em relação a ele. Para Marcuschi (1996, p.74) “Compreender textos não é simplesmente reagir aos textos, mas agir sobre os textos”. Por isso, quando trabalhamos este tópico com os alunos, almejamos que, ao final das leituras, eles possam se posicionar perante o que leram de forma crítica e consciente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2006), doravante PCNEM, e o que podemos observar no dia a dia escolar, o contato dos alunos com as novas tecnologias de informação é algo muito comum. Nelas, há o amplo uso de linguagem verbo-visual, que além de comunicar informações, auxilia o leitor na compreensão geral do texto.

O agente motivador para a realização desta pesquisa sobre o uso do gênero reportagem impressa nas aulas de leitura foi o fato de esta fazer amplo uso de linguagem verbo-visual e de os alunos poderem ter contato com acontecimentos atuais da sociedade da qual fazem parte, para capacitá-los a se posicionar diante de fatos abordados neste tipo de texto.

Além disso, a reportagem está ligada ao contexto sócio-histórico e cultural dos alunos, tem grande circulação nas mais variadas esferas sociais, e estabelece diálogo com discursos passados e presentes, características evocadas dos pressupostos sobre gêneros de Bakhtin (1997). A seleção das reportagens que integram este trabalho foi realizada procurando variedade de fatos e de formatos de textos, a fim de respeitar as noções sobre estudo de gêneros (BAKHTIN, 1997).

O constructo teórico que balizou este trabalho é constituído pelos pressupostos bakhtinianos sobre gêneros discursivos e linguagem, que também foram utilizados na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), doravante PCN. O pleno conhecimento do teor dos escritos de Bakhtin (1997) e dos PCN (1998) possibilitou-nos observar e conhecer o melhor o gênero escolhido para esta pesquisa, para que posteriormente pudéssemos didatizá-lo.

Teorias voltadas para a utilização do jornal em sala de aula também foram utilizadas como uma forma de colocar o aluno em contato com o gênero reportagem e com os assuntos relacionados à sociedade. Para isso utilizamos Faria (2005), que nos mostra como podemos fazer o uso da reportagem em sala de aula, já que este gênero possui uma grande quantidade de temas. Nesse sentido, os professores de língua portuguesa têm a possibilidade de aproveitar diversos textos relacionados ao dia a dia dos alunos e aplicá-los no âmbito escolar. Para conhecermos melhor a esfera jornalística, examinamos os pressupostos de Lage (2005) que nos apresenta como iniciou todo processo de construção do jornal, bem como outros aspectos, tais como a linguagem jornalística e a estrutura que compõem a reportagem.

Além da linguagem verbal inserida na reportagem, contamos ainda com a linguagem não verbal como um recurso de produção de sentido. A linguagem não verbal é tratada pelos PCNEM (1999) como geradora de significados inseridos na linguagem. Portanto, as teorias das cores, apresentadas nos trabalhos de Kossoy (2002), e as imagens fotográficas, nos pressupostos de Guimarães (2000), nos auxiliaram na ampliação de sentido da linguagem não verbal.

Discorremos sobre algumas teorias de abordagem cognitiva nos trabalhos de Kleiman (1989), Kato (1985) e Solé (1996), que mais tarde foram difundidas a um contexto sócio-histórico mais amplo.

Destacamos Koch e Elias (2007), que abordam a leitura como uma atividade interativa de produção de sentidos. As autoras também apresentam estratégias que

auxiliam o sujeito na interação com o texto, tais como os conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional. Para nossas análises, a mobilização desses conhecimentos foi fundamental no processo de leitura. Desta forma, o professor de língua portuguesa pode viabilizar ações que levem o aluno a buscar esses conhecimentos para uma compreensão textual.

Outra proposta de leitura abordada por Marcuschi (1996, p. 71) nos mostra que “o primeiro aspecto mais importante numa teoria da compreensão de texto é a noção de língua que se adota.” O autor define a língua como sendo estruturada em variados planos que abrange os aspectos fonológico, sintático, semântico e cognitivo no processo da enunciação, e declara:

A língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo, que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes. [...] a língua é uma atividade constitutiva, com ela podemos construir sentidos. Sendo uma forma cognitiva, com ela podemos expressar nossos sentimentos, crenças, ideias e desejos. (MARCUSCHI, 2008, p.240)

Isto posto, entendemos que o processo de compreensão leitora não aponta para uma só direção: a compreensão de um texto envolve uma série de fatores que permeiam a vida do leitor e o auxiliam na construção de sentido.

As inferências descritas por Marcuschi (1996) nos serviram também como uma forma de extrair mais informações do texto. O autor comenta que a compreensão textual se dá em boa medida pelo processo inferencial, ao entendermos o que não está escrito no texto e que pode ser analisado por meio do elemento semântico da palavra. Nas aulas de leitura, o professor deve considerar o conhecimento pessoal de cada indivíduo, pois ele é o responsável pela diferenciação dos sujeitos. Considerando isto, apresentamos os horizontes de compreensão textual para auxiliar o professor a entender como se dá o processo de leitura.

A percepção dos implícitos, descritos por Ducrot (1987), também foi considerada por nós como mais uma estratégia para a ampliação das informações contidas nas reportagens.

As abordagens teóricas que foram descritas para as análises das reportagens podem servir de base para o professor de aulas de leitura. Os conhecimentos de

cada sujeito; as inferências que podem ser feitas; e os implícitos, que muitas vezes aparecem nos textos, são formas que podem colaborar para que o leitor se torne um sujeito-ativo, apto a aduzir argumentos, compreender informações implícitas e explícitas, e reconhecer metáforas e expressões fora do texto.

Os objetos de pesquisa selecionados foram quatro pares de reportagens de jornais impressos e, para efeito de delimitação, retiramos apenas de sua estrutura os títulos, os títulos auxiliares e o lide para as nossas análises nos jornais *O Estado de São Paulo* e *aCrítica* do estado do Amazonas. Os dois primeiros pares de reportagens trataram do mesmo assunto, o terceiro apresenta temas polêmicos e o último, semelhança em seus títulos, mas com fatos diferentes.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo aborda a linguagem e os gêneros discursivos sob a perspectiva bakhtiniana, bem como outros teóricos que, baseados nos pressupostos de Bakhtin, deram a sua contribuição sobre linguagem e gênero. Apresenta ainda as características gerais sobre a esfera jornalística e o gênero do discurso reportagem.

O segundo capítulo apresenta concepções de leitura para os modelos cognitivo e sociocognitivo, e estratégias de leitura que serviram para as nossas análises. O terceiro capítulo trata da leitura e análise das reportagens impressas retiradas dos jornais e de sugestões para o trabalho a ser realizado em sala de aula. Em seguida encontram-se a conclusão, as referências e os anexos.

## CAPÍTULO 1

### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Abordaremos neste capítulo, conceitos de linguagem na visão de Saussure, Humboldt e Bakhtin; a noção de gênero discursivo a partir dos conceitos bakhtinianos; e o gênero discursivo reportagem e suas características.

#### 1.1 A linguagem e os gêneros discursivos

Os estudos sobre linguagem começaram no século XIX sob o ponto de vista histórico. Mais tarde, prosseguiram sob uma visão estruturalista, baseados nos estudos dos neogramáticos de Saussure, o que deu origem à linguística científica.

Como Saussure abordava a linguagem humana? Saussure apresenta a linguagem como pertencente ao domínio individual e social. Todo conhecimento interiorizado de um falante é social, vez que é compartilhado pelos seres de modo a fazer com que haja compreensão mútua; a tal fenômeno o estudioso nomeou *língua*, e sua realização individual, chamou de *fala*. A partir desses pressupostos podemos perceber que o foco de Saussure ao conceber a língua como um fenômeno social estava em analisar a língua como um código e um sistema de signos. O seu interesse estava voltado apenas para o sistema e a forma, não na perspectiva de sua realização na fala ou no funcionamento em textos. A percepção que o autor tinha sobre a língua era a partir do sistema, num recorte sincrônico e com base nas unidades abaixo do nível da frase, como o fonema, o morfema e o lexema. Não havia atenção para o uso da língua, comenta Marcuschi (2008).

Por outro lado, Bakhtin valoriza a linguagem como meio de comunicação humana. Para ele, ela é vista como fenômeno social da interação verbal: (BAKHTIN, 2006, p.15) “a fala está indissolivelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais”. É neste ponto que há uma divergência entre os dois teóricos.

Outro teórico, que apresenta a linguagem priorizando a função formadora sobre o pensamento independente da comunicação, é Humboldt. A respeito da linguagem, Humboldt faz a seguinte proposição (apud BAKHTIN, 1997, p. 289):

“Abstraindo-se a necessidade de comunicação do homem, a língua lhe é indispensável para pensar, mesmo que tivesse de estar sempre sozinho”. No seu modo de ver, Humboldt apresenta um emissor totalmente isolado no processo de comunicação verbal, sem nenhum contato com o receptor. Diante disso, compreende-se que linguagem não é uma ferramenta de comunicação ou expressão do pensamento, mas uma forma de interação.

Sendo assim, a linguagem não trata apenas da expressão do pensamento, tampouco pode ser reduzida a um código de comunicação que não leva em conta o enunciado. A linguagem humana comporta um tempo e um espaço, que estão sempre ligados a ela indicando a posição do sujeito diante do mundo. Este sujeito utiliza a linguagem em um determinado momento histórico, num espaço e numa situação específicos, levando em conta seus interlocutores.

A linguagem é constitutiva do ser humano e dialógica por natureza. Quando falamos em dialogismo podemos entender que a linguagem se constrói nas relações de interação. No processo de comunicação, geralmente, os sujeitos falantes resgatam diálogos passados, enunciados anteriores e simultaneamente pensam em fatos que ainda hão de acontecer. Ao ler uma reportagem, por exemplo, a ideia do dialogismo está presente, pois no processo de leitura podemos resgatar fatos que já se passaram e projetar outros para o futuro. Isto quer dizer que uma reportagem nunca pode ser considerada isoladamente, e sim de forma dialógica. De acordo com os PCNEM (2006), é pela interlocução com o texto que se constroem os sentidos, e é também por meio dela que os leitores se constituem e são constituídos.

No processo da leitura de uma reportagem, para que se estabeleça um jogo entre passado e futuro, é necessário que o leitor dialogue com outros enunciados para que sua compreensão não fique apenas no sentido restrito das informações contidas naquele texto especificamente. Para exemplificação, retiramos do jornal O Estado de São Paulo, doravante OESP, do dia 26/06/2012, a seguinte reportagem:

[Você está em Notícias >](#)

---

## Quarteto fantástico

Combinar Hungria, Eslováquia, Polônia e República Checa em um roteiro significa receber uma aula de história a céu aberto. E contemplar cenários que parecem saídos de um romance

26 de junho de 2012 | 3h 09

Ares de romance, história e aventura - uma dose de drama político, outra de originalidade cult e um bom copo de boemia. É o mínimo que se pode esperar de uma visita a Eslováquia, Hungria, Polônia e República Checa. Por ali a história deixou rastros marcantes como as heranças sombrias da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e os tempos severos da simbólica Cortina de Ferro, na Guerra Fria (1945-1989) - isso só para mencionarmos a história recente do século 20.

A partir do título da matéria “Quarteto fantástico”, podemos verificar que, mesmo lendo o título auxiliar, o aluno precisa buscar em seu repertório informações a respeito dos lugares (Hungria, Eslováquia, Polônia e República Checa), para compreender a informação contida no título da matéria, e assim dialogar com o texto.

É pelo dialogismo que se estabelece a relação de sentido no processo de comunicação com o outro. Pensar nesta relação não significa reduzi-la a um simples diálogo entre dois sujeitos, mas considerá-la numa relação de discurso, onde estão envolvidos crenças e valores entremeados no texto para a produção de sentido.

No processo de interação verbal, o sujeito forma o seu discurso a partir de outros enunciados anteriores, logo, temos as palavras carregadas de significados. De acordo com Bakhtin (1997):

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. [...] refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (1997, p.316)

O discurso do enunciador, desta forma, não está solto no vazio. O discurso do outro é imprescindível para a formação de seu próprio discurso. Em outras palavras, nossas falas estão constituídas do eu e do outro por meio dos enunciados, que são naturalmente dialógicos. Cada enunciado é uma unidade real da comunicação verbal, demarcado pela alternância dos sujeitos. Tal alternância traça as fronteiras dos enunciados, e constituem a réplica, ou seja, o diálogo real entre sujeitos falantes, na qual o interlocutor pode opinar e responder, tomando uma posição responsiva (BAKHTIN, 1997).

Assim, ao falarmos não estamos apenas proferindo uma oração, posto que esta é considerada uma unidade linguística que se difere do enunciado. Ao passar os olhos no título de uma reportagem, não estamos apenas lendo uma oração, mas um enunciado, portanto não deve ser vista como unidade da língua. Bakhtin (1997) também estudou sobre a diferença entre o enunciado e as unidades linguísticas.

Os enunciados não se repetem, já que os eventos se dão de forma singular. Eles estão carregados de sentido, que envolve o contexto social-histórico-cultural e ideológico. Segundo Bakhtin (1997):

“Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo *dixi* percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.” (p. 294)

Por esta razão, a reportagem não pode ser considerada como uma unidade da língua, mas uma unidade de comunicação verbal, na qual o interlocutor poderá ou não concordar com o fato abordado, gerando refutação por parte dele.

Ao contrário da oração, Bakhtin (1997) afirma que ela não tem capacidade para produzir uma réplica por mais que se apresente de forma completa e tenha sentido, é como uma unidade da língua que se prende à gramática, portanto de natureza gramatical. Assim comenta o autor:

“As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua – palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala.” (BAKHTIN, 1997, p. 297)

A oração pode tomar forma de enunciado completo, desde que adquira particularidades pertencentes ao enunciado.

Agora, observemos o seguinte título da matéria do jornal *A Crítica* de 28/09/2012 a respeito do desvio de energia elétrica por meio de ligações clandestinas.

## Gatos: ligações clandestinas serão monitoradas no AM

Eletrabras Amazonas Energia inaugura, em outubro, sistema capaz de controlar distribuição e consumo de cada unidade

Esse título da reportagem é um enunciado completo, pois apresenta uma situação real que foi produzida em um contexto social e histórico.

Além do mais, as unidades linguísticas – fatos, ligação, monitoradas –, passam a ser um enunciado porque dialogou com outros enunciados e foi dirigida a alguém, pois apontam para um destinatário, quando carregadas de emoção e juízos de valor (FIORIN, 2006). Portanto, no título da matéria, onde as unidades linguísticas passaram de unidade a enunciado, reproduziram um fato e o redator (autor do texto) mesmo tendo o escrito sozinho, dialogou com outros enunciados, apontou para um destinatário, e gerou direito de resposta ao leitor da reportagem.

Bakhtin (1997) declara que as esferas da atividade humana estão atreladas ao uso da língua. A língua se realiza em forma de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos. Eles estão sempre de acordo com o gênero, uma vez que o processo de comunicação se faz por meio deste.

O conceito de gênero é muito antigo. Com o surgimento da teoria bakhtiniana de perspectiva social e discursiva, os trabalhos alçaram rumos diferentes no que tange aos gêneros discursivos.

Ao traçarmos uma linha do tempo sobre os estudos sobre gêneros, devemos incluir os de Platão, que iniciou sua observação sistemática na Idade Média e firmaram-se com os de Aristóteles, Horácio e Quintiliano, chegando ao Renascimento e à Modernidade. Na época destes filósofos, os estudos sobre os gêneros estavam aos cuidados da poética e da retórica. Na tradição ocidental, quando se falava em gênero, remetia-se a gêneros literários, aqueles que todos conhecem como lírico, épico e dramático (MARCUSCHI, 2008). Esse conceito de gênero esteve um dia, talvez, presente e concentrado nas aulas de língua portuguesa, quando as atividades focavam a classificação de textos.

Para Schneuwly e Dolz (2004), “gênero é um instrumento” que funciona como mediador de uma atividade, dando-lhe forma e materialidade. Por muito tempo, o termo gênero foi utilizado para se referir aos textos literários e retóricos.

Hoje em dia, o conceito de gênero aparece de forma ampliada, não estando restrito somente à literatura e à perspectiva aristotélica. O emprego dos gêneros está cada vez mais assíduo e amplo. Marcuschi (2008), apoiando-se em Bathia (1997, p. 629), afirma que “é um conceito que achou o seu tempo”. Atualmente, depois de sair

da área restrita da literatura, o gênero é direcionado à parte lingüística, mais precisamente às perspectivas discursivas.

O interesse de muitos teóricos em relação ao gênero aparece depois das ideias divulgadas por Bakhtin. No Brasil, percebe-se que as pesquisas relacionadas aos gêneros discursivos têm contribuído muito nas teorias aplicadas aos PCN (1998), nas práticas de ensino aprendizagem. Os PCN (1998) estabelecem dois eixos para o ensino da língua: um que trata das práticas de escuta, leitura e produção de textos orais e escritos, e outro que focaliza a reflexão sobre língua e linguagem. Eles trazem os gêneros discursivos como objetos de ensino e os textos como unidade de ensino. Consideram que não se pode construir um texto de forma casual porque são constituídos dentro de um gênero, em função de determinados propósitos comunicativos, e como parte das circunstâncias de produção do discurso, as quais geram usos sociais que o determina.

Percorrendo o mesmo caminho apontado por Bakhtin (1997), os PCN (1998) ainda afirmam que os gêneros são determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados disponíveis na cultura.

Mas, onde se pode aprender sobre os gêneros discursivos? Onde se pode adquiri-los? De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros discursivos:

[...] nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. A língua materna — a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical —, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam. (p.301)

A comunicação verbal só se realiza por algum tipo de gênero discursivo, assim:

[...] é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Seguindo a perspectiva teórica bakhtiniana, Dolz e Schneuly (1999) explicam que os gêneros são instrumentos que estabelecem recursos para a comunicação, ou seja, é por eles que fazemos o uso da língua. São megainstrumentos produzidos

para atuarmos em circunstâncias de linguagem. É por eles que os textos sempre se realizam, seja uma notícia de jornal, uma piada, uma reportagem ou um poema, não se podendo ler, por exemplo, uma receita culinária da mesma forma se lê uma piada, um artigo científico ou um poema. Os gêneros não são simples formas textuais, mas “formas de ação social”, como afirma Miller (1984, apud MARCUSCHI 2008), e eles são orientadores da compreensão, como propõe Bakhtin (1997).

Na visão bakhtiniana, os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados gerados nas mais diversas esferas da atividade humana, são caracterizados pelo seu conteúdo temático e seu estilo verbal (recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais), e pela sua construção composicional. Segundo Bakhtin (1997, p. 280), “estes três elementos fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação”.

O ser humano sempre utiliza os gêneros no seu dia a dia, por meio da produção da linguagem. Estes gêneros são oriundos de uma dada esfera e estabelecem relação com as atividades humanas da linguagem e a vida social. Assim, nas várias esferas, os gêneros podem ser representados desde uma situação mais comum do nosso cotidiano, como um telefonema, um bilhete, uma carta, um email, uma conversa, uma piada, uma lista de compras, uma receita, até uma situação mais formal, como um relatório, uma circular ou um aviso.

De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros do discurso são abundantes e infinitos, pois as atividades humanas não se esgotam, além de poderem se ampliar sempre. A heterogeneidade apresentada pelos gêneros do discurso inclui desde:

[...] a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas). (BAKHTIN, 1997, p.280)

O autor faz a distinção entre os gêneros discursivos, classificando-os em primários e secundários.

Os primários são aqueles gêneros relacionados à vida cotidiana, Fiorin (2006) explica que são predominantemente, mas não exclusivamente orais. O bate-papo, o

chat, email, conversa telefônica, são alguns exemplos. Os gêneros secundários referem-se àquela esfera da comunicação mais elaborada, como a jornalística, a jurídica, a religiosa, a política, a filosófica, a pedagógica, a artística, e a científica. Muitas vezes há uma interdependência entre os gêneros, por exemplo: os gêneros primários podem ser reelaborados pelos secundários, transformando-os por meio de uma carta, uma receita, um diário, ou um email contidos dentro de uma obra literária, no suporte livro. Os gêneros primários têm a forma e a significação do tipo de comunicação na vida cotidiana, todavia só podem fazer parte de uma realidade concreta quando divulgados em uma obra ou de um livro que faça parte do universo escolar.

Marcuschi (2008) reafirma que os gêneros discursivos são dinâmicos, de complexidade variável e que não é possível contá-los ao certo, pois não há como listá-los ou classificá-los, por serem sócio-históricamente variáveis.

De uma forma geral os gêneros discursivos fazem parte da vida humana organizando-a em várias situações do dia a dia; estão presentes em documentos gerais, nas contas e notas, nos nomes de ruas, em endereços, nas cédulas de dinheiro, para citar alguns exemplos de gêneros constantes (MARCUSCHI, 2011).

Os gêneros discursivos, por serem dinâmicos e maleáveis, estão sempre se expandindo, assim outros gêneros aparecem a cada dia, não por moda, mas por causa da evolução das tecnologias, que impulsiona a remodelação de gêneros, adaptando-os às novas formas de comunicação e às suas funções. Cartas e telegramas são exemplos de gêneros que são de uso próprio de órgãos públicos ou privados, dificilmente alguém usará esses gêneros para comunicar-se com alguém atualmente, pois é mais prático e rápido utilizar o email. A mesma situação ocorre dentro da esfera jornalística, vez que não faz muito tempo que a leitura das reportagens estendeu-se para internet.

Todo gênero está efetivamente ligado a um suporte, entretanto qual o papel do suporte na relação com os gêneros? Qual a sua importância? Sabemos que ele é necessário para a circulação dos gêneros na sociedade. Marcuschi (2008) define o suporte como um *locus físico* ou *virtual* que tem formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado com texto. Em outras palavras, a característica do suporte comporta três aspectos:

- a) Suporte é um lugar (físico ou virtual): supõe-se que o suporte deve ser real. Essa materialidade é incontestável e não pode ser prescindida.
- b) Suporte tem formato específico: aparecem em algum formato específico, tal como um livro, uma revista, um jornal, um *outdoor* e assim por diante.

O fato de ser específico quer dizer que foi comunicativamente produzido para portar textos e não é um portador eventual.

- c) Suporte serve para fixar e mostrar texto: sua função básica é fixar os textos para torná-los acessíveis para fins comunicativos.

De acordo com Marcuschi (2008), os suportes podem ser classificados como convencionais e incidentais. Suportes como o livro, revista, rádio, televisão, são da categoria dos suportes convencionais, típicos ou produzidos para essa finalidade. Já os suportes incidentais são aqueles que podem trazer textos, no entanto não são destinados para este fim de modo sistemático. Um anúncio publicado em uma blusa, um poema escrito em uma parede e uma notícia na estação do metrô são alguns exemplos de suporte que fazem parte dessa categoria.

A partir das exposições a respeito do suporte, podemos perceber que sua função realmente é de estabilizar e mostrar o texto para que todos possam ter acesso a ele.

Ainda em relação ao gênero discursivo, os PCNEM (2006) falam das vantagens em se deixar o tradicional esquema das estruturas textuais (narração, descrição e dissertação) para dar lugar à inclusão da prática dos seguintes gêneros ficcionais ou não-ficcionais que circulam socialmente:

- na literatura, o poema, o conto, o romance, o texto dramático, entre outros;
- no jornalismo, a nota, a notícia, a reportagem, o artigo de opinião, o editorial, a carta do leitor;
- nas ciências, o texto expositivo, o verbete, o ensaio;
- na publicidade, a propaganda institucional, o anúncio;
- no direito, as leis, os estatutos, as declarações de direitos, entre outros.

Os gêneros discursivos que circulam socialmente, assim como a reportagem, ganham materialidade no texto e auxiliam no desenvolvimento de competências e habilidades nos alunos (PCNEM,1999) somente quando usados de forma a emanar a eles algum sentido, e não quando são tomados como um material a mais a ser utilizado no tempo no ambiente escolar. Como afirma Citelli (2000, p. 144),

quando o professor utiliza [...] o texto do jornal ou o programa de rádio como exemplos de aula ou material subsidiário, (...) espera-se que o educador não esteja apenas querendo adicionar mais colorido e 'modernidade' a um quadro esmaecido e cuja cor está se desfazendo pela ação do tempo". (p.144)

O trabalho com o texto jornalístico precisa ter significado nas aulas de língua portuguesa e a seleção dos assuntos abordados no gênero reportagem deve levar em conta a vivência do aluno, assim ele poderá relacionar seus conhecimentos prévios ao conteúdo do texto. É importante frisar que a escolha das reportagens pode ser feita conforme o objetivo de leitura de cada professor, caso queira explorar algum tema ao longo do processo de leitura.

## **1.2 O aparecimento do jornal impresso**

Vários foram os fatores que contribuíram para o surgimento do jornal impresso. Dentre eles, os serviços de correios que começaram a se estruturar, a disseminação de pessoas alfabetizadas, surgindo ainda que de forma muito tímida, a injeção dada pela indústria na publicação de livros, e o interesse dos cristãos e discípulos de Lutero pela leitura da bíblia.

Apesar desse conjunto de acontecimentos ter colaborado para o aparecimento do jornal impresso, Lage (2005, p.30) comenta que "não houve fator mais consistente do que a ambição burguesa de confrontar a aristocracia". Segundo o autor, os textos que circulavam eram opinativos e seguiam o modelo retórico. Muitos fatos abordados no jornal eram direcionados à classe aristocrática que, de certa forma, detinha o poder em suas mãos. Interesses comerciais também faziam parte dos primeiros jornais, como chegadas e partidas de navios, relatos de guerras e secas, e de outros eventos capazes de repercutir no mercado. A sua impressão era inferior a mil exemplares (LAGE, 2005).

No século XIX, o jornal impresso ganhou um novo formato. A partir desse momento, houve a separação entre as notícias por tema, os títulos passaram a dar origem às manchetes, e houve a divisão das páginas em colunas. O conteúdo de fundo opinativo não era mais o fator motivador da leitura, em parte devido ao surgimento de novos leitores, o que exigiu a busca por fatos em lugares remotos. Simultaneamente, para competir com os fatos jornalísticos, multiplicavam-se as histórias sentimentais que, desde o século XVIII, já se desenvolviam, pois eram um

atrativo para os leitores, bem como o retorno das lendas contadas pela burguesia que, segundo Lage (2005, p. 33), “buscava construir um passado heroico para si mesma, retomando lendas medievais”.

A verdade é que, depois da Revolução Industrial, o jornal impresso ganhou grande impulso. A sofisticação trazida pelo uso das máquinas fez com que os custos por exemplar fossem reduzidos, dando maior acesso aos leitores às informações, em parte também pela alteração nos fundamentos da prática jornalística, quando a publicidade se tornou o verdadeiro pilar das empresas.

Conforme Lage (1993), a luta pelo aumento da tiragem fez com que o jornal ampliasse seus serviços; a necessidade assim exigia, pois já era notável a propagação de agências de notícias entre 1830 e 1870. Os anúncios contidos nos jornais “buscavam atingir o maior número possível de clientes potenciais ou de indivíduos capazes de fixar um logotipo ou uma marca. Daí, a disputa por leitores, que reunia fatos reais e imaginários” (LAGE, 2005, p. 33). No entanto, o autor considera essa prática como grave, particularmente porque com essa situação poderiam talvez surgir propagandas de cunho surreal que até comprometeriam a credibilidade do jornal.

O jornal impresso foi contribuindo de forma significativa para a formação da sociedade, com a grande responsabilidade de manter os leitores informados. É sabido que o fruto desse trabalho é resultado de uma construção que ao longo dos anos foi se aprimorando, passando por mudanças a fim de alcançar mais leitores. A seguir apresentaremos uma amostra da primeira edição, e outra mais atual, do jornal OESP, para percebermos algumas mudanças pelas quais o jornal impresso passou ao longo do tempo.



[www.acervoestado.com.br](http://www.acervoestado.com.br)



[www.acervoestado.com.br](http://www.acervoestado.com.br)

O primeiro jornal, à esquerda, datado do século XIX, era composto somente por textos modelo, que desapareceram com o tempo. Já no da direita, temos vários recursos imagéticos que compõem as reportagens sobre fatos que foram destaque no dia anterior. Fazendo a comparação entre estes dois jornais impressos, vemos as transformações trazidas pelo tempo e pelo fruto do trabalho de pessoas que se empenham diariamente em produzir um jornal melhor para a sociedade.

O jornalismo impresso é uma das esferas que tem em seu poder várias informações à procura de um público. Há um envolvimento muito grande de profissionais por de trás de cada reportagem, a fim de informar os leitores sobre fatos ligados à realidade. A essência de um texto jornalístico é a reportagem que apresenta fatos novos ou desconhecidos de um acontecimento com suas particularidades. No entanto, vale ressaltar que o texto jornalístico não pode ser escrito de forma aleatória, deve apresentar, além da ocorrência factual, o local, as pessoas envolvidas, a causa, dia e hora, modo e consequências desdobradas.

Nilson Lage (2005) define o jornalismo como um conjunto de gêneros textuais que se elabora como discurso que discorre sobre a realidade. Toda informação deve ser bem elaborada de forma a tornar a reportagem objetiva e clara para que haja compreensão por parte dos leitores.

### 1.2.1 A linguagem jornalística

Qual a linguagem mais adequada a um texto jornalístico? A linguagem jornalística é para Lage (2011, p.51) “basicamente construída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal”. O autor chega a essa definição pelo fato de considerar que a linguagem jornalística deve ter uma comunicação eficiente e de grande aceitação social.

Adequação é considerada ponto chave para Lage (2005), pois é necessária para se ter comunicação eficaz e aprovação social, e é por meio de uma linguagem que entrelace o formal e o informal que uma reportagem deve ser elaborada.

Embora essa definição pareça aproximar leitor e texto, não quer dizer que a língua não seja prescritiva. Cada jornal escreve conforme suas normas adotadas. Por exemplo, o jornal OESP possui seu próprio manual de redação, que contém instruções gerais e específicas indispensáveis à preparação de um texto jornalístico. Nesse sentido, parece haver algum tipo de paradoxo entre o autor e o Manual de Redação.

Abaixo transcrevemos algumas das instruções gerais descritas pelo *Manual de Redação e Estilo do Estado* (1997), as quais se referem à linguagem jornalística:

1. O estilo jornalístico é um meio-termo entre a linguagem literária e a falada. Por isso, evite tanto a retórica e o hermetismo como a gíria, o jargão e o coloquialismo;
2. Em qualquer ocasião, prefira a palavra mais simples: *votar* é sempre melhor que *sufragar*; *pretender* é sempre melhor que *objetivar*, *intentar* ou *tencionar*; *voltar* é sempre melhor que *regressar* ou *retornar*; *tribunal* é sempre melhor que *corte*; *passageiro* é sempre melhor que *usuário*; *eleição* é sempre melhor que *pleito*; *entrar* é sempre melhor que *ingressar*;
3. Termos coloquiais ou de gíria deverão ser usados com extrema parcimônia e apenas em casos muito especiais (nos diálogos, por exemplo), para não darem ao leitor a ideia de vulgaridade e principalmente para que não se tornem novos lugares-comuns. Como, por exemplo: *a mil*, *barato*, *galera*, *detonar*, *deitar e rolar*, *flagrar, com a corda* (ou *a bola*) *toda, legal, grana, bacana*, etc.

Achamos conveniente destacar também algumas características descritas por Lage (2005) no que tange a linguagem jornalística.

- Devem ser eliminadas expressões que possam ser entendidas como manifestação de preconceito que sejam capazes de identificar. Em alguns casos considerados raros, usa-se “calvo” em vez de “careca”, nos demais, quando referir-se às pessoas com pouco dinheiro é preferível usar “pobre” a “humilde”; ou para quem tem muito dinheiro, “rico” é melhor que “classe média” ou “classe alta”; “risco de morte” em vez de “risco de vida”.

Uma expressão propositalmente usada pelo autor da reportagem abaixo, que somente reproduziu a fala de um deputado, causou muita polêmica e gerou até pedido de desculpas. Neste caso, foram envolvidos o ex-governador e deputado Júlio Campos (DEM-MT) e o ministro do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa, noticiado no jornal *OESP* no dia 23/03/2011.

## Deputado chama ministro negro de "moreno escuro"

23 de março de 2011 | 0h 00

Eugênia Lopes / BRASÍLIA - O Estado de S.Paulo

Em reunião ontem da bancada do DEM, o deputado Júlio Campos (MT) chamou o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Joaquim Barbosa, de "ilustre ministro moreno escuro". Diante da repercussão, o deputado divulgou nota para se desculpar.

Claro que o autor da reportagem conseguiu polemizar fazendo uso da reprodução de palavras de outrem para conseguir tal feito. Caso fosse reescrever com suas próprias palavras, certamente, expressões desse tipo seriam evitadas.

Sobre o efeito das aspas, talvez a intenção do autor fosse destacar a forma irônica como o ministro foi tratado pelo deputado,

- Criam-se neologismos e atualizações necessárias, como “malufistas”, “petistas”, como no fato retratado pelo *OESP* de 12/08/2012.

## Russomanno comemora avanço em redutos petistas de SP

12 de agosto de 2012 | 15h 18

- Deve-se ter cuidado com o modismo recente de trocar denominações para “melhorar a imagem” dos entes nomeados. O autor explica que usar a palavra “idosa” pode ser gentil, mas dizer que ela está “na melhor idade” pode soar como escárnio.

O Manual de Redação e Estilo do Estado (1997), explica que a simplicidade é condição essencial do texto jornalístico, afinal existem vários tipos de leitores que anseiam entender o que leem. Por isso, seja qual for o assunto abordado, isto deve ser feito com simplicidade. Usar a simplicidade não significa que o jornal publicará frases desgastadas, exagerará no uso da voz passiva, ou que haverá pobreza vocabular, por exemplo. O uso de palavras conhecidas pode colaborar na produção de notícias elegantes, naturais e bem delineadas. A reportagem é o atrativo de um jornal, deve ser clara, objetiva e concisa, sem o uso excessivo de ordem inversa, afinal, o leitor deve ter facilidade para compreender o que está lendo.

Em relação ao título de uma reportagem queremos ressaltar que nem sempre se apresenta de forma literal. Marcuschi (1996, p.76) explica que “[...] o sentido literal existe, mas de uma maneira geral as palavras não funcionam literalmente. Nós dificilmente vivemos em estado de dicionário”. De fato, todo título de uma reportagem por mais que seja escrita de forma objetiva, apresenta subjetividade.

Dentro da linguagem jornalística é frequente o uso de recursos expressivos, ora para o bem, ora para o mal. Lage (2005, p. 128) enumera alguns dos recursos mais comuns: o eufemismo: descontraído por desleixado, o empréstimo por fundo perdido ou por doação, carentes por miseráveis etc; a ironia, “*talvez por causa da pressa, os deputados da oposição vão cumprimentar o presidente já com a mão estendida*”; a citação inusitada da fonte, “*Os Estados Unidos, informa a enciclopédia, são uma democracia*”; o desmentido ao que não foi publicado, “*nenhuma fonte confirmou a informação de que grandes empresários estariam envolvidos no inquérito que corre em segredo de Justiça*”; e a antítese, “*entre picanha e vinho francês, safra de 1998, discutiu-se no almoço com empresários a campanha contra fome*”.

Alguns desses recursos podem ser usados para outros fins, como por exemplo, a metáfora, muito usada no jornalismo científico, e a metonímia, formas estilísticas usadas constantemente na reportagem-testemunho, em que processos

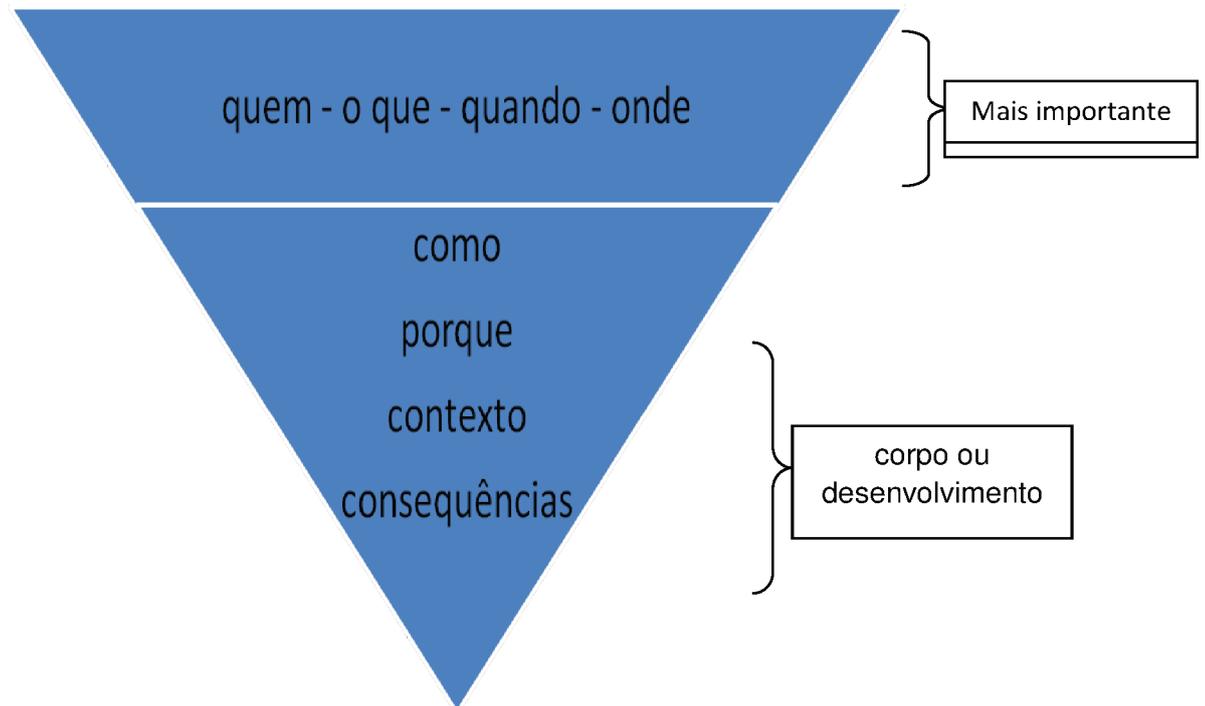
históricos ou eventos de grande porte são evidenciados por algum aspecto marcante (a pobreza de uma família pela pobreza de uma região) (LAGE, 2005).

Desta forma, entendemos que, por trás da reportagem e dos recursos usados para compô-la há sempre uma intencionalidade, por parte de seu autor, que, em um dado momento, interagiu com as fontes de informação numa relação dialógica para produzir seu texto. Assim, o produto final será sempre o resultado da relação social entre os sujeitos. Charaudeau (2006) questiona o motivo, a razão, que leva o veículo a selecionar um fato, pois segundo o autor [...] “nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência deste com o tipo de receptor que interpretará a informação dada” (2006, p.42).

Isto posto, entendemos que o professor pode orientar o aluno a processar a informação fornecida pela reportagem de modo que ele [o aluno] não seja influenciado pelo que lê, mas que possa refletir conforme seus conhecimentos e valores sobre a questão abordada.

### **1.2.2 O texto jornalístico: a notícia e a reportagem**

O texto jornalístico que compõe a notícia e a reportagem nunca pode ser redigido de forma casual ou imprevisível. Em sua composição, devem transparecer: a ocorrência factual, o lugar, os envolvidos, o tempo e o modo como as coisas aconteceram até chegar ao desfecho. Esses aspectos estão estruturados na tradicional pirâmide invertida, abaixo, mostrando que os fatos devem apresentar-se na ordem decrescente de importância.



A parte superior corresponde aos primeiros parágrafos do texto jornalístico, é o espaço do lide. Neste local ficam as informações consideradas relevantes da reportagem. Logo abaixo, aparece o corpo do texto, de onde emergem as informações secundárias e, depois, os detalhes passíveis da exclusão (FARIA, 2002).

Apresentamos agora a distinção entre a notícia e a reportagem. O gênero discursivo notícia difere-se em uma série de aspectos da reportagem. A notícia contém informações de vários acontecimentos relacionados à sociedade. Dentre suas importantes ferramentas está a palavra, que proporciona ao leitor o contato com outras culturas, o conhecimento de um fato e uma reflexão sobre determinado assunto. Todo esse contexto oferece ao leitor uma “viagem” para a sua própria compreensão e refração. É relativamente estável, possui uma estrutura definida e se submete a mudanças conforme a mídia. A notícia parte do aspecto mais importante da informação, assim difere-se da reportagem por apresentar um fato ou sequência de fatos. Sobre o lide da notícia, Lage (2005) explica que corresponde ao primeiro parágrafo, que é considerado o tópico; nele estão ordenados os elementos da proposição: quem/o que, fez o que, quando, onde, como, por que (esses elementos são característicos do lide clássico). Abaixo, apresentamos alguns lides.

Quando o sujeito é o mais importante no lide, deve começar pelo sujeito, como apresentado abaixo, em texto extraído do jornal *O Estado de São Paulo* do dia 26/07/2012.

Mateus Silva Alves, ENVIADO ESPECIAL / CARDIFF - O Estado de S.Paulo

Mano Menezes estará sob pressão o tempo todo nos Jogos Olímpicos de Londres, mas ele não será o único. Neymar certamente vai atrair os olhares do mundo inteiro, e isso pode não ser tão bom quanto ele pensa.

Neste lide, o foco principal era Mano Menezes, que na época, estava sendo observado e pressionado a apresentar ótimos resultados para a seleção brasileira. Por isso, o lide começou com *Mano Menezes*, o sujeito mais importante.

Caso o verbo seja o mais importante é interessante que o lide inicie também pelo sujeito ou o complemento, assim como no seguinte lide: “João Silva, bancário de 32 anos, **matou**, ontem de madrugada, com dois tiros de revólver, sua mulher”. Neste exemplo, o que se destaca no lide é a ação do sujeito, a forma como se deu o fato.

Se o mais importante é o objeto direto, constrói-se o período na voz passiva, como no exemplo abaixo dado pelo autor:

“Dez casais de pássaros em extinção foram furtados durante o final de semana do cento de pesquisas do Ibama em Humaitá, no Amazonas, onde especialistas vinham tentando obter o acasalamento e reprodução dos animais em cativeiro. [...]”.

Vimos até aqui que a função do lide é de elucidar os fatos que serão detalhados ao longo do texto, por ordem de importância.

A pauta, que corresponde ao projeto de texto, é outro fator que diferencia notícia e reportagem. Segundo Lage (1993), as pautas na notícia são apenas indicações de fatos programados, da continuação de eventos já ocorridos e que se esperam ser fracionados. Conforme Lage (2005) consistem em:

- (a) Indicação de suítes – continuações ou desdobramentos de eventos da véspera (se um prédio desabou, a apuração das causas ou responsáveis pelo desabamento; se uma atriz famosa está na cidade, provavelmente dará uma entrevista coletiva, ou será interessante acompanhá-la em algum momento);

- (b) Sugestões de coberturas sazonais (o acesso às praias no verão, o preço das roupas no inverno, escolas de samba imediatamente antes e depois do carnaval, preço dos peixes na Semana Santa, dos ovos de chocolate na época da Páscoa);
- (c) Fatos de interesse público, descobertos a partir de observações pessoais (alguém viu novos barracos invadindo áreas de floresta); e
- (d) Eventos inesperados que chegam à redação por denúncias, pela apuração de rotina pelo telefone ou pelo computador.

Já nas reportagens, as pautas são mais completas, o planejamento alcança outro nível. Conforme Lage (1993, p. 47) “os assuntos estão sempre disponíveis e podem ou não ser atualizados por um acontecimento”. Na pauta da reportagem, é feito um planejamento sobre o modo pelo qual o assunto será tratado, o número de ilustrações que serão utilizadas, o tempo de apuração, o estilo da matéria, entre outros aspectos. Sobre o estilo, o autor explica que é menos rígido que a notícia. A composição da reportagem pode conter informações por ordem decrescente de importância, conforme pirâmide apresentada acima, mas também pode narrar uma história, como por exemplo, um conto ou fragmento de um romance.

Apesar de mostrarmos aspectos que diferem a notícia da reportagem, isso não quer dizer que uma notícia não possa motivar uma reportagem, por outro lado, também não significa que toda reportagem tenha como um gancho uma notícia.

Existem alguns modelos de reportagens que podem ser encontrados na esfera jornalística. Estes modelos podem ser trabalhados em sala de aula de forma alternada, para que os alunos possam ter o contato com vários tipos de textos jornalísticos.

Os modelos de reportagens são descritos por Sodré & Ferrari (1986) como: reportagens de fatos, reportagem de a o e reportagem documental. A reportagem de fatos refere-se a um relato objetivo dos acontecimentos; assim como a notícia, os acontecimentos são estruturados por ordem de importância como na pirâmide invertida.

Fatos narrados de forma sequencial são característicos da reportagem de a o; parte da informa o mais importante aos pormenores do fato. Este modelo tem a tendência de prender aten o do leitor por haver um ponto culminante, sendo

capaz de envolver o leitor de tal forma a capacitá-lo a reproduzir os fatos em sua mente. A reportagem documental é feita de maneira mais objetiva, tem caráter expositivo, contém citações que ajudam a elucidar o fato e é bem próxima da pesquisa.

Segundo Sodré & Ferrari (1986), os modelos de reportagens podem apresentar-se de forma combinatória, não obedecendo a um só padrão.

É muito comum encontramos reportagens jornalísticas que abarcam estes modelos descritos por Sodré & Ferrari (1986), porém existem outras formas de reportagem que têm o formato de conto ou crônica. Isso nos mostra que o gênero reportagem não está atrelado somente a um modelo-tipo, proporcionando possibilidades variadas ao professor de língua portuguesa para selecionar o tipo de reportagem que deseja trabalhar em sala de aula.

### **1.3 O poder de influência das cores**

Dizem que as cores exercem influência nas pessoas, em tomadas de decisões ou de opiniões sobre um determinado assunto. Existem até pessoas que as utilizam para curar algum tipo de enfermidade. Enfim, parece que as cores são usadas com variados objetivos. O certo é que ela está presente no mundo desde os tempos mais remotos até os nossos dias transmitindo significados que produzem interferências na vida humana.

Mas como as cores podem ter um significado? Não é raro ouvirmos que o vermelho é a cor da paixão, o preto representa o luto, ou o branco é a cor da paz.

Investigar as cores e conceituá-la não é algo tão novo ou recente, como afirma Guimarães (2000, p.2), “Não foram poucos os que se propuseram a investigar profundamente as cores, a visão ou a ótica”. Autores do mundo antigo como Demócrito, Aristóteles, Platão, Plínio, Pitágoras, são alguns exemplos de teóricos que iniciaram algum tipo de estudo relacionado a cores. Tratados de cores ou de pinturas foram surgindo a partir do século XV, quando nomes como o de Leonardo Da Vinci e o de Leon Battista Alberti aparecem para representar a pintura.

As cores também disseminam e atuam em outras áreas ligadas a filosofia, matemática e física, Descarte, Hocke, Nilton, entre outros teóricos de suas épocas, desenvolveram trabalhos ligados às cores. Goethe realizou um estudo baseado nos

pressupostos newtonianos sobre as cores e o dividiu em quatro partes. De acordo com Guimarães (2000), cada parte analisa os princípios cromáticos sob um determinado horizonte, os quais chamou de “cores fisiológicas”, “cores físicas”, “cores químicas” e “cores psicológicas”, sendo que esta última também recebeu o nome de atuação das cores sobre a alma.

Com o passar do tempo, no século XIX, o significado das cores sofreu algumas modificações nas teorias dos fisiologistas, assim, autores como James Clerk Maxwell e Edward Hering alteraram a história da compreensão das cores sobre o homem (GUIMARÃES, 2000). Outros trabalhos surgiram, já no século XX, sobre como a cor nas figuras e nas ilustrações tinham ganhado mais extensão na mídia. Da multiplicidade de teorias já existentes relacionadas às cores, o autor aponta para um estudo específico: a cor como informação. Para entender melhor o que é a cor, devemos compreender que ela exerce algumas funções, dentre elas, a capacidade de significar. Guimarães (2000) explica que Goethe já havia desenvolvido um trabalho em relação à aplicação simbólica e alegórica das cores:

A aplicação que concorda perfeitamente com a natureza poderia ser denominada simbólica, caso a cor seja utilizada em consonância com o efeito, e a verdadeira relação exprima imediatamente o significado. Ao se supor, por exemplo, que a púrpura designa a majestade, não há dúvida de que se trata da expressão correta. (GUIMARÃES, 2000, p. 15)

Essa aplicação simbólica das cores é fundamental para entender a sua função quando aplicada em um determinado objeto.

Dentro da esfera jornalística, as cores que compõem a reportagem não são aplicadas de forma casual. Certamente deve haver uma aplicação intencional. Quanto a isso, Guimarães (2000) explica: a informação que aparentemente não está manifestada será percebida e decifrada pela visão, interpretada pela cognição e será transformada em uma informação atualizada.

Quanto à construção de significados das cores, Guimarães (2000, p.4) mostra que “[...] a apreensão, a transmissão e o armazenamento da informação “cor” (como texto cultural) são regidos por códigos culturais que interferem e sofrem interferência dos outros tipos de códigos da comunicação humana (os de linguagem e os biofísicos)”. A partir desse princípio podemos entender que a cor em sua construção recebe intervenções e resultados provenientes de outros códigos, além dos códigos culturais.

A cor como informação cultural parte do princípio de Jurij Lotman citado por Guimarães (2000, p.16):

Antes de mais nada é preciso notar que qualquer texto cultural (no sentido de tipo de cultura) pode ser examinado tanto como uma espécie de texto único, com um código único, quanto um conjunto de textos, com um determinado conjunto de códigos, a eles correspondentes.

É nesse sentido que o autor explica a cor como texto, como uma informação cultural. Um exemplo, é um cravo branco em um jardim, sabemos que ele contém uma informação visual, no entanto só terá sentido quando há uma intenção. Caso a flor seja aplicada em um terno de um noivo no dia de seu casamento passa a ser um texto e o branco um signo desse texto. Segundo Guimarães (2000), o produtor/emissor não é mais a flor, mas a pessoa que a usou.

Quando entramos em contato com as cores, a informação cromática age como em um processo para constituir um signo. Assim, a informação passa pela nossa visão, que será atualizada pela percepção e interpretação de sua materialidade. (GUIMARÃES, 2000). Vemos, portanto, que no processo informacional há todo um caminho a ser percorrido. A percepção tem um papel fundamental, pois é por meio do aparelho ótico junto ao cérebro que alguns aspectos da cor são decodificados.

Ao entendermos que a cor faz parte do universo da linguagem visual, podemos compreender o poder de influência que ela pode exercer em um determinado grupo social. O sentido da cor também pode variar conforme a cultura de uma sociedade, assim, uma comunidade ao interpretar o significado de uma determinada cor pode ter recebido influência do grupo da qual participa. Mas, como afirma Guimarães (2000, p. 87), “[...] a simbologia das cores dependerá do armazenamento e a transmissão do seu conteúdo que pode, afinal, transpor períodos de tempos maiores ou ter validade por um período menor, assim como pode variar em relação ao repertório compartilhado por aqueles que participam do processo da comunicação”.

Por mais que haja discrepância entre as culturas de determinados lugares, por exemplo, o preto, que pode ser visto como algo positivo em outras culturas, na cultura ocidental pode ter outro significado. Um exemplo disso aconteceu no ano de 1992, o chamado “domingo negro”, em resposta ao então, ex-presidente Collor, que conclamou a população a vestir-se com roupas que lembrassem as cores da

bandeira brasileira em favor de seu governo que se encontrava abalado. Contrariando a proposta do presidente, todos se vestiram de preto, manifestando, assim, o seu modo de pensar.

Na ocasião, o preto ganhou realce no colorido que simbolizava o governo do ex-presidente Collor. Guimarães (2000) comenta que “[...] como a cultura, o símbolo não está morto e, assim, o bom humor, o escárnio e o deboche fizeram até mesmo o preto, símbolo ocidental de luto e de morte, vestir-se de vida e alegria neste texto cultural de uma manifestação popular de protesto político”. Mesmo a cor preta tendo um significado de obscuridade, ela parece contrastar nesse contexto, pois se transforma em expressão de entusiasmo por parte dos brasileiros que naquele dia foram às ruas.

A cor também pode apresentar-se de forma oposta. Guimarães (2000) explica que a cor pode ser binária, polar e assimétrica. Assim, a correspondência cromática da binariedade vida-morte está na oposição branco-preto.

É um tanto curioso como a cor preta foi vinculada à simbologia ocidental. Desde o princípio, a morte tem um laço com as trevas, então, o preto tem como significação: a morte e as trevas, por ser a cor do desconhecido, que provoca medo. Já o branco é a cor da vida e da paz. (GUIMARÃES, 2000). Para mostrar a binariedade, o autor, apoiado nas escrituras sagradas, a bíblia, faz a seguinte citação: *E viu Deus, que a luz era boa; e fez a separação entre luz e trevas*. Nesta referência o branco representa valor positivo e o preto, o negativo. Esse valor alcançou o campo linguístico, quando se diz, por exemplo, “a coisa está preta” está se querendo dizer que algo deu errado ou intensificou-se.

Além da oposição entre o branco e preto, o vermelho e o preto tiveram seu espaço em rituais de casamento no passado, mas, paulatinamente o vermelho foi dando lugar ao branco, que representa a pureza e a virgindade. Naquela época, segundo Pastoureau, citado por Guimarães (2000), não havia a necessidade de se ostentar a condição de virgindade na cerimônia. Em nossos dias, a tradição do branco está enraizada em nossa cultura, porém associada a outros valores que não se restringem a uma só condição.

Descrevemos agora a concepção de algumas cores conforme Guimarães (2000). A cor amarela é considerada luminosa, portanto se identifica com a luz, mas também pode ser considerada uma cor fraca em relação à vermelha, quando se

trata da sinalização do trânsito. O vermelho é considerado uma cor que dá ideia de força e de dinamismo, mas com o peso da obscuridade, também se traduz em violência.

Com relação à parte cultural, podemos reafirmar que a simbologia das concepções relacionadas às cores pode variar conforme o armazenamento e a transmissão de seu conteúdo. Particularmente, a variação pode estar ligada a um contexto, como Guimarães (2000) apresenta neste exemplo de uso da cor vermelha: suponhamos que um garoto precise entregar um pacote em determinado endereço onde ele nunca estivera. Ao chegar ao local, ele lê uma placa que recomenda entrar sem bater. Ao entrar, se depara com uma sala totalmente vermelha. O vermelho pode provocar um aumento no seu ritmo cardíaco. O entregador pode vincular o vermelho ao sangue e daí extrair a conotação de violência e de perigo. Poderá ainda imaginar várias outras situações: que se trata de uma sala de seita demoníaca, ou do Comando Vermelho e o que ele segura pode ser uma carta bomba. No entanto, se em vez do pacote, o entregador tivesse que entregar flores nesse mesmo ambiente, os códigos primários e secundários o induziriam a pensar em outras realidades.

É por esse exemplo apresentado pelo autor que achamos que a cor depende de todo um contexto para chegarmos a uma interpretação.

O vermelho pode também apresentar um sentido positivo. Segundo Pastoureau, citado por Guimarães (2000), a cor busca sua força no sangue de Cristo, para a cultura cristã; o vermelho-fogo é a cor do Espírito Santo; o vermelho mais amarelado carrega consigo o calor e o brilho do sol; o amor é representado pela cor vermelha por meio do coração. Atualmente, o vermelho é aplicado à fita que representa a luta contra a AIDS, e carrega consigo os conceitos de prevenção e de solidariedade.

Podemos perceber até aqui que as cores têm uma grande carga de significação. Como já foi comentado anteriormente, entendemos que seus significados podem depender de uma série de fatores que envolvem a cultura e o contexto.

## 1.4 A imagem fotográfica

A fotografia é um gênero dentro da esfera jornalística que tem como função complementar o texto verbal, para que o leitor possa ter melhor compreensão do fato abordado pela reportagem. Dependendo de como a fotografia foi aplicada junto à reportagem pode causar algum tipo de impacto no receptor. Um dos conceitos que se tem da fotografia é que ela retrata uma realidade. Essa realidade deve ser reproduzida de forma que texto e imagem fotográfica relacionem-se intrinsecamente.

A imagem fotográfica é vista ao longo do tempo como uma forma real de demonstrar a veracidade da realidade de um fato. Com o prestígio de ganhar credibilidade, a fotografia consegue veicular ideias, formar e ajudar a compor a opinião pública. Com isso, parece-nos que a imagem tem certo poder diante às pessoas, e, de fato, Kossoy (2002) comenta que as imagens junto à massa têm grande credibilidade, assim, os conteúdos são aceitos e incorporados como a expressão de verdade.

A imagem fotográfica deve ser explorada de forma bem sucinta, porque por detrás daquele momento que foi congelado existe toda uma história que cabe ao leitor da fotografia desvendar. Segundo Kossoy (2002), as imagens são apenas um ponto de partida para revelar o passado. Elas mostram apenas uma parte extraída das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram congelados no momento de sua ocorrência. E, de fato, as imagens devem ser interpretadas por cada leitor de forma minuciosa para que assim, eles possam concordar ou discordar de algum fato vinculado a uma imagem, pois as fotografias não podem ser aceitas repentinamente como espelhos fiéis dos fatos pelo fato de carregarem significados implícitos e calculados, a serem desvendados pelo leitor (KOSSOY, 2002). Esse trabalho minucioso é importante para a compreensão da imagem, pois, sabemos que muitas vezes, podem haver interesses particulares defendidos por um grupo que pode atribuir outros significados que não correspondem aos fatos retratados na fotografia.

Uma imagem fotográfica não é feita por acaso, sabemos que para uma imagem ganhar significado, e tornar possível uma situação, devemos observar os elementos que a compõem, os quais são: “o assunto que é o objeto de registro; a tecnologia que viabiliza tecnicamente o registro e o fotógrafo, o autor quem, motivado por razões de ordem pessoal e/ou profissional, a idealiza e elabora”

(KOSSOY, 2002, p. 25). O espaço e o tempo fazem parte desse processo, porque toda a fotografia tem a sua gênese localizada nestes dois elementos.

O trabalho do fotógrafo envolve todo um processo de composição, ou seja, não podemos pensar ingenuamente que uma imagem fotográfica foi fruto do acaso. Kossoy (2002) explica que o processo de criação do fotógrafo envolve uma aventura estética, cultural e técnica que origina a representação fotográfica, para então torná-la um documento:

[...] o fotógrafo, pois, em função de seu repertório pessoal e de seus filtros individuais e, apoiado nos recursos oferecidos pela tecnologia, produz a imagem a partir de um assunto determinado. A interpretação final, entretanto, ainda sofrerá interferências ao longo do processamento e elaboração final da imagem, seja no laboratório químico convencional, seja no eletrônico nas suas diversificadas formas. (KOSSOY, 2002, p.30)

Fica, portanto, evidente a possibilidade da interferência do fotógrafo sobre a imagem. É através do mundo visível que ele compõe, efetua, realiza o documento. Podemos então, afirmar que a imagem fotográfica é “[...] uma representação resultante do processo de criação/construção do fotógrafo” (KOSSOY, 2002, p. 30)

Esse trabalho de intervenção do fotógrafo de alterar ou modificar uma imagem, provavelmente deve ser uma forma de valorizar a fotografia e ajustá-la ao fato, para assim, causar algum tipo de reação do leitor. Mas, ao intervir na criação e na construção de uma imagem, ele deve ter um compromisso para com o público leitor, ter conduta moral para executar o seu trabalho de maneira profissional e ética, pois é responsável pela imagem a ser veiculada. Por isso, Kossoy (2002, p. 31) afirma que “a fotografia, antes de mais nada, é como uma representação a partir do real”, isto é, o fotógrafo é o responsável pela credibilidade que as imagens terão junto aos fatos.

A fotografia tem uma grande credibilidade enquanto documento fiel aos fatos sob a intervenção do fotógrafo. Kossoy (2002) explica como se dá a mediação entre a imagem e o profissional. A imagem fotográfica é o resultado de um somatório de construções e montagens; é ele [o fotógrafo] que produz a imagem por meio de seu filtro cultural, estético e técnico. Em outras palavras todo processo de criação é feito por ele. No entanto, segundo o autor, isso não quer dizer que devemos lançar dúvidas sobre a ocorrência do assunto representado, pois uma vez representado na imagem, torna-se real.

Toda imagem fotográfica corresponde a um registro que contém um assunto interpretado e idealizado, resultando numa nova realidade, a qual Kossoy (2002) chamou de *segunda realidade*. Sobre o real, o autor declara que a fotografia apresenta duas realidades: primeira e segunda, que são exterior e interior. A primeira refere-se ao próprio passado correspondente a um assunto em si, na dimensão da vida passada; tem a ver tanto com a história particular do assunto quanto com o contexto deste assunto, no momento do ato de seu registro. Nessa realidade, o fotógrafo utiliza ações e técnicas junto ao fato, no processo de criação, que envolve o tempo e o espaço.

O fato está relacionado ao real e a imagem da fotografia sempre contém uma história que possui uma forma oculta. Kossoy (2002) afirma que é uma realidade complexa e abrangente, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente. A imagem fotográfica faz parte de um único momento da primeira realidade, e corresponde ao instante que se dá o registro, o instante que foi gerada. Ao final desse processo sobre o ato da imagem, passa-se para a segunda realidade.

A segunda realidade corresponde ao assunto representado que é o fato definitivo e construído pelo fotógrafo; ocorre na superfície da imagem fotográfica. Segundo Kossoy (2002), toda e qualquer fotografia será parte de uma segunda realidade. Podemos, então, entender que uma fotografia contém um assunto configurado em um conteúdo explícito da imagem contida em uma micro-história do passado. É esse aspecto visível da imagem que a torna um documento, essa é a natureza comum das fotografias que nomeia a segunda realidade.

Sendo assim, toda a criação da imagem fotográfica faz parte de um processo de construção que envolve uma transposição de uma realidade que corresponde ao assunto que será selecionado no contexto da vida (primeira realidade) até a construção final que corresponde à segunda realidade.

Sobre a interpretação da imagem fotográfica, de que ponto o receptor pode iniciar o processo? A construção da interpretação da imagem elaborada por ele deve estar em conformidade com seu repertório pessoal, cultural, seus conhecimentos, concepções ideológicas, estéticas, convicções morais, éticas, religiosas, etc. (KOSSOY, 2002). Isso nos mostra que cada indivíduo faz uma interpretação diferenciada das imagens fotográficas, pois, segundo o autor, cada ser humano é dotado de imagens mentais preconcebidas na mente que funcionam como filtros

ideológicos, culturais, morais e éticos. É importante frisar que o filtro descrito por Kossoy (2002) é exclusivamente pessoal de cada ser humano no que se refere ao conhecimento, ou seja, ao repertório particular.

Sabemos que o conhecimento individual é importante para a interpretação de uma imagem fotográfica, porém, Kossoy (2002) apresenta outro ponto: a imaginação. Esta é responsável pelas reações emocionais gerando impactos diferentes. É por essa razão que entendemos que não há uma única interpretação de uma imagem fotográfica. Segundo Kossoy (2002, p. 46) “a imagem fotográfica ultrapassa, na mente do receptor, o fato que representa”.

As imagens fotográficas que fazem parte de uma reportagem não se encerram com o trabalho final do fotógrafo, ainda existe uma parte responsável pela editoração da imagem, a qual Kossoy (2002) chama de pós-produção. Assim declara o autor:

[...] tratam-se de alterações físicas em sua forma, como por exemplo, os cortes ou mutilações que se fazem em seu formato original com o objetivo de que ela simplesmente se encaixe em determinado espaço de página, ou que mostre apenas parte do assunto, segundo algum interesse determinado do editor (KOSSOY, 2002, p. 54)

Desta forma, as imagens sofrem adaptações que serão adicionadas à reportagem, mas até chegar ao produto final, a imagem fotográfica já passou por todo um processo até juntar-se à reportagem.

As alterações descritas acima, com certeza têm um objetivo. Kossoy (2002) explica que são devido ao título que recebem dos textos que ilustram, das legendas que as acompanham, da forma como são paginadas, dos contra pontos que estabelecem quando diagramados com outras fotos etc.

As imagens selecionadas e adaptadas serão responsáveis por direcionar a leitura dos receptores com o objetivo de influir na mente do leitor quando este processa a construção da interpretação da imagem fotográfica. Kossoy (2002) declara que é por esta razão que a imagem é reelaborada em conjunto com o texto e aplicada à matéria como comprovação de algo para oferecer uma interpretação pré-pronta para exercer indução sobre o leitor.

A partir do que foi exposto por Kossoy (2002) sobre as imagens fotográficas, podemos perceber que há uma grande carga de significação em sua composição, ainda mais quando associadas a uma reportagem e o papel que elas podem exercer

na opinião do leitor. Sua utilização em sala de aula é bem relevante, pois auxilia aos alunos a formarem um juízo de valor a respeito de um fato abordado em uma reportagem.

Observemos agora a imagem em destaque apresentada pelo jornal *O Estado de São Paulo*:



página inteira do jornal

É curioso observamos a imagem publicada no dia 12/03/2008. Ela traz várias informações que podem ser exploradas em sala de aula, como: a fragilidade e a coragem de uma mulher perante uma tropa de soldados; a criança carregada pela mãe, sem saber o que passa ao seu redor; o semblante da mulher; a maneira como age diante dos escudos; um único policial mostra o rosto; a arma do soldado que tenta tocar na mulher. Podemos entender pela leitura da imagem que há algum tipo de conflito envolvendo dois lados, representados pela fragilidade e pelo poder. Mas, se observarmos o título da reportagem, não encontramos concordância entre a manchete que traz em destaque *Governo tenta conter queda do dólar* e a imagem fotográfica. Isso é uma situação que tem se tornado algo muito comum em alguns

jornais, não sabemos ao certo o objetivo, mas podemos sugerir que pode ser uma forma de estratégia para chamar atenção do leitor a se aproximar do jornal e ler a manchete principal.

Faria (2002, p.94) explica que “a leitura, análise e interpretação de uma foto jornalística é uma das atividades mais ricas para serem feitas em sala de aula”. A leitura de um texto não-verbal tem um peso muito grande na composição da reportagem e será importante para a compreensão leitora do aluno. Há dez anos passados, não era comum fazer a leitura de uma imagem. Faria (2002) comenta que até pouco tempo falar de leitura de imagem era algo que parecia incomum.

A visão de um fato é retratada em uma imagem trazida pelo jornal, apresentando uma realidade para os leitores, portanto pode-se afirmar que a leitura de uma imagem é bem diferente do texto escrito, pois ela não lida com a informação de forma linear como ele. A leitura da foto jornalística é feita de cima para baixo, da esquerda para direita, em todas as direções (FARIA, 2002). Vemos, então que a utilização da fotografia como um recurso em nossas aulas de leitura contribui para que nossos alunos possam buscar outros enunciados que os auxiliarão na sua compreensão e conseqüente posicionamento diante dos fatos.

A maneira como foi organizada a foto é importante para a compreensão da reportagem e para sua expressividade. Faria (2002) comenta que a escolha da foto relacionada ao fato será responsável pela informação e o impacto emocional que trarão ao leitor. Faria (2002), apoiada em Vilches (1997), enfatiza a importância dos valores da composição fotográfica, responsáveis pela tensão contida nas fotos. A autora apresenta dois valores contidos em uma fotografia, e os chama de cromáticos e de espaciais. A respeito do primeiro comenta:

São importantes para a expressividade da foto, seja ela colorida ou preto-e-branco. Os contrastes entre claro e escuro, a simbologia das cores, o uso da nitidez ou desfocamento dos motivos, a localização dos focos de luz e particularmente o jogo e sombra dizem muito sobre a notícia. (FARIA, 2002, p. 99)

O segundo contém uma condensação espacio-temporal, assim, explica Faria (2002, p. 101) “trata-se do formato da foto, dos enquadramentos das cenas das pessoas, dos planos utilizados, da perspectiva escolhida, dos recursos variados da profundidade do foco”.

A autora também nos apresenta uma forma de fazermos a identificação do assunto através da descrição de uma foto. Após fazer a leitura da imagem, faz-se a avaliação do tema, por meio de perguntas básicas e depois de ler a legenda:

<i>Tema</i>	<i>O QUE está sendo mostrado?</i>
<i>Lugar</i>	<i>ONDE está acontecendo?</i>
<i>Data</i>	<i>QUANDO?</i>
<i>Personagem (ns)</i>	<i>QUEM participa do evento?</i>
<i>Ação</i>	<i>COMO se dá o evento?</i>

Para uma melhor compreensão de uma imagem, podemos analisar outros detalhes como:

- *Ambiente*: natural/artificial – interior/exterior – inexistente;
- *Personagem*: direção do olhar, sua expressão. Gestos em geral (tipo, expressão);
- *Objetos*: seu papel na foto, sua hierarquia em relação aos outros componentes da foto.

Todo esse trabalho envolve o conjunto de conhecimentos de cada leitor, cabendo ao professor conduzi-lo de forma a alcançar o objetivo de leitura.

Fazer a leitura do texto verbal é importante no processo de leitura, ainda mais quando associada à linguagem visual, que compõe a reportagem. Pois, seja numa fotografia, seja numa imagem, sempre haverá uma carga de significação como forma de reforçar o fato.

A diagramação também é outro aspecto presente na esfera jornalística, ou seja, a maneira como estão projetados os textos, as fotos, os desenhos e outros elementos que contribuem para uma leitura mais eficaz. De acordo com Faria (2002, p.75) “uma diagramação agradável favorece a leitura sem que haja muito esforço para decodificar os modos pelos quais o jornal se mostra, inclusive orientando o caminho da leitura”. Para posicionar uma foto ou outro elemento que compõe a reportagem é feito um estudo pelo editor para que a primeira vista do leitor seja direcionada à imagem, e depois ao texto escrito.

Os PCNEM (2006) descrevem que as imagens relacionadas a um texto enriquecem a linguagem. Os elementos que se destacam nos textos têm uma carga de significação muito grande, pois sua linguagem perpassa conteúdos e os temas. Por exemplo:

[...] ao aproximar um texto literário de outro texto, construído em linguagem não-verbal, analisando os recursos expressivos de cada um deles com base em critérios de semelhanças e diferenças, podem ser relacionados textos e contextos de uso. Tais conceitos podem ser desenvolvidos comparando-se por exemplo o texto de Graciliano Ramos, em *Vidas secas*, com as imagens de Cândido Portinari, em *Os retirantes*; (PCNEM, 2006, p. 59)

Em outras épocas, talvez se considerasse um bom texto aquele formado somente pela linguagem verbal. Não faz muito tempo que a valorização da leitura de uma imagem tornou-se algo essencial, Faria (2002) comenta que o texto constituído por linguagem verbal tinha uma grande valoração, contudo os próprios PCN (2006) enfatizam a importância da linguagem não-verbal dentro dos textos.

Diante disto, há mais de meio século mudanças muito significativas já aconteciam no sentido de aprimorar a forma de se produzir e de se ler os textos que circulam socialmente. De acordo com Mozdzenski (2008):

Ilustrações, fotos, gráficos e diagramas, aliados a recursos de composição e impressão, como tipo de papel, cor, diagramação da página, formato das letras, etc., vêm sendo sistematicamente conjugados aos gêneros escritos. (MOZDZENSKI, 2008, p.21)

Cada elemento que compõe o texto tem uma significação que leva à construção do sentido. Conforme Dionísio (2005, p. 159 apud MOZDZENSKI, 2008, p.21) “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima” e a construção dos sentidos produzidos por essa junção se amplia, o que torna clara a multiplicidade de leituras dos textos, como comenta o autor.

Esses elementos que compõem o texto proporcionarão uma melhor compreensão do gênero discursivo reportagem a ser utilizado em sala de aula, porém cabe ao professor de língua portuguesa orientar seus alunos quanto à observação dos elementos não verbais contidos no texto para assim já dar início ao processo de formação de opinião de cada sujeito.

## **1.5 O uso do jornal no ambiente escolar**

O uso de gêneros da esfera jornalística na sala de aula propicia ao aluno a proximidade com vários tipos de textos contidos no jornal, como a reportagem. Sem contar que, com o contato dele com diferentes linguagens por meio de gráficos e fotografias, que associados a uma reportagem contribuem para a sua compreensão

leitora. Trazer o jornal ao ambiente escolar propicia também ao aluno o contato com fatos ligados ao seu dia a dia e que podem ser discutidos dentro da sala de aula.

Vários são os teóricos que propõem o uso de textos da esfera jornalística em sala de aula, como instrumentos pedagógicos para o ensino. Dentre eles, destacamos Faria (2011), que teve suas pesquisas voltadas para a aplicação de gêneros que compõem o jornal, dentre eles a reportagem, nosso objeto de estudo. A autora afirma que:

A leitura de jornal oferece, ainda, um contato direto com o texto escrito autêntico (e não com textos preparados apenas para serem usados na escola). Desenvolve e firma a capacidade leitora dos alunos; estimula a expressão escrita dos estudantes, que aprendem com o jornal a linguagem da comunicação para transmitir suas próprias mensagens e informações (FARIA, 2011, p.12).

A utilização do jornal em sala de aula leva o aluno a desenvolver várias habilidades leitoras. Faria (2011) explica que o aluno consegue formar operações e processos mentais que concorrem para o desenvolvimento da inteligência. Selecionamos abaixo alguns pontos positivos que a autora aponta para a utilização do jornal em sala de aula.

- identificar, isolar/relacionar, combinar, comparar, selecionar, classificar, ordenar;
- induzir e deduzir;
- levantar hipóteses e verificá-las; e
- reproduzir, transformar.

Um dos objetivos da utilização do jornal no ambiente escolar é, também, reconhecer a importância na construção de valores e sentidos (PCNEM, 1999). Os valores e sentidos só ganham significação quando o professor utiliza mecanismos (estratégias) que contribuam para a compreensão ativa do aluno.

Hoje o emprego das linguagens dos meios de comunicação principalmente nas aulas de língua portuguesa é necessário para o bom desempenho do aluno do ensino médio.

A ênfase dada pelos PCN (1998) ao uso de gêneros discursivos de circulação social nas aulas de língua portuguesa se tornou algo muito positivo, pois, trazer esses gêneros para o ambiente escolar significou conduzir o aluno a uma realidade da qual ele faz parte, e transferi-los, de certo modo, para o ensino da língua, oferecendo novas perspectivas quanto ao ensino. Sobre isso, Citelli (2000, p.158) já

menciona que “as linguagens não-escolares estão presentes de forma definitiva na vida dos alunos e provocam situações novas”.

Entendemos que as linguagens não escolares devem fazer parte do universo do aluno a fim de auxiliá-lo no seu processo de aprendizagem, assim, modos de expressão, código, signos podem ser empregados de forma dinâmica nas aulas.

Sabemos que tanto nós como os alunos vivemos cercados pela linguagem da mídia, como a jornalística, que tem forte influência na tomada de decisões e pode provocar alteração nos comportamentos. (CITELLI, 2000)

Ressaltamos que é no ambiente escolar que se proporcionará ao aluno o contato com os textos não escolares, como exemplo, o gênero discursivo reportagem, objeto do nosso estudo. Dolz e Schneuwly (1999) comentam que o aluno está em um espaço em que o gênero funda uma prática de linguagem que é necessariamente, em parte, fictícia, uma vez que é instaurada com fins de aprendizagem.

Outra sugestão proposta por Faria (1996) é que seja elaborado um roteiro pelo professor que envolva desde a visita a um jornal até o seu manuseio. Desta forma, os alunos entenderão todo o processo, desde a produção até a sua concretização. Vale ressaltar que ao elaborar o roteiro, é necessário traçar muito bem os objetivos de cada atividade para que os alunos possam entender o real sentido da visita e não transformá-la em uma “folia”.

## **1.6 Contextualização dos jornais**

Neste momento, iremos apresentar os dados e as particularidades dos jornais que foram selecionados para esta pesquisa sobre o gênero reportagem. As informações aqui descritas do Jornal OESP foram extraídas do site da própria instituição. Já as do jornal *A Crítica* foram retiradas do site da Intercom. Quanto à seleção das reportagens elegemos aquelas relacionadas à política, ao esporte e às cidades.

De acordo com o site oficial, a fundação do jornal O Estado de São Paulo ocorreu no dia 4 de janeiro de 1875, sob o nome de *A Província de São Paulo*. Os fundadores do jornal formavam um grupo de republicanos, que eram liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, os primeiros redatores. Eles

decidiram criar um diário de notícias e se envolver no ideário republicano e abolicionista, com a publicação de textos contundentes. Nesse momento, estabelece-se a chamada linha mestra que, conforme informação contida no site, caracteriza o jornal até hoje: "fazer da sua independência o apanágio de sua força"

Em 1876, aconteceu um salto no jornal A Província que logo veio diferenciá-lo dos demais. O francês Bernard Gregoire saía com um barrete branco na cabeça, uma buzina na mão e um maço de jornais debaixo do braço montado a cavalo pelas ruas da cidade anunciando as notícias do dia. Para a época, foi motivo de escândalo; os outros jornais chegaram até a ridicularizar a figura do jornalista. Depois de três anos o jornal publicou seu primeiro anúncio colorido.

De acordo com os dados do site do jornal, no seu surgimento, ele era composto apenas de quatro páginas e a tiragem era em torno de 2.000 exemplares para uma população estimada em trinta e um mil. O jornal acompanhou o desenvolvimento e o crescimento da cidade e da população e foi um grande influenciador nas questões políticas do país. Foi, inclusive, considerado o maior veículo republicano das cidades brasileiras. O nome Província foi mantido até o ano de 1889, no ano seguinte o jornal passou a se chamar o nome OESP que é mantido até hoje.

Ao longo do tempo, o jornal *O Estado de São Paulo* vem participando da história de forma envolvente e ativa. Seu engajamento com temas nacionais foi tão forte que no dia treze de dezembro de 1968 foi impedido que circulasse por ordem da ditadura militar. Atualmente, OESP tem como novo presidente do Conselho de Administração do Grupo Estado, o administrador Aurélio de Almeida Prado Cidade.

O jornal *aCrítica* foi fundado em 19 de abril de 1949 pelo jornalista Umberto Calderaro Filho. No início, tinha condições muito precárias: seu primeiro exemplar foi rodado por uma máquina alugada do Arcebispado.

Para cobrir a concorrência, que era forte, decidiram que o jornal sairia em uma hora diferente, às 11h da manhã, passando a ser onzeorino. Logo no início do jornal, as notícias que aconteciam no Brasil e no mundo eram retiradas dos periódicos nacionais que vinham no avião da empresa Panair do Brasil.

Mais tarde, o jornal contou com a ajuda de escutas de rádio que passavam as informações para o periódico. Na década de 50 e 60, o jornal passou por uma difícil

fase pelo fato de *aCrítica* estar ao lado do povo em defesa do regime e da liberdade individual, por isso foi bastante atacado.

No entanto, depois de 65, o jornal consolidou-se, vincula-se à agência de Notícias Associated Press, adquirindo em São Paulo uma moderna impressora que podia imprimir 48 páginas em dois cadernos, de uma só vez, tirando por hora 40 mil exemplares a cinco cores.

Aos poucos o jornal foi ganhando espaço e, depois de três anos, *aCrítica* foi considerado o jornal de maior circulação do estado do Amazonas pelo Ibope. No aniversário de 25 anos do jornal, ao jornalista Umberto Calderaro Filho foi dado o título de "Cavaleiro de todas as madrugadas".

Na década de 1990, o jornal ganhou uma nova "cara" e um novo tamanho das páginas, seu logotipo passou a combinar a cor azul com letras mais quadradas utilizadas na cabeça do jornal. As fotografias foram valorizadas, ganharam legendas detalhadas. Os cadernos foram identificados por letras. No caderno A ficaram os editoriais: Opinião, Política, Brasil, Mundo e Economia. No B (Bem Viver), cultura C, Cidades. No D, dicas e classificados, e no E, esporte.

O jornal também passa a adotar colunas fixas de grandes nomes nacionais como Joelson Betting. Dentre os profissionais trazidos para o jornal, está Raimundo Valentim, trazido do jornal *O Estado de S. Paulo*, que passou a ser o novo editor de fotografia.

É considerado o maior e melhor jornal do Amazonas, pois circula em todos os Estados, é encontrado nas principais capitais do país e é nacionalmente conhecido. A proposta do jornal é regionalizar a informação fazendo cobertura no interior do estado. Em 2012, o jornal *aCrítica* completou 63 anos, fazendo e registrando a história do povo amazonense em suas páginas. Tem como proprietária a família Calderaro. O jornal tem sido administrado, desde 1995, por Cristina Corrêa e sua mãe Rita Calderaro.

## Capítulo 2

### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DE LEITURA

Ao longo do tempo muitos conceitos surgiram em relação à leitura. Autores como Solé (1996); Kato (1999) e Kleiman (1989) colaboraram nesse processo sob a perspectiva cognitiva. Koch & Elias (2007) e Marcuschi (2008) trataram o assunto de uma forma que pudesse envolver o leitor em seus conhecimentos e relacioná-los ao contexto sócio-histórico-cultural para assim agirem sobre mundo.

#### 2.1 Considerações sobre leitura

Ao buscarmos uma definição para a leitura, possivelmente encontraremos várias abordagens que trataram desse tema. Dessa maneira, podemos citar as pesquisas de Koch e Elias (2007); Kato (1999); Kleiman (1989) que nos mostram que ler envolve todo um processo.

A leitura já foi vista no passado apenas como um exercício mecânico em que o leitor restringia-se ao ato de decodificação. Segundo Koch (2002) a abordagem cognitiva do texto ganhou força nas pesquisas de Van Dijk e Kintsch (1983) e, com o passar do tempo foi substanciando-se e passou a dominar a cena na década de 90, com forte tendência ao sociocognitivismo.

A compreensão foi um fator importante no processo de leitura na concepção cognitivista, pois foi por meio dela que se deu a interação de conhecimento prévio adicionados às informações do texto.

Nas perspectivas de Kleiman (1989), Solé (1996) e Kato (1999), a leitura é um processo de construção que pode se dar por meio de inferências feitas no texto. Outro fator muito importante que contribui para a compreensão do texto é o conhecimento prévio que cada sujeito possui. São eles, segundo Marcuschi (2008):

- (1) Conhecimentos linguísticos;
- (2) Conhecimentos factuais (enciclopédicos);
- (3) Conhecimentos específicos (pessoais)
- (4) Conhecimentos de normas (institucionais, culturais, sociais)

### (5) Conhecimentos lógicos (processos)

O item (4) refere-se ao comportamento em alguns lugares; o (5) são como as coisas acontecem e se desenvolvem. Esses conhecimentos abordados por Marcuschi (2008) já é um conceito mais ampliado para o processo de leitura e compreensão que auxilia o aluno interagir sobre o mundo numa relação que envolve cultura e sociedade.

Kleiman (1989, p. 27) afirma que “[...] A leitura implica uma atividade de procura pelo leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes à compreensão de um texto, que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar”. Nesse sentido, a leitura parece ter sentido até certo ponto para o aluno-leitor. Vários tipos de conhecimentos que envolvam outros enunciados devem fazer parte no processamento textual desse leitor.

Para Solé (1996), a leitura é o processo onde há a presença de um leitor ativo que compreende a linguagem escrita e interage com o texto. Nesse processo de compreensão, o texto participa com a forma e conteúdo e o leitor com suas expectativas e conhecimentos prévios. Podemos perceber através dessa abordagem da autora a interação entre o leitor e o texto para a construção de sentido, que é feita a partir da atribuição do significado dado ao texto pelo leitor.

Na concepção de Koch e Elias (2007), se a leitura tiver como foco o autor, a língua é vista como representação do pensamento, onde temos um sujeito individual, dono de suas vontades e ações. A intenção desse sujeito é que deva ser compreendido pelo leitor da maneira como as ideias foram mentalizadas por ele. O resultado dessas ações é que o texto vai ser considerado um produto lógico do pensamento do autor e o papel do leitor será apenas de um ser passivo e captador de ideias. Caso o foco seja no texto, temos a língua como estrutura, ou seja, todo e qualquer fenômeno e comportamento individual repousa sobre a consideração do sistema, quer linguístico, quer social. Nesse sentido a língua é vista como um código sendo apenas uma ferramenta de comunicação e a presença de um sujeito (pre)determinado pelo sistema, onde o texto será um produto da codificação do autor a ser decodificado pelo leitor que lhe exige somente o conhecimento do código utilizado. Nos dois casos, queremos ressaltar que na primeira concepção abordada

pelas autoras, a de que o leitor deve reconhecer a intenção do autor não foram levados em conta experiências e os conhecimentos do leitor, já na segunda concepção, cabem-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto, não vemos, portanto uma relação de interação.

Após a exposição das concepções sobre leitura, é interessante frisar que, caso queiramos leitores ativos que valorizem a relação entre eles e o texto através da interação da qual irão construir-se e serão construídos pelo texto, considerando o mesmo como um lugar próprio da interação e constituição dos interlocutores, o foco da leitura deve estar na interação autor-texto-leitor. Dessa forma, a variedade de subentendidos trazidos pelo texto só serão emergidos, segundo Koch e Elias (2007) quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação, pois é pela interação entre texto-sujeito que o sentido do texto é construído. É nessa perspectiva sociocognitiva que a leitura é:

[...] uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (Koch e Elias, 2007, p. 11)

Entendemos que o processo de leitura não se restringe as partes visíveis do texto, a interação descrita pelas autoras é necessário para a produção de sentido e refração.

Para elucidar, e aplicar em sala de aula a fim de que os alunos interajam com o texto, extraímos o seguinte título de matéria do caderno de esporte do *OESP* do dia 21/06/2011 que mostra a pressão que os torcedores do Flamengo exerceram sobre o time.

## **Torcedores do Flamengo pressionam o time no Ninho do Urubu**

Apesar de título no estadual, começo ruim no Campeonato Brasileiro deixa torcida insatisfeita  
21 de junho de 2011 | 19h 07

AE - Agência Estado

RIO - O título estadual invicto do Flamengo já é coisa do passado para a torcida, insatisfeita com o início medíocre do time no Campeonato Brasileiro. Depois de quatro empates consecutivos, uma dezena de integrantes de torcidas organizadas do Fla foi nesta terça-feira ao distante Ninho do Urubu, em Vargem Grande, na Zona Oeste do Rio, tentar conversar com o técnico Vanderlei Luxemburgo e com os jogadores. Não tiveram sucesso.

Para construir o sentido no título da matéria, o aluno-leitor precisa levar em conta além das informações explícitas, os implícitos que relacionam Flamengo e urubu. Fica evidente que os torcedores coagiram o time por algum motivo. Para conhecer o que Flamengo e urubu têm em comum é necessário acionar os conhecimentos prévios, partindo das seguintes informações: cada time tem um representante chamado de mascote; o urubu é mascote do time; e o ninho é o lugar onde os jogadores se concentram e treinam. Assim, pode-se afirmar que os torcedores insatisfeitos foram até a sede do Flamengo para pressionar o time.

## **2.2 Breve comentário do modelo bottom-up e os leitores**

O foco do modelo ascendente ou bottom-up está na decodificação. Não podemos considerar que esse modelo gere algum tipo de dialogismo, no entanto pode ser que ainda existam professores de língua portuguesa que o traduzam como um aspecto mecânico de excelência para o processo de leitura, contudo associado ao modelo top down ganhou certa importância na concepção interativista. Assim explica Kato (1999), que a combinação entre informação do texto e conhecimento prévio apontam para esses métodos mencionados.

Nesse processo de leitura, o texto é o mais importante, ele vai até o leitor que ao final da decodificação deve entender claramente o conteúdo do texto. Nesse processo, Solé (1996) explica que os elementos que compõem o texto são processados letra por letra, e frases, num movimento ascendente, sequencial e hierárquico até chegar à compreensão do texto, assim se o leitor consegue chegar ao final do processo poderá ter a capacidade de entender o texto. Kato (1999) também comenta que nesse modelo, a leitura se dá de forma muito lenta, durante a qual indícios visuais serão aproveitados juntando-se em partes que paulatinamente formam o texto como um todo. Nesse sentido, o aluno esforça-se em chegar até a compreensão, centralizando e reproduzindo tudo o que está escrito. Contudo, a autora alerta sobre o perfil do leitor nesse processo, que fará a construção de significados com os dados apresentados pelo texto; preocupa-se com detalhes detectando erros de ortografia; é lento, e condensar as ideias do texto se torna uma dificuldade muito grande pelo fato dele não conseguir detectar o que é o mais importante no texto, talvez pense que a importância recaia sobre o todo do texto.

Sabemos que esse modelo teve a sua importância, no entanto não conseguimos ver a interação entre leitor e o texto. Em nosso trabalho voltado para o gênero discursivo reportagem, queremos que por meio do título da matéria, do título auxiliar e do lide venha à tona uma atitude ativa do leitor por meio de seus conhecimentos próprios adquiridos por ele. Para isso, requer do aluno-leitor ações relacionadas ao conhecimento prévio que o auxiliará na compreensão do texto. Assim ele poderá construir significados no texto, que não significa traduzir o que o autor quis dizer, mas essa construção “envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos” (SOLÉ, 1996, p.22)

Após revisitarmos o processo ascendente de leitura à luz das teorias de Solé (1996) e Kato (1999) entendemos que esse método silencia o leitor e o transforma em um ser passivo que consegue decodificar e talvez, se for astuto, compreender o que foi dito no texto como num processo emissor – receptor, também, compreender o conteúdo de um texto ou até mesmo retirar informações restringe o aluno na situação de leitura. Teorias que tratam a compreensão como decodificação mostram um sujeito sozinho e que faz uso da língua para construir sentidos, assim estaria priorizando a língua e a função informacional, onde o texto seria objeto do autor e portadores de significações e conteúdos objetivos, e o papel do leitor seria de entender e apreender os sentidos contidos nele, conforme Marcuschi (2008). No gênero discursivo reportagem, queremos que o aluno do ensino médio, ao iniciar o processo de leitura pelo título de uma matéria, já comece interagir com ele de forma que não se restrinja ao simples ato de decodificar, mas que o leve muito além da compreensão leitora, a uma atitude responsiva.

Compreender um texto, como sugere Marcuschi (1996), é mais do que extrair informações. A leitura, o ato de ler, envolve compreensão e inferências, Marcuschi (1996, p.77) comenta que “compreender não é o mesmo que decodificar palavras e frases do texto. Compreender é inferir, criar, representar e propor sentidos”. Não queremos aqui desprezar a decodificação, pelo contrário, apesar de terem definições e consequências diferentes há um ponto de contato quando somada a inferência, pois elas estão interligadas, elas se tocam e nós, leitores, fazemos as duas coisas.

De acordo com a nossa proposta em didatizar partes que compõem o gênero discursivo reportagem, selecionamos o título da matéria, o título auxiliar do Jornal O

*Estado de São Paulo*, de 25/06/2012 do caderno de esportes com o objetivo de mostrar as possíveis inferências que podem ser feitas dentro do processo de leitura.

## Dorival Júnior é confirmado como o novo técnico do Flamengo

Treinador entra na vaga deixada por Joel Santana e deve estreiar no cargo no domingo, contra o São Paulo

25 de julho de 2012 | 21h 58

Podemos fazer as seguintes inferências:

1. No título: a) O técnico anterior não atendeu as expectativas do clube; b) O técnico anterior não comandava bem o clube.
2. No título auxiliar: ao novo técnico será dado um grande desafio. (pela fama do time rival)

As inferências são necessárias para obter outras informações que estão implícitas no texto. Esse foi só um exemplo de que é possível usar o gênero reportagem nas aulas de língua portuguesa para as aulas de leitura.

Já vimos ao longo desta dissertação que a leitura vai além do ato de decodificar. Conforme Láuá (2004, p. 63) “o aluno precisa ter consciência de que cada texto apresenta variados níveis de significação além do que está explícito” e que é segundo Koch (2007) um lugar que abriga implícitos dos mais variados que serão percebidos quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo.

### 2.3 Modelo interativo de leitura e leitores

O modelo top down ou também chamado descendente, a importância recai sobre o leitor, que é dedutivo, assim declara Kato (1999). A leitura nesse modelo será feita com o uso do conhecimento prévio associado aos recursos cognitivos com a finalidade de fazer antecipações sobre o conteúdo do texto, como afirma Solé (1996). As informações que o leitor tem a respeito do texto são importantes, assim ele poderá fixar-se menos nele e construir uma interpretação a partir de hipóteses e antecipações prévias.

Nessa perspectiva, o uso da cognição é essencial para o leitor a fim de que forme a sua interpretação partindo das informações adquiridas por ele. É importante

frisar que cada leitor terá uma forma de desempenho no processo de leitura, pois não se pode medir o grau de conhecimento prévio que cada indivíduo tem.

Já o modelo interativo, para que o leitor construa uma interpretação é necessário que utilize seus conhecimentos prévios associados ao texto (SOLÉ, 1996). Nesse modelo, o leitor já faz algumas inferências e consegue alcançar uma leitura mais eficiente desenvolvendo estratégias que o ajude no processo de produção de sentido.

Em relação ao conhecimento prévio, podemos destacar os trabalhos de Kleiman (1989) voltados para esse assunto. A autora afirma que no processo de compreensão de um texto, o leitor deve utilizar o seu conhecimento prévio usando a leitura associada aos conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida.

Esse conhecimento que foi acumulado na memória abrange o conhecimento linguístico, textual e de mundo. Por meio desses conhecimentos o aluno-leitor já tem alguma capacidade de construir sentido a partir da leitura de um texto.

Sobre o conhecimento linguístico, o mesmo compreende o léxico e o gramatical, com eles podemos perceber como os dados linguísticos foram organizados no texto e as palavras que o compõem para a compreensão do aluno. O conhecimento textual envolve a tipologia do texto, Kleiman (1989) comenta que se o leitor adquirir bastante esse conhecimento e entrar em contato com todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão em relação a ele. Outro elemento fundamental é o conhecimento de mundo que o aluno-leitor deve ter, a experiência de vida contribui muito para a produção de sentido, no entanto, talvez não explicita tudo que é possível.

O processo de leitura contém dois princípios básicos que a autora comenta: a coerência e a formulação de hipóteses, o primeiro é o envolvimento do leitor aos seus objetivos e finalidades e instituir objetivos já é parte dos elementos que envolvem a metacognição. Solé (1996) já comentava sobre o levantamento de hipóteses no processo de leitura para construção da compreensão do texto e o controle do mesmo para mostrar como ela acontece.

Na prática, em sala de aula podemos levar uma reportagem a fim de auxiliar os alunos a levantar hipóteses acionando seu conhecimento prévio. Para efeito de exemplificação, retiramos do jornal *aCrítica* do caderno Especiais do dia 23/ 05/2010 a seguinte reportagem:

# Xamãs: da perseguição à tolerância religiosa

**Missionários católicos e evangélicos reprimiram, durante quase 300 anos, os rituais de cura dos pajés do Alto Rio Negro**

São Gabriel da Cachoeira (AM), 23 de Maio de 2010

A história religiosa recente do povo baniwa é marcada por episódios de violência, terror e resistência. Desde o início do contato com os “brancos”, em meados do século XVIII, a etnia teve de se defender dos traficantes de escravos, militares, garimpeiros e das doenças que dizimaram parte de sua população.

Quem são os Xamãs? Que tipo de perseguição estão sofrendo? Qual a causa da perseguição?

Após levantar hipóteses a partir da leitura do título da matéria já podemos verificar no título auxiliar e no lide se correspondem ao assunto abordado no texto.

Outra forma de construir sentidos pela interação é exposta por Fávero (1995) que nos explica que os modelos cognitivos globais representam de maneira organizada o conhecimento prévio do leitor que são armazenados na memória humana, dentre eles podemos destacar: os frames, esquemas, scripts e os cenários.

Os frames, segundo Fávero (1995, p.63-64), “são modelos globais que contêm o conhecimento comum sobre um conceito, como Natal, Carnaval, Imposto de Renda, Fundo Monetário Internacional, INPS etc.” Caso o leitor saiba o conceito de uma palavra, por exemplo, imposto de renda, ele ativará em sua memória, várias partes para formá-la em sua mente, leão, pagamento, governo, restituição, malha fina, carnê, embora esses elementos individualmente sejam conceitos, no entanto quando reunidos forma um frame sobre imposto de renda. Adverso ao frame, os esquemas são elementos ordenados ligados por uma relação de proximidade temporal e causal em forma progressiva que possibilita ao leitor organizar hipóteses, por exemplo, no seguinte título de matéria do jornal *aCrítica* extraída do caderno política do dia 04/12/2011.

## *Marcos Valério passou o fim de semana em cela comum*

Os presos são acusados de formação de quadrilha, corrupção ativa e passiva, falsidade ideológica e falsificação de documento público com o intuito de se apossar de terras de outras pessoas, bem como por usarem documentos como pagamento de dívidas.

*04 de Dezembro de 2011*

No espaço de tempo que sucedeu o fato aconteceram várias coisas antes de sua concretização, assim, podemos acionar o esquema que envolve: sair de casa, ser algemado, entrar no carro da polícia, entrar no presídio, ficar detido, dormir na prisão.

Os scripts determinam os papéis dos participantes e as ações esperadas por eles em uma situação. No texto: Era um aluno aplicado, compreende-se que o aluno estudava, fazia todos os trabalhos, tirava boas notas. Descrever lugares é a função dos cenários, Para a compreensão do mesmo há a necessidade de ativar cenários apropriados.

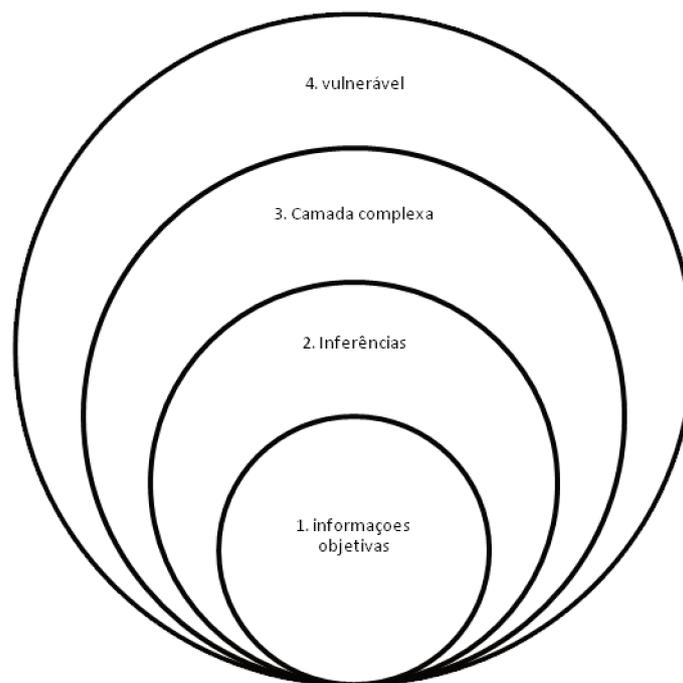
Os modelos apresentados adicionados à leitura talvez não sejam suficientes para ativarmos a compreensão leitora. Segundo Fávero (1995), na compreensão de um texto é necessário que se revise as informações que ficaram guardadas na memória, a partir dos elementos presentes, assim, na ausência do conhecimento prévio por parte do leitor ocorrerá o insucesso no processo de leitura.

É importante frisar que a interação entre conhecimento e a informação contidas no texto terá como resultado uma compreensão que vai além do que está no texto, é nesse processo de interação que ocorrem as inferências. Conforme Marcuschi (1996, p.74), as inferências são “atividades cognitivas que realizamos quando reunimos algumas informações conhecidas para chegarmos a outras informações novas”. Mas é bom lembrar que existem variados níveis de inferências que vai da mais fácil até a mais complexa.

Ao iniciarmos o processo de leitura devemos observar o conteúdo das informações para assim associarmos às informações não-textuais, ou seja aquelas que fazem parte da situação em que o texto é produzido, para assim construirmos os sentidos, por meio da inferência, com isso estabelece-se a compreensão, essa atuação do leitor sobre o texto é um exemplo de como devemos conduzir nossos

alunos no processo de leitura. Nesse sentido, quando Marcuschi (1996) explica que a compreensão é uma atividade criativa, de seleção, de reordenação e reconstrução e acima de tudo uma relação dialógica com o leitor, fica evidente que no processo de leitura não deve haver adivinhação.

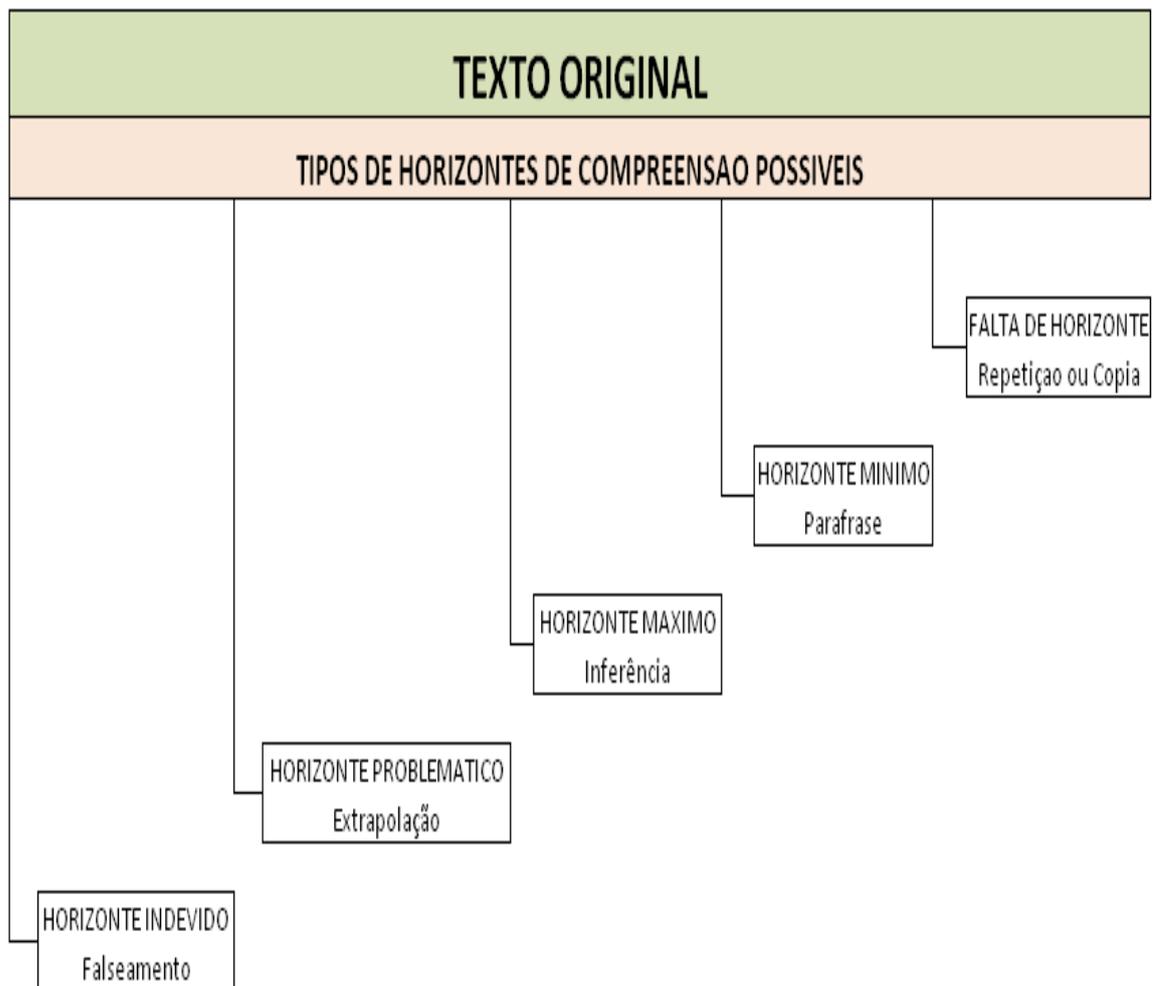
Um texto pode oferecer ao leitor imensuráveis leituras que até mesmo não conseguimos saber quantas nos permite fazê-lo. No entanto, deve-se ter muito cuidado, porque existe a possibilidade de fazermos interpretações errôneas a respeito de nossa própria leitura, pois existe algumas que não são possíveis de se fazer, como afirma Marcuschi (1996). Entender o contrário de uma afirmação é um exemplo. Para compreendermos essa ideia, elaboramos o gráfico abaixo representado em forma de camadas. As camadas mostram como o texto pode ser visto pelo leitor.



1. Camadas internas – contém as informações objetivas que formariam um núcleo de objetividade que qualquer um de nós teria de admitir sem mudar o conteúdo.
2. Segunda camada, as inferências – mais passível de receber interpretações diversas, mas válidas; este é o terreno das inferências.
3. Terceira camada - mais complexa e está sujeita a muitos equívocos, pois ela vem misturada com nossas crenças e valores pessoais ou de nosso grupo.

4. Quarta camada (externa) - é a mais descartável, mais vulnerável e sobre ela podemos discutir muito, pois ela está no domínio das extrapolações, das imagens das ideias vagas.

De outra maneira, apresentaremos outro gráfico que abarca os cinco horizontes de compreensão sobre como acontece o processo de leitura.



Fonte: Marcuschi (1996, p. 75)

O *texto original* é aquele que recebemos para leitura. Certamente, podemos ler esse texto de várias maneiras. Essas diferentes maneiras são *horizontes* ou perspectivas diversas.

1. *Falta de horizonte* — nesta perspectiva, apenas *repetimos* ou *copiamos* o que está dito no texto. Permanecer neste nível de leitura é agir como se o texto só tivesse informações objetivas. Neste caso o autor é tido como soberano, e os sentidos possíveis foram por ele inscritos no interior do texto. A atividade do leitor se

reduziria a uma mera atividade de repetição. Esta é a perspectiva dos exercícios escolares. Ela existe, mas não é a única e é muito óbvia.

2. *Horizonte mínimo* — neste caso teremos o que aqui se chama de *leitura parafrástica*, ou seja, uma espécie de repetição com outras palavras em que podemos deixar algo de lado, selecionar o que dizer e escolher o léxico que nos interessa. Certamente, vamos colocar alguns elementos novos, mas nossa interferência será mínima, e a leitura fica ainda numa atividade de identificação de informações objetivas que podem ser ditas com outras palavras.

3. *Horizonte máximo* — esta é a perspectiva que considera as atividades inferenciais no processo de compreensão, isto é, as atividades de geração de sentidos pela reunião de várias informações do próprio texto, ou pela introdução de informações e conhecimentos pessoais ou outros não contidos no texto. É uma leitura do que vai nas entrelinhas; não se limita à paráfrase nem fica reduzida à repetição. São muitos os tipos de inferências e não é tão simples assim identificar até onde ainda é possível dizer se a interpretação é válida ou não. Seguramente, este horizonte representado pelas inferências constitui o horizonte máximo da produção de sentido. No horizonte inferencial temos a possibilidade de um extenso e proveitoso treinamento do raciocínio lógico, do raciocínio prático, do raciocínio estético, crítico e outros tipos de raciocínio. Quanto a isto, é bom lembrar que as inferências lógicas aparecem menos que as pragmáticas ou as fundadas na experiência do dia-a-dia.

4. *Horizonte problemático* — embora este horizonte não seja em princípio descartável como inadequado, ele vai muito além das informações do próprio texto. Trata-se do âmbito da extrapolação. Não é uma inferência no sentido estrito do termo e sim uma extrapolação enquanto inserção de elementos. São leituras de caráter idiossincrático, bem pessoal, onde o investimento de conhecimentos pessoais é muito grande e chega a ser preocupante.

5. *Horizonte indevido* — finalmente, esta é chamada de zona nebulosa que o autor qualifica de indevida ou proibida, é considerada uma área de leitura errada.

Para exemplificar o item 5 retiramos do jornal *A Crítica* o título da matéria sobre a pressa do consumidor em adquirir o pescado para a semana santa do dia 05/04/2012.

# Correria para a compra de peixes na Semana Santa em Manaus

**Alguns locais encerram o expediente nesta sexta-feira (6) e se deixar para a última hora corre-se o risco de não encontrar o pescado desejado**

Manaus (AM), 05 de Abril de 2012

**RENATA MAGNENTI/JORNAL A CRÍTICA**

---

Dizer que se come peixe apenas na Semana Santa é preocupante, pois o título da reportagem não permite essa leitura.

O aluno mais experiente consegue por em prática no seu processo de leitura o item 3, claro que, cabe a nós, professores, darmos condições para que ele possa atingir com êxito todas as suas expectativas com relação à leitura.

Retomando sobre as inferências, Koch e Travaglia (1993, p.70), explicam que é “aquilo que se usa para estabelecer uma relação, não explícita no texto, entre dois elementos desse texto”. É preencher o que está implícito por meio dos elementos semânticos das palavras ou pressuposições. Assim, o leitor pode, segundo Marcuschi (1984, p.25) “construir novas proposições a partir de outras já dadas”. Kato (1999) explica que a experiência e o conhecimento de mundo contribuem para as inferências. Todas as coisas que têm relação na vida humana, circunstâncias, acontecimentos ficam marcados na memória e fazem parte da nossa história, assim elas ajudam na compreensão textual e a fazer inferências, por isso devemos levar em conta cada produção de sentido do aluno, pois a apropriação de conhecimentos é diferenciado para cada leitor. Outro ponto importante que deve ser entendido é que o texto tem sempre uma relação com o contexto, este envolve momento histórico, ideologia, cultura, por isso as inferências são fundamentais para a compreensão.

Observemos agora o título de uma matéria e o texto auxiliar retirados do jornal *aCrítica* de 08/05/2012:

# Nomeação do 'Quinteto Fantástico' ignorou parecer da PGE

**Delegado-geral da Polícia Civil, ao homologar a aprovação dos candidatos, deixou de observar recomendações do órgão**

Manaus, 08 de Maio de 2012

**LEANDRO PRAZERES**

---

A princípio, questões poderiam ser levantadas a partir do componente semântico das palavras, observar o contexto em que o texto está inserido a fim de começar a fazer as inferências, relacionar conhecimentos prévios a informações para construção de sentido no processo de leitura da reportagem. Assim poderíamos detectar em sala de aula aquele leitor mais maduro, crítico, questionador, que produz uma resposta a partir de seus conhecimentos. Por outro lado existem aqueles que não conseguem chegar a esse nível, como já foi citado acima, sobre aqueles alunos que têm o horizonte de leitura dos itens 4 e 5, e assim chegaríamos na seguinte questão, de que forma poderíamos contribuir para o progresso desse aluno no processo de leitura? Instruir os alunos a usar estratégias metacognitivas.

Segundo Kato (1999), estratégias metacognitivas consistem nas ações conscientes do leitor apontando para um objetivo ou procurando com empenho uma resolução de proposições para compreensão.

Dentre os pesquisadores que abordaram sobre a metacognição, destacamos os trabalhos de Solé (1996, p. 69) que explica que as estratégias de compreensão leitora “são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança”. Assim, o leitor precisa passar por várias etapas até conseguir atingir a compreensão textual. A autora propõe alguns procedimentos que ajudarão o leitor a compreender o que lê antes, durante e após a leitura, como objetivos, acionar conhecimentos prévios, estratégias para inferências, revisar o texto para ampliar sobre o conhecimento adquirido pela leitura.

No processo de leitura, os propósitos que irão ser estabelecidos são essenciais para a compreensão de um texto. Objetivos e finalidades devem ser traçados por um leitor ativo, que segundo Solé (1996) examinará o texto a fim de encontrar a informação da qual precisa, pois existem inúmeros objetivos e finalidades para que o leitor se situe no texto. De fato, um texto que aborde um tema fixo, pode encontrar leitores que tirem informações e conclusões diferentes. Ampliando um pouco mais, isso acontece porque, além de cada leitor ter objetivos diferentes, pode também haver algum tipo de nível de conhecimento mais acentuado entre eles fazendo certa diferença.

Traçados os objetivos, passemos ao campo da construção de significados que não deve ser entendido como um simples ato de traduzir significados. Solé (1996, p. 22) comenta que “construir significados não é uma tradução ou a réplica do significado [...], mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos”. Essa interação apresentada pela autora envolve um leitor ativo – objetivos – construção – conhecimentos prévios, no entanto percebe-se que não é um processo tão suficiente para o diálogo dele com o mundo.

A intenção de pontuarmos o modelo cognitivo foi revisitar alguns conceitos que serviram ao processo de leitura. Sabemos a sua importância, no entanto, Marcuschi (2008) explica que o cognitivismo não conseguiu envolver a leitura em um contexto social e histórico de forma mais ampla.

#### **2.4 A leitura sob o aspecto sociocognitivo**

As pesquisas de Koch & Elias (2007) e Marcuschi (2008) fundamentados na teoria do cognitivismo ampliaram a concepção de leitura para uma abordagem sociocognitiva.

Ao fazermos o processo de leitura interagimos com o texto para produzir sentidos, Koch & Elias (2007) declaram que é uma atividade interativa altamente complexa, pois exige do leitor múltiplas habilidades.

Já comentamos aqui que o processo de leitura não se restringe à superficialidade do texto, onde se pode por em prática os conhecimentos linguísticos do leitor, ela aponta também para um contexto sócio-histórico, visto que, para a

realização de uma compreensão leitora do texto, a interação do texto e leitor são aspectos fundamentais.

Koch (2007) afirma que usar a linguagem é engajar-se em alguma ação que estão envolvidas dentro de um contexto social com finalidades sociais. O texto é um lugar onde ocorre a interação com o sujeito que se constrói e é construído, e

[...] por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos de discurso e propostas de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes põe à disposição. (2007, p.7)

Dentro de um processo sociocognitivo de leitura, vemos que o texto é peça-chave para a interação com o sujeito porque tanto este quanto aquele fazem parte de um contexto sócio-histórico para assim, agir de forma ativa para construção de sentido. O texto, por sua vez, se reproduz através de gêneros discursivos que também têm relação com as práticas sociais, aspectos cognitivos, interesses, relação de poder, tecnologias, atividades discursivas e no interior da cultura, como afirma Marcuschi (2008)

Nessa prática de leitura envolve a compreensão e compreender um texto de forma satisfatória exige do aluno capacidade, reciprocidade e esforço, Marcuschi (2008) declara que:

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre a compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma força de interação no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade (p. 229-230).

Dessa forma, acreditamos que não há um preceito estabelecido ou uma “fórmula pronta” para o processo de compreensão textual. É importante ressaltar que esses três elementos apontados pelo autor, habilidade, interação e trabalho só se realizam pela interação e modo de agir no mundo. Por esta razão, a leitura é voltada para as práticas sociais, pois está relacionada a alguma situação que auxilia no processo de compreensão leitora.

## 2.5 Estratégias para compreensão leitora

Não se pode contestar a vasta complexidade que ocorre no processo de leitura, que exige a utilização de atividades mediadas por estratégias por meio do processamento textual para construir sentido no texto. Desta forma, além da leitura para o processo de produção de sentido, devemos levar em conta outros saberes que são importantes para a compreensão e interação.

### 2.5.1 Processamento textual

Abrimos este segmento reforçando que leitura é uma atividade de produção de sentido, isso já é um fato. Os PCN (1998) tornam essa ideia ainda mais consistente ao afirmar:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (1998, p. 69-70)

Assim, o leitor ao construir sentidos no texto irá utilizar estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação. E mais, a partir dos pressupostos de Koch & Elias (2007) vimos que os conhecimentos abordados no cognitivismo já aparecem de forma mais ampliada.

No processo de leitura, além de analisarmos os elementos linguísticos presentes no texto (forma e organização), é necessário mobilizar outros saberes, assim o leitor não se limitará apenas a superficialidade do texto, mas como afirmam Koch & Elias (2007, p.40) “na atividade de leitura e produção de sentido [...] mobilizamos vários tipos de conhecimentos armazenados na memória”. Estes conhecimentos descritos por Koch & Elias (2007) são três grandes sistemas de conhecimento, a saber:

- 1) Conhecimento linguístico: Abrange o conhecimento gramatical e lexical. Baseado nesse conhecimento, podemos compreender a organização do

material linguístico na superfície textual, o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou sequenciação textual, a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados.

- 2) Conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo: Refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo bem como a conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos.
- 3) Conhecimento interacional: Refere-se às formas de interação por meio da linguagem e engloba os conhecimentos:
  - a) Ilocucional
  - b) Comunicacional
  - c) Metacomunicativo
  - d) Superestrutural

Segundo as autoras o conhecimento ilocucional faz-nos conhecer a pretensão do produtor do texto em uma situação de interação.

O conhecimento comunicacional diz respeito à:

- Quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto;
- Seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação.
- Adequação do gênero textual à situação comunicativa.

O conhecimento metacomunicativo permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação pelo parceiro dos objetivos com que é produzido. Para tanto, utiliza-se de vários tipos de ações linguísticas configuradas no texto por meio da introdução de sinais de articulação ou apoios textuais, atividades de formulação ou construção textual. Por último, o conhecimento superestrutural ou conhecimento sobre gêneros textuais permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social. Envolve também conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que

distinguem vários tipos de textos, bem como sobre a ordenação ou sequenciação textual em conexão com os objetivos pretendidos.

A junção dos conhecimentos armazenados na memória descritos por Koch & Elias (2007) auxilia o sujeito no processo dialógico com o texto, assim o aluno consegue buscar outros enunciados, traçar objetivos antes da leitura, fazer antecipações, elaborar algumas hipóteses, enfim, mobilizar mecanismos que o levem a interação entre ele e o texto.

### **2.5.2 Construção de sentido**

Além da importância dos conhecimentos no processo de leitura, devemos também levar em consideração a materialidade linguística proposta por Koch & Elias (2007), pois é uma forma do professor de língua portuguesa construir sentido durante a leitura da reportagem.

Para isso, as atividades devem começar com ações executadas com base nos conhecimentos dos leitores sobre:

- O autor do texto
- O meio de veiculação do texto
- O gênero textual
- O título: elemento constitutivo do texto cuja função é geralmente chamar a atenção do leitor e orientá-lo na produção de sentido.
- A distribuição e configuração de informações no texto. Especificamente, a começar pelo título, pois ele pode ser atrativo do texto.

A partir desses elementos descritos acima já se pode começar a constituir interação, no entanto não devemos considerar somente a materialidade linguística como produtora de sentido, pois sem estar ligada aos aspectos sócio-históricos a leitura se dará de forma restrita.

Selecionar uma reportagem que desperte interesse do aluno é um dos nossos propósitos, assim, a partir da leitura feita do título da matéria, ele [o aluno] poderá fazer antecipações, levantar hipóteses que no decorrer da leitura serão confirmadas ou rejeitadas. As hipóteses construídas pelo aluno poderão ser reformuladas e testadas colocando em ação seus conhecimentos arquivados na memória, como

língua, as coisas do mundo, outros textos e gêneros textuais e ativados no processo de interação com o texto, como sugerem Koch & Elias (2007).

Observemos o seguinte título de uma matéria retirada do jornal OESP do dia 16/08/2012.

## Voo que partiu do Rio tem que retornar ao aeroporto

Bernardinho, técnico da seleção de vôlei, estava entre os passageiros; testemunhas afirmam que viram vazamento

16 de agosto de 2012 | 11h 19

Ao focarmos no título, deve-se observar a palavra “retornar” e o significado - Ato ou efeito de retornar; regresso, volta - e a palavra “Rio”. A partir do primeiro vocábulo podemos levantar várias hipóteses: um problema no motor; algum passageiro ou tripulante passou mal; um problema de incêndio; um terrorista a bordo da aeronave. Já na segunda palavra, as seguintes hipóteses: cidade maravilhosa; habitada por várias celebridades.

A partir das previsões feitas, podemos fazer a leitura do que vem logo após o título, o título auxiliar, para começar a entender o que foi abordado no título da matéria.

Bernardinho, técnico da seleção de vôlei, estava entre os passageiros; testemunhas afirmam que viram vazamento

16 de agosto de 2012 | 11h 19

O título auxiliar inicia com o nome de uma pessoa conhecida no meio esportivo.

A palavra “vazamento” aparece como um indício de que ocorreu realmente algum problema técnico com a aeronave, já se podem descartar as outras hipóteses levantadas para o retorno da aeronave.

Prosseguindo a interação com o texto, já sabemos que tipo de problema ocorreu; que havia testemunhas do fato ocorrido; e que dentre os passageiros havia alguém que todos ou a maioria dos brasileiros conhecem.

RIO DE JANEIRO - Um voo da companhia aérea WebJet, que partiu no início da manhã desta quinta-feira, 16, do Aeroporto Santos Dummont, no Rio de Janeiro com destino ao Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, precisou retornar após um problema no medidor de combustível da aeronave.

Após a leitura do lide podemos acrescentar mais informações ao que já se foi confirmado no título auxiliar, como o tipo de problema técnico que ocorreu, a do medidor de combustível. Ainda podemos levantar algumas questões sobre o comportamento dos passageiros e tripulantes no momento do retorno do voo, que tipo de sensação passou na mente deles, se pensaram nos familiares, amigos.

### 2.5.3 Produção de sentido

Uma condição fundamental para a produção de sentido é o conhecimento possuído pelo leitor que pode ser com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade, afirma Koch & Elias (2007). Ele é o responsável pela forma de como se compreenderá o sentido no texto. Ativar o lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais serão necessários nesse processo.

Observemos o seguinte título de matéria do jornal *OESP* de 16/08/2012.

## Elvis não morreu

Há 35 anos o Rei do Rock se tornava mito e continuava sucesso de vendas

16 de agosto de 2012 | 10h 42  
Carlos Eduardo Entini e Liz Batista

Na leitura do título, ativamos uma ideia de relação de causa, a morte de uma pessoa que a memória conserva uma recordação, e a consequência que a morte do ídolo trouxe ao se criar um estilo (rock) e um negócio (vendas pós-morte).

A morte é considerada o fim da vida, no entanto a morte do cantor trouxe mais fama a ele por ser considerado até hoje rei do rock e um bom negócio para a família por causa das vendas de seus discos.

Após exposição sobre conhecimento, construção e processo, Koch&Elias (2007) fazem uma ressalva sobre a pluralidade de leituras. Por esse motivo,

devemos considerar os conhecimentos adquiridos por eles [os alunos] que variam de um para o outro.

Reforçamos que para a leitura e produção de sentido, os elementos linguísticos que estão presentes na superfície e organização do texto necessitam da mobilização do conjunto de saberes de cada indivíduo. Subjacente a esse sentido, Koch & Elias (2007) afirmam que o sentido de um texto é construído na interação sujeitos-texto, portanto deve-se levar em conta o contexto, que significa, segundo as autoras, um conjunto de suposições, que se fundamentam nos saberes dos interlocutores, que são mobilizadas para a interpretação de um texto.

#### **2.5.4 Os implícitos nos títulos das matérias jornalísticas**

Procurar compreender o implícito inserido em um enunciado significa buscar uma informação a mais que não está dita de forma direta.

Para a composição de um título de uma matéria, podemos observar que o enunciado é construído a partir do que foi dito explicitamente, mas também pelo que não está declarado no enunciado, porém é significativo para determinar um sentido; são os implícitos que estão contidos nos títulos sem estarem expressos em termos precisos.

Podemos verificar o implícito na superfície do título de uma matéria através dos marcadores de pressuposição.

Antes de seguir adiante em relação aos implícitos, é necessário elucidar a questão de subentendidos e pressupostos descritos por Ducrot (1987). Segundo o autor, os subentendidos não estão marcados linguisticamente na frase, mas podem ser notados em certos enunciados através das insinuações oferecidas pelas próprias frases ou no conjunto de frases. Podemos, então, ampliar as informações ditas em um texto a partir de seu enunciado.

Observemos o seguinte título da matéria abaixo retirado do jornal *aCrítica* no dia 25/09/2012.

# Tribunal aprova registro de candidatos 'ficha suja' no Amazonas

**Corte do Amazonas aprovou registro de candidatura de políticos que possuem condenação emitida por um colegiado ou conta reprovada**

Manaus, 25 de Setembro de 2012

O subentendido contido no título nos remete a seguinte percepção: a partir da aprovação feita pelo tribunal, os candidatos que estavam impedidos de participar da eleição agora já podem associar-se a um partido para candidatar-se, mesmo que tenham se envolvido em algum tipo de corrupção. O leitor, certamente, ao ampliar suas ideias a partir do fato expresso, usou a informação dita para chegar a uma conclusão que também não deixou de pensar – com indignação – sobre a atitude tomada pelo tribunal em beneficiar pessoas que já tinham sido condenadas por corrupção. Este sentido implícito construído pelo leitor que podemos chamar de subentendido.

Os pressupostos são, conforme Ducrot (1987), indicações que são trazidas pelo enunciado à margem da linha argumentativa; em outras palavras; são ideias que não estão expressas no enunciado, mas que fluem da significação de palavras ou expressões presentes na frase.

Por exemplo, no título da matéria sobre uma tempestade de vento que ocorreu no estado do Amazonas, do dia 19/09/2012 divulgada pelo jornal *aCrítica*.

## Rajadas de vento de até 65 km/h atingiram Manaus na noite dessa terça (18)

**Não ocorreu chuva em grande volume, mas sim descargas elétricas de grande porte, acompanhadas de rajadas de vento e trovoadas. O registro de desordem meteorológica vem ocorrendo em todo o estado do Amazonas**

Manaus, AM, 19 de Setembro de 2012

É possível entender que uma ventania, de certa forma, muito violenta atingiu Manaus, e também acrescentar ao conteúdo do texto que ventos assim não são comuns na cidade. Pudemos fazer essa leitura a partir do elemento linguístico – ATÉ

– presente na frase, que nos permitiu entender a velocidade atingida pelo vento ao chegar à cidade.

Retomando sobre os implícitos, é de se afirmar, sem dúvida, que por trás dos títulos das matérias jornalísticas, geralmente há um sentido que não está dito no enunciado. Perceber o implícito faz parte da compreensão; um leitor ativo além de entender as informações expressas no enunciado, deve também procurar compreender as que estão implícitas, assim não deixará de entender significados importantes contidos nos enunciados, e também tomar atitude que não somente o levem a concordar ou discordar do tema, mas a uma atitude responsiva.

## CAPÍTULO 3

### ANÁLISE DAS REPORTAGENS

Neste capítulo, apresentamos a análise de títulos, títulos auxiliares e lides de quatro pares de reportagens dos jornais *O Estado de São Paulo* e *aCrítica*. Tomamos como embasamento para as análises os conceitos sobre enunciado, inferências, implícitos, conhecimentos pessoais, cores e fotografia para que nossos objetivos fossem alcançados e assim pudessem ser utilizados pelo professor de língua portuguesa como uma forma levar o aluno a uma compreensão leitora.

Os dois primeiros pares de reportagens tratam do mesmo fato. O terceiro apresenta dois fatos polêmicos, mas não idênticos e o quarto mostra certa semelhança em seus títulos, mas referem-se a fatos diferentes.

#### 3.1 Leitura e análise das primeiras reportagens

É pelas atividades de compreensão de textos que o sujeito desenvolve uma relação com o texto, no processo de leitura fala de si mesmo e do mundo, o que viabiliza nova significação para seus processos subjetivos. Assim, o leitor em suas práticas orais e escritas de interação, recorre ao sistema linguístico e não se limita a este, mas recorre a outros saberes para sua melhor compreensão. (Orientações curriculares, 2006)

As reportagens selecionadas dos jornais *aCrítica* e o *OESP* abordaram um problema de ocupação feita por um grupo de pessoas em uma área particular no estado do Amazonas que resultou na luta travada com a polícia militar causando prejuízos materiais e emocionais.

A reportagem abaixo foi publicada no jornal *aCrítica* extraída do caderno Cidades do dia 12/03/2008

Desocupação >>

# Índio perde guerra

Ação da PM na AM-010 resultou na saída de mais de 200 indígenas

**MÁRIO ADOLFO FILHO**

ESPECIAL PARA A CRÍTICA

O temperamento forte do índio foi posto à prova na manhã de ontem quando 150 homens da Polícia Militar, fortemente equipados, retiraram, aproximadamente, 200 indígenas de uma área particular no Km 11 da AM-010 (Manaus-Itacoatiara). Foi uma ação armada com bombas, cacetetes, fuzis e escudos. Ao final do confronto, o saldo: 12 pessoas detidas, barracos no chão, sonhos destruídos, um princípio de aborto, desespero e muito choro.



Neste primeiro momento, podemos observar que a imagem e o título estão bem relacionados, nota-se que já se instaurou um diálogo entre os enunciados verbo-visuais levando o leitor a uma compreensão de sentido.

A fotografia foi posicionada para o lado direito intensificando o título da reportagem, a fim de gerar um sentido. A cor azul clara está próxima ao leitor. Na cultura ocidental, o azul claro passa uma informação, de calma e tranquilidade. O

vermelho que tinge o rosto da mulher passa duas informações: a primeira caracteriza a mulher e que ela pertence a um grupo, a dos indígenas; a segunda buscaremos em outros enunciados, a pintura nos índios tem vários sentidos, uma delas seria quando os índios iam guerrear, eles tinham o costume de pintar-se. Ao fundo, o verde pode estar indicando que é um ambiente próximo à natureza; o castanho (marrom) é a cor da terra, mostra a extensão da área onde aconteceu a “possível guerra”; o cinza escuro quase preto denota algo negativo, como a morte, as trevas, representadas na figura dos policiais.

A mulher indígena revela em sua expressão facial desespero e aflição ao ver seus pertences ao chão. Vemos outras pessoas descaracterizadas, que suponhamos não ser indígenas, mas outros indivíduos que também estavam no local. Eles não apresentam nenhum tipo de resistência, mesmo porque seus gestos não denunciam. Ao fundo, policiais armados à espera da retirada dos indígenas.

Em relação ao título da reportagem, certamente podemos notar que seu autor ao criá-la dialogou com outros enunciados para compor o sentido ao destacar o elemento “guerra”. Essa palavra nos propõe um conflito entre os sujeitos aqui considerados: os índios e a polícia.

Certamente o propósito do autor em destacar a palavra “guerra” e relacioná-la com “índio” foi escrita de forma intencional. Para entendermos a intenção do autor devemos buscar os enunciados passados para entender o que o autor quis dizer. Em um passado não muito distante talvez tenhamos aprendido como o índio preparava-se para lutar contra seus inimigos, morte e sangue possivelmente faziam parte desse cenário dando ideia de um evento grandioso. Neste momento, a sua posição leva o leitor a incorrer sobre o fato. Esta estratégia utilizada já nos mostra o tom valorativo concernentes aos indígenas.

A palavra guerra foi colocada na reportagem de forma estratégica para chamar atenção de seu leitor. A guerra que ocorreu não foi realmente uma guerra, mas uma confusão, um tumulto entre dois lados, mesmo porque existe outra palavra de menor destaque acima do título que nos diz “desocupação”. E pelas imagens percebemos pessoas pegando seus pertences e uma índia chorando.

Antes da leitura do lide podemos levantar algumas hipóteses em sala de aula que poderão ser rejeitadas ou confirmadas em relação à suposta “guerra” em que o índio perdeu. Relembrando que a hipótese é uma forma de adiantarmos o conteúdo

baseado nas expectativas criadas (MARCUSCHI, 1996). Com essa atividade, podemos fazer com que o título relacione-se com outros enunciados passados e presentes; levantar questões de um passado distante da civilização indígena, de como era o perfil dessa população e como são tratados nos dias atuais. Vez ou outra a mídia apresenta questões relacionadas aos indígenas sobre ocupação de áreas indevidas e demarcação de terras.

No título auxiliar, aquela ideia de “guerra” foi transformada em ação. “Ação da polícia”. Observando a palavra “ação” e seu significado – manifestação de uma força - , tira aquele peso que teve a palavra “guerra”. Sabemos agora que houve uma ação por parte dos policiais contra 200 indígenas. Pelos marcadores “resultou” e “AM-010” já podemos entender que os indígenas foram retirados de algum local ocupado por eles.

O autor inicia o lide com a presença de outros enunciados ao mencionar “o temperamento forte do índio foi posto à prova”, traz à tona aquele espírito de um índio lutador, de bravo guerreiro que saía em busca por seus ideais.

Antes da leitura do lide, o professor pode sugerir àquelas perguntas usadas na sua composição para auxiliar o aluno em sua compreensão leitora.

Quem pôs a prova o temperado do índio? 150 homens da Polícia Militar.

Fez o quê? Retiraram aproximadamente 200 indígenas.

Quando? Na manhã de ontem, dia 11/03/2008. (a reportagem veiculou no dia 12/03/2008).

Onde? De uma área particular no Km 11 da AM-010.

Como? Uma ação armada com bombas, cacetetes, fuzis e escudos.

Por quê? Porque os indígenas invadiram a área particular.

É interessante notar que no título auxiliar, o autor menciona que eram mais de 200 indígenas. Já no lide, ele fala em “aproximadamente” 200 indígenas, uma divergência de informações.

Ao final do lide, para apresentar o desfecho do conflito algumas informações foram respaldadas em outros enunciados como “12 pessoas detidas”; “um princípio de aborto”. E em “sonhos destruídos”, o autor coloca a sua posição ideológica sobre o fato.

Podemos também explorar o lide por meio dos marcadores de pressuposição nos seguintes trechos:

“O temperamento forte do índio foi posto à prova na manhã de ontem” – “manhã” e “ontem” indicam o momento em que ocorreu o conflito.

“Quando 150 homens da polícia militar fortemente armados” – “fortemente” mostra o poderio de armas que os policiais tinham no momento do conflito.

“Retiraram aproximadamente 200 indígenas” – “aproximadamente” dá uma estimativa da quantidade de pessoas no local invadido.

“De uma área particular no Km 11 da AM010” – “no Km 11 da AM010” indica que o local ocupado era um lugar afastado da cidade, talvez perto das matas por se tratar de uma rodovia.

Questões podem ser levantadas ao final da leitura da reportagem para que o aluno possa posicionar-se diante do fato, tais como: as armas usadas pelos indígenas eram suficientes para lutar contra os policiais?; Os índios resistiram até o fim, por que não conseguiram atingir seu objetivo?; Quais os direitos dos indígenas no século XXI?.

O mesmo fato também foi tratado no caderno nacional do jornal O Estado de São Paulo, do dia 12/03/2008 com a seguinte reportagem:



## PM retira índios sem-teto à força de área em Manaus

Policiais usam gás lacrimogêneo; indígenas do grupo reagem com flechas

**André Alves**

ESPECIAL PARA O ESTADO  
MANAUS

A Polícia Militar do Amazonas usou a força para expulsar, ontem pela manhã, um grupo de sem-teto que havia ocupado uma faixa de área privada na comunidade Lagoa Azul, na zona rural de Manaus. Metade do grupo de quase 200 invasores era formada por indígenas.

Vemos que imagem e título relacionam-se para produzir sentido. A cor cinza escuro da roupa dos policiais parece destacar-se nessa fotografia, dando um significado de medo, apreensão e estado de tensão. O verde ao fundo nos mostra que possivelmente seja um ambiente onde exista ainda bastante natureza. Quase ao meio da imagem fotográfica uma única cor laranja da bermuda do homem se destaca contrastando com o cinza escuro. Em nossa cultura a cor laranja está associada à alegria e energia. O azul do enfeite na cabeça do homem nos mostra ser mesmo um indígena conforme o título apresentado.

A imagem fotográfica trazida para perto do leitor é a de um policial armado. Pela sua fisionomia e a posição de como segura a arma percebe-se que a situação já está controlada. Outra imagem que nos chama atenção é a resistência indígena diante dos policiais pela forma do índio fechar os olhos e segurar o braço do policial.

O título da reportagem apresenta o personagem que inicia a ação – a polícia militar – descrita com a sigla PM. Um dos significados da palavra “retira” que está no título é “puxar”, “tirar para trás”, associando à imagem do policial segurando o indígena podemos dizer que alguns foram puxados com violência que se confirma quando o autor alerta sobre as condições de como os índios foram retirados: “à força”.

Podemos perceber que diante desse título há um juízo de valor no discurso do autor que coloca sua posição ideológica sobre o fato ao denunciar a forma como o grupo foi tratado.

Marcadores de pressuposição podem ser utilizados em sala de aula para explorar mais ainda o título. Em “à força” e “em Manaus” mostra a maneira como os índios foram retirados e o local.

A partir das palavras “índios sem-teto” e “área em Manaus”. Podemos mobilizar o conhecimento de mundo dos alunos descritos por Koch & Elias. Perguntas como: o conceito que se tem sobre indígenas relaciona-se com índios sem-teto? Manaus é uma cidade habitada somente por indígenas?

Nesse momento, alguns alunos podem destacar-se diante de outros, pois os conhecimentos nunca são iguais.

Buscando em outros enunciados, a ideia que se tem de moradia indígena é daquela que o índio habita em um lugar cercado de natureza e animais selvagens. Podemos levar nossos alunos a criar hipóteses sobre quais motivos levaram esse povo indígena a abandonar seu hábitat migrando da selva para uma “área em Manaus”.

O título auxiliar confirma o juízo de valor que foi feito pelo autor, a de que os policiais usaram não só de violência, mas usaram gás lacrimogêneo que tem em seu componente substâncias que irritam a pele, olhos e compromete a respiração.

Por outro lado, os indígenas reagiram com flechas, armas que talvez pudessem ser até insignificantes para os policiais que estavam fortemente armados.

Após a leitura do título auxiliar, um paralelo pode ser feito quanto ao uso das armas utilizadas pelos dois grupos. Assim, estamos criando circunstâncias para que nosso aluno possa por em prática seus conhecimentos prévios, logo poderá perceber o grau de violência que foi usada contra os indígenas e como eles agiram.

Podemos ainda utilizar as perguntas que fazem parte do lide ao lermos o texto. Nesse momento acreditamos que o aluno não esteja limitando-se a extrair informações, mas criando inferências no processo da leitura.

Quem? A polícia militar do Amazonas;

Fez o quê? Expulsou um grupo de sem-teto;

Quando? Ontem pela manhã; (11/03/2008).

Onde? Na comunidade Lagoa Azul;

Como? Usou a força;

Por quê? Porque índios ocuparam área privada;

Retiramos alguns trechos do lide com marcadores para mostrar outras formas de ampliarmos as informações contidas no texto e auxiliar na compreensão leitora do nosso aluno.

A polícia militar do Amazonas – “militar” e “do Amazonas” são termos especificadores. A ação foi organizada por um tipo de polícia (porque existem polícia de choque, polícia do exército e a polícia militar) de um estado da região Norte.

Usou a força para expulsar ontem pela manhã – “à força” denota a maneira de como foram repelidos; “ontem” e “pela manhã” datam o tempo da expulsão.

Um grupo de sem-teto – abrange todos aqueles que não têm moradia.

Que havia ocupado uma faixa de área privada na comunidade Lagoa Azul, na zona rural de Manaus – “na zona rural de Manaus” especifica o local da área invadida que ficava fora da cidade.

Metade do grupo de quase 200 invasores era formada por indígenas – “metade” mostra a quantidade de invasores no local e especifica que existiam pessoas comuns que estavam infiltradas no meio dos indígenas querendo também um lugar para morar.

Foram observadas algumas convergências nas informações e outras mais específicas nas reportagens dos jornais. Ambos mostraram uma situação de invasão de terra e a força dos policiais militares perante os invasores. Ao mencionar o local, o primeiro jornal descreve “uma área particular no Km 11 da AM010”. O segundo informa também que era “área privada”, mas especifica o local “Lagoa azul” e “Zona rural”. A relação nos recursos verbo-visuais do jornal *aCrítica* apresenta a condição indígena diante de um problema; Já no *OESP*, mostra o domínio da situação por parte dos policiais militares. Parece haver uma informação desconhecida na primeira reportagem no que se refere ao número de invasores, fala-se em “mais de 200 indígenas” depois em “aproximadamente”. O *OESP* alega “quase 200” invasores e especifica que “metade do grupo era formada por indígenas”, portanto não podemos afirmar que todos os invasores eram indígenas. As armas dos grupos adversários são descritas na segunda reportagem (*OESP*); No jornal *aCrítica*, não especifica.

Finalmente outra observação que queremos destacar sobre as duas reportagens é a posição dos autores de cada um dos jornais. O autor do jornal *aCrítica* apresenta o indígena como vítima, um grupo de pessoas à mercê da sorte à

procura de um lugar para viver. Com essa posição, o autor encaminha o leitor a apoiar essa ideia diante do fato exposto.

O autor do jornal OESP destaca a ação acometida pelos policiais perante o grupo de invasores indígenas e de forma subjetiva deixa-se mostrar a sua posição sobre o fato ao descrever a forma como os indígenas foram tratados.

### 3.2 Leitura e análise das segundas reportagens

As reportagens selecionadas mostram como fato, a de futebol entre Palmeiras e Santos que aconteceu numa cidade do interior de São Paulo. O time do Palmeiras levou vantagem e ganhou a partida sobre o Santos que tem atualmente um dos melhores jogadores do Brasil, Neymar, no entanto não foi suficiente para que o Santos pudesse obter a vitória.

A reportagem do jornal *aCrítica* foi veiculada no caderno Esporte no dia 06/02/2012. Tem como público-alvo aqueles que apreciam o futebol e o jogador Neymar.



*Craque*

*Cem gols e sem vitória*

*Festa? Tinha tudo para ser uma festa... Neymar completou 20 anos, marcou o centésimo gol, mas o Peixe perdeu para o Porco.*

Apesar de se tratar de uma partida de futebol em que o Palmeiras foi o vencedor, o destaque da reportagem foi o jogador Neymar, atual craque do Santos. Possivelmente o atleta direciona-se aos torcedores com um gesto como quem quer dizer alguma coisa. Usando de uma linguagem não verbal, podemos notar pelo movimento do corpo, principalmente das mãos, dos braços ao levar o dedo indicador na cabeça, uma expressão de desapontamento que sugere ponderação por parte dos torcedores.

No título da reportagem, a utilização dos vocábulos homônimos heterógrafos CEM e SEM denota a expressão de uma ironia que é explicitada no corpo do lide.

No início do título auxiliar aparece uma pergunta “Festa”? É permitido extrair várias informações dessa única palavra que estão implicitamente expressas por meio de inferências, por exemplo: festa nos relembra comemoração; alegria, brinde, presente, agrado. Em seguida a resposta da pergunta que soa negativamente “Tinha tudo para ser festa...”. O uso dessas aspas indica uma abertura para interpretação do leitor por meio das inferências. Neste momento, o juízo de valor do autor é colocado de forma direta ao dirigir-se ao leitor, percebe-se um tom de indignação e o uso das reticências sugerem inúmeros sentimentos.

As seguintes hipóteses podem assim ser feitas: algo aconteceu para que não ocorresse a festa; Trata-se de que festa? Após a pausa marcada pelas reticências o autor apresenta o personagem a quem se refere, o jogador de futebol. A festa mencionada no início do título auxiliar refere-se a duas festas, podemos compreender pela continuação da reportagem “Neymar completou 20 anos, marcou o centésimo gol,” portanto, trata-se de duas festas, uma é pelo seu aniversário e a outra é pelo centésimo gol que o craque completou.

Através do conhecimento linguístico, consideremos a ligação entre a ideia dos enunciados “Neymar completou 20 anos, marcou o centésimo gol,” e a outra ideia “mas o Peixe perdeu para o Porco.” Temos um elemento coesivo – mas -, conjunção que expressa oposição em relação ao pressuposto é um elemento muito relevante. Pelo fato de Neymar completar 20 anos e marcar seu centésimo gol, espera-se que seja comemorado com festa, no entanto o uso da conjunção “mas” expressa oposição da ideia pressuposta. Em seguida, a conjunção “mas” apresenta a ideia oposta: “o peixe perdeu para o porco” configurando que o peixe refere-se ao time de Neymar e o porco representa o outro time. Neste momento podemos mostrar aos

alunos o sentido que a metonímia causa no leitor, pois ela sempre está presente no dia-a-dia fazendo parte da linguagem humana.

A sucessão de fatos – completou – marcou – perdeu, aponta para uma gradação que é quebrada pelo verbo “perder” configurando, assim, a decepção que o time causou aos torcedores. Temos também o uso da metonímia caracterizado em: “O Peixe perdeu para o Porco”.

As expressões “peixe” e “porco” são figuras representativas de clubes do Brasil, conhecidos como mascotes. Segundo o site notícias de futebol, o time de futebol do Santos ganhou esse mascote por um fato que aconteceu no ano de 1930, quando o clube enfrentou o São Paulo. Santos perdeu de 5 a 1, na ocasião os torcedores santistas, que vieram do litoral, foram chamados de “peixeiros” pelos torcedores rivais, assim nasceu o mascote do clube, o peixe. O “porco” foi adotado pelo Palmeiras em uma circunstância em que o presidente corintiano Wadih Helu, no ano de 1969, referiu-se ao adversário usando o apelido dado aos fascistas. O grito de “porco” deixou de soar de forma ofensiva depois de 17 anos e tornou-se mascote do clube. Essas são as origens dos nomes: “porco” e “peixe” citados na reportagem acima.

Como foi notado, o jornal *aCrítica* deu mais ênfase ao jogador Neymar do que à própria vitória do Palmeiras configurando a posição adotada pelo autor de desapontamento diante do fato.

Nesta reportagem do jornal *OESP* foram analisados apenas os elementos verbais, pois a reportagem não apresentou elementos não verbais para que pudéssemos examinar.

O mesmo fato foi enunciado pelo jornal *O Estado de São Paulo* no dia 05/02/2012 sobre a partida de futebol entre Palmeiras e Santos.

---

## Palmeiras vence Santos com virada no fim no clássico em Prudente

Alviverde estraga festa do 100.º gol de Neymar ganha nos descontos por 2 a 1  
05 de fevereiro de 2012 | 19h 26

---

LEANDRO SILVEIRA - Agência Estado

**PRESIDENTE PRUDENTE** - O **Palmeiras** venceu de virada o primeiro clássico da edição 2012 do Campeonato Paulista, e deu um salto na tabela. O resultado da partida foi definido apenas nos instantes finais. Com gols de Fernandão e Juninho (com participação do santista Maranhão, que desviou a bola de ponta de chuteira contra sua meta), o Palmeiras derrotou o Santos por 2 a 1, na cidade de Presidente Prudente, pela quinta rodada da competição. O gol do **Santos** foi do craque Neymar, seu centésimo na carreira no dia em que estava completando 20 anos.

Ao contrário do jornal *aCrítica*, o autor desta reportagem destacou a vitória do Palmeiras sobre o time do Santos. O jogador Neymar é mencionado, mas de forma bem modesta. O protagonista agora passa a ser o time do Palmeiras.

O título traz a vitória do Palmeiras sobre o time do Santos. O verbo “vence” transmite a importância da vitória por se tratar de um clássico, pois, não é qualquer partida. O clássico é o confronto entre dois times de grande rivalidade. Através dos marcadores de pressuposição podemos entender como se deu a vitória “com virada”; em que momento futebolístico “fim no clássico”; e o local da partida “em Prudente”. Para compreender o que significa este último marcador de pressuposição é necessário colocar em ação o conhecimento enciclopédico, o lugar refere-se a uma cidade do interior de São Paulo, chamada de Presidente Prudente, no título ela é apresentada de maneira reduzida pelo autor. Ainda pelo marcador “com virada” podemos perceber a subjetividade do autor ao mencionar a forma como se deu a façanha do Palmeiras sobre o time do Santos. Neste sentido, há de se notar que não houve total neutralidade do autor ao mencionar o fato.

No título auxiliar, já surge o nome do jogador Neymar, mas sem nenhum glamour. É de se notar que há um reforço na informação dada no título, a vitória do Palmeiras não somente em cima do Santos, mas de Neymar que poderia ter comemorado seu centésimo gol com muita honra, no entanto o Palmeiras estragou essa festa. Pelo conhecimento linguístico podemos entender de que se trata o elemento “alviverde” descrito no título auxiliar. Alviverde está relacionado às cores verde e branca que são as cores do time Palmeiras, o rival do Santos. Os verbos “estraga” que significa – arruinar – e “ganha” – vencer apontam para duas consequências da ação desses verbos em favor do alviverde, a primeira “estraga a festa do 100º gol de Neymar” e a segunda “ganhou nos descontos por 2 a 1”.

No lide podemos notar dois elementos em destaque referentes aos times. Por meio das perguntas: (quem?) O Palmeiras; (o que?) venceu/derrotou o Santos; (como?) de virada por 2 a 1 (onde?) na cidade Presidente Prudente, há um reforço de algumas informações já descritas no título da reportagem e no título auxiliar. Mas também, há novas informações inseridas como em um processo mais detalhado dos fatos, típico da reportagem de fatos. Desta forma, o autor apresenta como aconteceu a vitória do Palmeiras: “o resultado da partida foi definido apenas nos instantes finais”; “com gols de Fernandão e Juninho”. Na sequência de fatos descritos no lide, percebemos certa subjetividade por parte do autor em um tom de comemoração.

O último parágrafo relata o centésimo gol de Neymar e o aniversário do craque. Relacionando ao título auxiliar, o time do Palmeiras estragou esse dia tão importante para o jogador do Santos.

Apesar das duas reportagens apresentarem o mesmo fato sobre o jogo do time Palmeiras e Santos, podemos observar que cada autor apresentou a sua posição ideológica sobre o fato. Vimos que o jornal *aCrítica* focou o jogador Neymar, figura muito conhecida por ser considerado um dos melhores jogadores do Brasil. Já o jornal *OESP* focalizou os feitos do time do Palmeiras sobre o Santos e o estrago que fez na festa de comemoração do centésimo gol de Neymar.

### **3.3 Leitura e análise das terceiras reportagens**

Embora as reportagens que serão apresentadas tenham temas diferenciados, ambas foram selecionadas por conterem assuntos relacionados à sociedade. *aCrítica* mostra um problema causado pela atitude dos moradores de um condomínio de luxo ao telarem as árvores para que pássaros não pudessem pousar versus a revolta dos internautas diante do fato. *O Estado de São Paulo* mostra a desapropriação de 406 imóveis para a construção de uma linha de metrô beneficiando alguns e causando transtorno a outras pessoas.

A reportagem publicada no jornal *A Crítica*, no caderno Cidades de 28/01/2012, tem o seguinte enunciado:



### *Atitude polêmica*

### *Árvores são 'teladas' para afugentar aves*

*Preocupados com a estética do condomínio Ephigênio Salles, localizado na estrada do V8, Zona Centro-Sul de Manaus, moradores do local decidiram cobrir as palmeiras imperiais que adornam a entrada do residencial com uma tela de proteção para impedir que periquito-de-asa-branca pousassem nas copas das árvores. Durante a tarde de ontem, as árvores começaram a ser teladas com um material verde que impede a passagem de pássaros. A atitude gerou polêmica e revolta revelada por meio das redes sociais.*

Nesta reportagem, a imagem fotográfica e o título estão relacionados e já nos produzem algum sentido.

Na fotografia, o verde das telas mistura-se às cores naturais das outras árvores, realçando a forma como estavam sendo cobertas. O azul do céu, associado àquelas árvores teladas e as sem tela, mostra a intromissão do homem descaracterizando a natureza.

Ao lermos o título da matéria já podemos verificar uma ação linguística configurada por meio da introdução das aspas para assegurar a compreensão do leitor. A intenção do autor ao sinalizar com o uso das aspas parece ser polemizar quanto ao fato abordado. Essa intenção está sinalizada pelo uso da expressão "atitude polêmica" localizada logo acima do título. Esta posição do autor já encaminha o leitor a concordar com ele. Já o termo "telada", segundo o dicionário, é próprio da região norte, refere-se a *Resguardar com telas de arame (portas e*

*janelas) para evitar que entrem moscas, mosquitos e outros insetos.* Por essa definição, podemos formular a seguinte inferência: as telas estavam sendo usadas indevidamente pelos moradores do condomínio. Ao atentarmos também para a palavra “afugentar” que tem como significado - *pôr em fuga; afastar, espantar* – criamos as hipóteses: as aves estavam importunando a vida dos moradores; os moradores não se importam com os pássaros. Outro fato que nos chama atenção é o uso das aspas. As aspas são uma estratégia de valoração do autor mostrando que elas podem evocar outros sentidos.

Adentrando no lide da reportagem para a produção de sentido, temos um vilão representado pelos moradores do condomínio e as vítimas, os pássaros. Verificamos pelo enunciado “Durante a tarde de ontem, as árvores começaram a ser teladas com um material verde que impede a passagem de pássaros” que a preocupação dos moradores não recai sobre os pássaros, mas pelas árvores. Nesse trecho a inferência que podemos fazer é se realmente a preocupação estava em cobrir as árvores imperiais ou com a estética do condomínio. A partir dessa inferência podemos criar as hipóteses: de onde vieram os pássaros? Para onde irão agora? A solução pode vir de um grupo de internautas que protestaram, conforme enunciado *A atitude gerou polêmica e revolta revelada por meio das redes sociais.* A partir dessa atitude fica subentendido que as autoridades procurarão solucionar o problema, já que foi veiculada na internet e no jornal impresso.

Considerando que o conhecimento varia de acordo com o ponto de vista e os conhecimentos adquiridos de cada leitor, observamos dois pontos de vista apresentados na reportagem, a dos moradores e a dos internautas, por um lado temos a ideia fixa dos moradores em preocuparem-se com a estética do condomínio e a proteção das árvores imperiais, por outro lado o sentimento de indignação dos internautas e o sentimento pelas aves ao mostrarem a sua revolta pela internet, portanto ficando claras as duas posições ideológicas defendidas por cada grupo.

O autor utilizou uma estratégia sugerindo como em um tom de denúncia a ação dos moradores, pois boa parte da ação é a desses moradores do condomínio contra as aves. Percebemos que esta composição enunciativa tem uma boa “dose” de juízo de valor que ao finalizar o lide, o autor apresenta a revolta dos internautas por meio das redes sociais.

Essas posições podem nos levar ao início de uma discussão sobre o tema. Assim, na sala de aula os alunos podem buscar em outros enunciados algumas informações que os auxiliem em sua compreensão leitora para ao final tomarem uma posição responsiva diante do fato.

Nesta reportagem publicada no jornal OESP, no caderno Cidades do dia 09/05/2012, foram analisados somente os elementos verbais do seguinte enunciado:

### *Metrô vai desapropriar 406 imóveis para construir a Linha 6-Laranja*

*Áreas nas zonas norte, oeste e centro equivalem a 58 campos como o do Pacaembu; decreto assinado por Alckmin foi publicado ontem.*

*O governador Geraldo Alckmin (PSDB) publicou ontem decreto que declara de utilidade pública 406 imóveis para a construção da Linha 6-Laranja do Metrô de São Paulo. O ramal ligará a Brasilândia, na zona norte, ao centro. Ao todo, uma área de 407,4 mil metros quadrados - equivalente a quase 58 campos como o do Estádio do Pacaembu - poderá ser desapropriada, "por via amigável ou judicial". As ações de desapropriação devem ter início no segundo semestre.*

O autor inicia o título da reportagem apresentando, em tom fatídico, a ação do metrô sobre os imóveis. Em “desapropriar” – des – é um prefixo de negação. Segundo o dicionário significa *Tirar ou fazer perder (a alguém) a propriedade de alguma coisa*; A partir dessas informações podemos observar duas ideias opostas pelas seguintes inferências, por um lado pessoas perderão suas casas; por outro, algumas serão beneficiadas com a construção da linha 6.

No título auxiliar, o autor apresenta a extensão da área que será desapropriada por meio do elemento linguístico “como” e faz a comparação ao mencionar que o local equivale a 58 campos como o do Pacaembu. Pode-se inferir que ao fazer essa menção quis mostrar ao leitor a magnitude do espaço que servirá para a construção. Ao final do título auxiliar é mostrado que a decisão de desapropriação tem respaldo de Alckmin.

O lide inicia pontuando quem é o personagem citado no título auxiliar, autor do decreto, o governador Geraldo Alckmin. Reafirma a assinatura do documento e aponta até o momento em que o decreto foi assinado pelo marcador “ontem”, dia anterior a reportagem, 08/05/2012. Em seguida é apresentado o benefício “O ramal ligará a Brasilândia, na zona norte, ao centro”. De forma mais detalhada, é colocado em metros o total da área que será desapropriada “407,4 mil metros quadrados”.

Caso o leitor ainda não tenha ideia da dimensão do espaço, o autor por meio de comparação relaciona a área a quase 58 campos como o Estádio Pacaembu, como já foi mostrado no título auxiliar.

Temos instalado no lide uma relação de causa e consequência. A construção é a causa, por ela podemos construir algumas hipóteses para formular a consequência sem afirmar o que sobrevirá. Conforme o enunciado no lide "*por via amigável ou judicial*", não sabemos ao certo como ocorrerá à saída dos moradores se de forma pacífica ou se haverá barreiras impostas pela resistência dos mesmos. Não há como não notar que uma polêmica foi instaurada nesse fato. Podemos apenas inferir a respeito do que acontecerá no futuro, isso aponta o tom reflexivo causado pelo autor da reportagem.

Apesar de as duas reportagens trazerem fatos polêmicos, o que difere uma da outra é que no jornal *A Crítica*, a polêmica já está instalada dentro da reportagem, enquanto no jornal *O Estado de São Paulo*, ainda não se sabe se haverá algum tipo de desordem, no entanto há suposições por detrás da afirmativa do governador.

Discussões do teor dessa reportagem também podem ser feitas em sala de aula. Criar grupos que representem os lados, a dos moradores e a dos usuários do metrô para gerar posições ideológicas a respeito do fato abordado na reportagem. Nesse sentido, o aluno estará dialogando com outros enunciados, reproduzindo outras vozes e formando o seu discurso.

### **3.4 Leitura e análise das quartas reportagens**

As reportagens desse último item abordam fatos diferentes que nos chamaram atenção pela construção em seus títulos ao fazerem menção, de forma metafórica, a personagens de HQ, o senhor fantástico, a mulher invisível, o coisa e o tocha humana, denominados de Quarteto Fantástico que ganharam super-poderes devido à exposição à radiação cósmica. *A Crítica* mostra a atitude de um delegado-geral que ignorou o parecer da Procuradoria Geral do Estado, órgão que legaliza os atos do governo, e confirmou a posse dos candidatos que não estavam nomeados na primeira lista de um concurso; no entanto, o delegado publicou uma portaria incluindo os nomes de cinco candidatos, sendo que um deles era seu próprio filho.

O Estado de São Paulo também apresenta um *quarteto fantástico*, que ao contrário da notícia acima, refere-se a quatro lugares de grande beleza: Hungria, Eslováquia, Polônia e República Checa.

O título da matéria da reportagem retirada do jornal *A Crítica* do dia 08/05/2012 tem o seguinte enunciado:

# Nomeação de quinteto ignorou parecer da PGE

Delegado-geral da Polícia Civil, ao homologar a aprovação dos candidatos, deixou de observar recomendações do órgão

LEANDRO PRAZERES  
leandro.prazeres@critica.com.br

Documentos obtidos com exclusividade pela reportagem de A CRÍTICA mostram que o delegado-geral da Polícia Civil, Mário César Nunes, homologou a aprovação dos integrantes do "Quinteto Fantástico" contrariando pareceres da Procuradoria-Geral do Estado (PGE), órgão que analisa a legalidade dos atos do governo. Em outro parecer da PGE, apresentado pelo Governo do Estado, os procuradores são claros ao recomendar que os candidatos *sub judice* não deveriam ser nomeados, exceto por ordem judicial, o que não era o caso dos cinco.

O documento obtido por A



Delegado-geral da Polícia Civil, Mário César Nunes, desconsiderou pareceres

mes não devem constar do resultado final do concurso".  
Mesmo assim, em 3 de maio, Nunes

receber assinado pelas procuradoras Isabela Peres Russo e Ana Fúnicio Carneiro, a PGE recomen-



Cetam deve se explicar, diz Smith

O procurador-geral do Estado, Clóvis Smith, jogou para a direita do Cetam, João Paulo Pacheco, a responsabilidade pela não observância da recomendação feita pela PGE em relação à homologação dos nomes dos integrantes do "Quinteto Fantástico" na lista de aprovados do concurso da Polícia Civil. "Acho que essa é uma questão que precisa ser esclarecida pelo Ce-

## Nomeação de quinteto ignorou parecer da PGE

Delegado-geral da Polícia Civil, ao homologar a aprovação dos candidatos, deixou de observar recomendações do órgão

Documentos obtidos com exclusividade pela reportagem de A CRÍTICA mostram que o delegado-geral da Polícia Civil, Mário César Nunes, homologou a aprovação dos integrantes do "Quinteto Fantástico" contrariando pareceres da Procuradoria-Geral do Estado (PGE), órgão que analisa a legalidade dos atos do governo. Em outro parecer da PGE, apresentado pelo Governo do Estado, os procuradores são claros ao recomendar que os candidatos **sub judice** não deveriam ser nomeados, exceto por ordem judicial, o que não era o caso dos cinco.

A fotografia traz a imagem de um homem que aparentemente exprime um sorriso meio sarcástico passando certa tranquilidade aos leitores. A forma de sentar parece estar bem à vontade ao falar sobre o assunto.

O título da reportagem inicia com a ação de alguém que nomeia cinco pessoas e ignora um conselho técnico jurídico por meio de “parecer da PGE”. Relacionando a imagem ao título podemos supor que seria o homem retratado na reportagem. Considerando a interdiscursividade no título da reportagem, o autor de forma metafórica apresenta os candidatos que passam a ser chamados de quinteto.

Nesta reportagem, podemos perceber que, por mais neutralidade que queira passar na composição do título, o leitor é conduzido à posição defendida pelo autor. Por meio da inferência nota-se que houve desrespeito e desobediência de alguém que ainda não é mencionado pela leitura do título.

O título auxiliar apresenta o personagem da ação verbal o “Delegado-geral da Polícia Civil”. Ele foi o responsável pela homologação da aprovação dos candidatos. Pelo emprego do elemento - *Delegado-geral* – podemos perceber que se trata de uma autoridade máxima dos delegados. A sequência dos marcadores: ignorar (do título) – homologar – deixar de observar – apresenta um tom de descaso feita pelo delegado geral. Primeiro porque o delegado ignorou um parecer que já aponta para um desconhecimento de alguma informação; segundo, homologou a aprovação dos candidatos e terceiro deixou de observar as recomendações do órgão. Esse seguimento sugere ao leitor que o delegado fez pouco caso junto ao órgão do ministério público. Nesse sentido, pode-se inferir que o delegado passou por cima da lei e utilizou de sua condição de delegado-geral para tomar decisões concernentes a aprovação dos candidatos.

Neste momento, em sala de aula, o professor pode levantar algumas questões a respeito desse fato, tais como: quais motivos levaram o delegado beneficiar essas pessoas? O delegado não temeu punição por parte do Órgão? O delegado contrariou a Lei?

O lide inicia com uma informação que pode dar subsistência e credibilidade aos leitores quanto ao fato. O autor mostra que os documentos obtidos foram de exclusividade do jornal e reafirma os atos do delegado. Os candidatos já passam a ser chamados de “quinteto fantástico”, talvez pelos poderes que serão adquiridos pela homologação. O lide também nos mostra outro parecer com orientações a serem seguidas reforçando sobre a atitude do delegado. Neste seguimento fica evidente a violação da lei pelo delegado-geral. Não há dúvida de que o ato do

delegado descrito pelo autor produz um efeito de descaso que pode levar o leitor a indignar-se com tal situação.

Por ser uma reportagem, cabe também utilizar algumas perguntas que compõem o lide para compreensão leitora do aluno, como: quem e por que ratificou a aprovação das pessoas que faziam parte do Quinteto fantástico? Como aconteceu o parecer da PGE?

E por meio de inferências podemos analisar a atitude do delegado, como: Mário César Nunes não se intimidou diante do Órgão e designou a posse dos cinco candidatos; Apesar de ter sido alertado pela PGE continuou com sua decisão.

Ainda no lide, podemos observar o uso da expressão - sub judice – que significa “sob juízo”, mesmo que o aluno não compreenda o significado acreditamos que pode ser entendida pelo contexto da reportagem.

Questões referentes ao tema podem ser levantadas em sala de aula, como: o poder das pessoas que ocupam um cargo mais elevado; o papel do judiciário perante o problema; qual a posição da sociedade diante de fatos como esse apresentado na reportagem. Levantadas questões sugeridas, os alunos dialogarão com outros enunciados reportando-se a seus conhecimentos para que possam expressar sua posição em relação ao assunto.

O jornal *O Estado de São Paulo* traz a seguinte manchete publicada no dia 26/06/2012 sobre o quarteto fantástico.



### *Quarteto fantástico*

*Combinar Hungria, Eslováquia, Polônia e República Checa em um roteiro significa receber uma aula de história a céu aberto. E contemplar cenários que parecem saídos de um romance*

26 de junho de 2012 | 3h 09

*Ares de romance, história e aventura - uma dose de drama político, outra de originalidade cultural e um bom copo de boemia. É o mínimo que se pode esperar de uma visita a Eslováquia, Hungria, Polônia e República Checa. Por ali a história deixou rastros marcantes como as heranças sombrias da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e os tempos severos da simbólica Cortina de Ferro, na Guerra Fria (1945-1989) - isso só para mencionarmos a história recente do século 20.*

Nesta reportagem, o autor utilizou o elemento “quarteto” para designar quatro lugares que ele considera “fantástico”. Com isso, sugere-nos um tom valorativo desses lugares conduzindo o leitor a mesma perspectiva criada por ele.

A fotografia que compõe a reportagem é de uma praça onde as pessoas estão sentadas na grama e parecem estar bem à vontade, conversando descontraídas umas com as outras, dando ideia de ser um lugar bem aprazível.

Para compor o cenário, o formato de uma construção antiga aparentemente histórica mistura-se a um prédio mais moderno sugerindo que o lugar não pode deixar de ser visitado pelas pessoas.

A partir do título da matéria publicada, podemos acionar, assim como na reportagem apresentada anteriormente, os conhecimentos de mundo relativos a personagens-heróis dos anos 60, com a ressalva de que neste enunciado apresenta quatro elementos. No processo de interação verbal com o título podemos fazer a seguinte inferência de que os quatro elementos citados correspondem a quatro coisas ou pessoas deslumbrantes.

É pela leitura do título auxiliar que se vai conhecer os elementos citados no título da matéria, que contrário da reportagem anterior não se refere a pessoas, mas a lugares conforme o enunciado “*Combinar Hungria, Eslováquia, Polônia e República Checa em um roteiro significa receber uma aula de história a céu aberto. E contemplar cenários que parecem saídos de um romance*”.

O autor enumera os lugares de forma contemplativa e bela, tentando repassar ao leitor o ar de grandeza e magnitude desses lugares. Podemos afirmar essa

admiração pelo elemento linguístico “e”, que dá continuidade ao juízo de valor do autor “e contemplar cenários que parecem saídos de um romance”. Nota-se uma boa carga de sentimentos que podem envolver o leitor e formatar imagens oníricas que despertem o interesse de conhecer os lugares citados.

O próprio lide reforça a ideia de beleza com a combinação dos seguintes elementos no enunciado: *Ares de romance, história e aventura - uma dose de drama político, outra de originalidade cultural e um bom copo de boemia*. A junção desses elementos faz com que o assunto abordado na reportagem seja não somente uma verdadeira aula de história, mas também transmita ao leitor uma beleza que se pode sentir pelas próprias palavras do texto.

Podemos verificar junto aos alunos e auxiliá-los a mobilizarem seus conhecimentos prévios questões referentes à Segunda Guerra Mundial e a Guerra fria, para que eles possam relacionar esses lugares a fatos históricos.

Nesta reportagem, o autor apresentou razões das quais se deva conhecer os lugares mencionados por ele, pois a história deixou rastros bem marcantes que envolvem toda a humanidade. Percebemos que essa estratégia usada pelo autor foi uma forma de convencer o leitor que esses lugares são dignos de visita pelos turistas.

### **3.5 Sugestão de didatização do gênero reportagem**

Como vimos na análise das reportagens, de um fato apresentado podemos abduzir muitas informações a partir dos conceitos teóricos que foram expostos sobre gênero, linguagem, leitura e estratégias que podem corroborar no processo de leitura e orientar o aluno a alcançar a compreensão leitora, de forma que se possam gerar sentidos, opiniões e tomar posicionamento na sala de aula.

Mas para que se chegue a uma compreensão leitora, alguns procedimentos devem ser observados. Ao iniciarmos um trabalho que envolve o gênero discursivo reportagem, podemos primeiramente selecionar reportagens mais simples e gradativamente substituí-las por outras mais complexas para que os alunos possam ter a oportunidade de envolver-se com temas diversos. Desta forma, é válido utilizar reportagens que abordem temas semelhantes em jornais diferentes, ou fatos polêmicos para que os alunos possam observar não somente as convergências e

divergências trazidas pelos jornais, mas também que possam compreender o que está sendo exposto e refratar sobre o fato abordado.

O enunciado dos títulos nas reportagens deve ser explorado de forma que o aluno revise outros enunciados, dialogue com outros textos conforme teoria bakhtiniana para assim tomar uma posição diante do assunto. Um aspecto valorativo que temos em nosso benefício é a boa carga de informações e conhecimentos que os alunos do ensino médio possuem e trazem consigo para o ambiente escolar, assim, os conhecimentos também abordados por Koch e Elias (2007) podem ser ampliados durante o processo de leitura.

Outra forma já mencionada nesta pesquisa que também pode auxiliar os alunos em sua compreensão leitora é a maneira de fazer inferências e verificar os implícitos trazidos na reportagem, nesse sentido, o papel do professor é importante, cabe a ele mediar, criar situações que possam facilitar o aluno nesse processo. Na estrutura da reportagem, podemos perceber as informações contidas no lide por meio das perguntas básicas que o compõem.

Reconhecemos que essas sugestões são importantes para aplicação em uma sala de ensino médio. Todavia, é necessário saber como se dará a ação feita pelo professor e como as informações publicadas nas reportagens servirão para compreensão leitora do aluno.

## CONCLUSÃO

Essa dissertação procurou apresentar uma análise do gênero reportagem como uma forma de auxiliar o professor de língua portuguesa nas suas aulas de leitura para a compreensão leitora dos alunos no ensino médio.

Teve como objetivos focalizar o jornal impresso como um recurso por meio do qual a escola pode didatizar o gênero reportagem nas aulas de leitura, tratando-o como um meio de ensino e aprendizado, e apresentar por meio das análises dos títulos, dos títulos auxiliares e o lide nas reportagens impressas uma proposta de ensino para as aulas de leitura.

Para que nossos objetivos fossem alcançados investigamos pressupostos teóricos que nos fossem satisfatórios para discutir a questão do gênero, da linguagem, da leitura e da esfera jornalística.

Para realização desses objetivos selecionamos algumas amostras de reportagens de dois jornais *O Estado de São Paulo* e *aCrítica*, do Estado do Amazonas, para que os alunos tivessem a oportunidade de entrar em contato com esse gênero no ambiente escolar e passassem a observar não somente as informações contidas no texto, mas que houvesse interação entre eles e o texto para que, ao final da leitura, chegassem a uma compreensão e atitude responsiva.

Sabemos que, às vezes, torna-se um desafio fazer um trabalho voltado para a prática de compreensão leitora dentro de uma sala de aula de ensino médio devido a vários fatores. Se queremos um processo de mudança e resultado satisfatório em nossos alunos, devemos nos empenhar para que nossos objetivos sejam alcançados.

Ao optarmos pela utilização do jornal impresso nas aulas de leitura para o ensino médio, vimos que é possível fazer o uso desse material para a ampliação do conhecimento no processo de leitura. O gênero discursivo reportagem contribuiu de forma muito significativa para a nossa pesquisa. Sendo assim, o professor pode dinamizar suas aulas de leitura utilizando a reportagem, pois apresenta um formato que chama atenção do aluno pelos seus recursos verbo-visuais e podem ser aplicados em sala de aula. Este trabalho não se esgota aqui, pois abre perspectivas para pesquisas futuras, que envolvam outros gêneros do discurso da esfera jornalística.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Vol. 1: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: Senac, 2000.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*; revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. – Campinas, SP: Pontes, 1987.
- FARIA, Maria A. *Como usar o jornal na sala de aula*. 11ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O jornal na sala de aula*. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- FARIA, Maria. A.; ZANCHETTA JR., Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FIORIN, José L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FÁVERO, Leonor. L. *Coesão e coerência textuais*. 3ª. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 1995.
- GUIMARÃES, L.; *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2000.
- KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. 5ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2ª. Ed., Campinas: Pontes: Unicamp, 1989.
- KOCH, Ingedore V. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2ª. Ed., São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_, *A construção sociocognitiva da referência*. In: MIRANDA, N.S.; NAME, M.C. (Org.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.p. 95-107.

\_\_\_\_\_, *Linguagem e Cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso*. *Veredas*, revista de estudos linguísticos Juiz de Fora, v. 6, n. 1, jan/jun 2002 p. 29 a 42.

KOCH, Ingedore.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1993.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4ª. Ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_, *Teoria e técnica do texto jornalístico*. 7ª tiragem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

\_\_\_\_\_, *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2011. 1CD.

LÁUA, Maurílio P. *Capas de veja: a leitura crítica na sala de aula*. In: BRITO.E.V. (Org.) *Escola e mídia impressa: diferentes leituras*. São Paulo: Cabral, 2004.

MARCUSCH, *Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo*. Encontro Interdisciplinar de Leitura.I, Londrina/PR, 1984.

\_\_\_\_\_, *Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua?* *Em aberto*, ano 16, n.69, jan/mar.1996, p.71.

\_\_\_\_\_, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz, BRITO, Karim S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 3ª. Ed.rev. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008; 2011. p.17-31

MARTINS, Eduardo. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S.Paulo*. 3ª. Ed. rev. e ampl. São Paulo: 1997.

MOZDZENSKI, Leonardo. *Introdução. O que é e por que estudar a multimodalidade?* In: *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. P. 21-27.

PETTINE, Lucas. *A história dos mascotes dos clubes no brasileirão*. Disponível em: <<http://noticiasfutebolmundialsoaqui.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 17/01/2013.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ Joaquim. *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. Trad. Gláís S. Cordeiro. In: *Rev. Bras. Educ.* n.11 Rio de Janeiro maio/ago. 1999, p. 5-16.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 30ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

SODRÉ, Muniz.; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 5ª. Ed. V 14. São Paulo: Summus, 1986.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1996, p.21-32.

SOLETRAS, Ano X, Nº 19, jan./jun.2010. São Gonçalo: UERJ, 2010 – Suplemento 45

TAVEIRA, Eula. *A história do jornal de maior circulação do Amazonas*. Disponível em:

< <http://www.portalintercom.org.br/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2012.

VILCHES, Lorenzo. *Teoría de la imagen periodística*. 3ª. ed. Barcelona: Paidós, 1997.

ANEXOS

# ciudades

Associação Sítios arqueológicos comunitários do Amanari, RJ

## SOS IGARAPÉS

Os igarapés são cursos de água que nascem no interior das florestas e são fundamentais para a vida das comunidades locais. No entanto, estão sendo degradados por atividades agrícolas e urbanas.



Clayton de Jesus

Orlando Martins da Silva

Descoberto >>>

# Índio perde guerra

## Ação da PM na AM-010 resultou na saída de mais de 200 indígenas

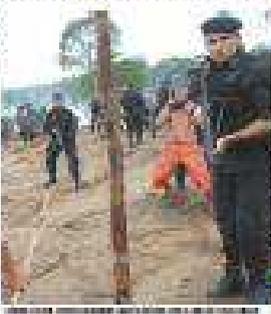
Indígenas expulsos de suas terras

A reportagem foi feita em um dia quente, com o sol batendo forte sobre as montanhas. O cenário era de uma paisagem devastada, com milhares de pessoas deslocadas e suas famílias vivendo em condições precárias. A ação da PM na AM-010 resultou na saída de mais de 200 indígenas de suas terras tradicionais.



Indígenas expulsos de suas terras tradicionais para dar espaço para a construção de uma estrada.

Os indígenas foram expulsos de suas terras tradicionais para dar espaço para a construção de uma estrada. A ação da PM na AM-010 resultou na saída de mais de 200 indígenas de suas terras tradicionais.



Um soldado da Polícia Militar em uma das áreas de deslocamento.

### Movimento indígena no Amapá

O movimento indígena no Amapá tem ganhado força nos últimos anos. Os líderes indígenas estão lutando por seus direitos e pela preservação de suas culturas tradicionais.

### Indígenas não são desmatadores

Os indígenas não são desmatadores. Eles são guardiões das florestas e têm um conhecimento profundo sobre o ecossistema e a biodiversidade local.

### PM opera em áreas indígenas

A Polícia Militar opera em áreas indígenas para garantir a segurança e a ordem pública. No entanto, essa presença tem gerado preocupação entre as comunidades locais.

### Indígenas não são desmatadores

Os indígenas não são desmatadores. Eles são guardiões das florestas e têm um conhecimento profundo sobre o ecossistema e a biodiversidade local.

A10 NACIONAL QUARTA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2008 O ESTADO DE SÃO PAULO

TERRA SEM LEI

Via Campesina cerca usina da Vale

Em nova onda de protestos, movimento age em sete Estados e resiste à desocupação em Estreito, entre MA e TO

Roldão Arruda

Após a jornada de luta das mulheres, que atingiu 17 Estados, com protestos contra o agronegócio, a Via Campesina iniciou ontem uma nova onda de ações no País - desta vez contra a construção de usinas hidrelétricas. Foram registradas manifestações em sete Estados. A mais vistosa foi a ocupação da principal via de acesso ao centro de obras da Usina de Estreito - na divisa entre os Estados do Tocantins e do Maranhão.

A Polícia Militar foi chamada e tentou, sem sucesso, negociar com representantes da Via Campesina e do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) a retirada dos quase 300 invasores. De acordo com Cláudio Rocha, da coordenação do MAB, a ocupação deve prosseguir até que o governo aceite discutir a pauta de reivindicações dos movimentos.

O representante do MAB também disse que outros manifestantes deveriam chegar hoje à área da usina. Diante da ameaça, a PM passou a vigiar as outras estradas, para impedir no-

vas invasões. Os advogados da usina recorrem à Justiça com uma ação de reintegração de posse. No início da noite, o juiz Gilmar Everton Vale, de Estreito, atendeu ao pedido, determinando a reintegração a partir de hoje, sob pena de multa.

A pauta que os invasores desejam negociar com o governo é extensa. Inclui temas como o reassentamento das famílias deslocadas pela represa, a situação dos quilombolas e grupos indígenas na região, um novo levantamento sobre impacto ambiental e até o valor das tarifas de energia a ser cobradas, entre outros.

Em entrevista ao Estado, o presidente do Conselho Estreito de Energia, concessionário da hidrelétrica, José Renato Ponte, classificou a invasão como "insustentável". Ele também observou que a maior parte dos invasores não é da região. "Viraram de fora, para conturbar o clima de bom entendimento e transparência que conseguimos com os moradores", afirmou.

Estreito terá capacidade total de 1.087 MW e faz parte do



Plano de Aceleração do Crescimento (PAC). É uma das mais importantes obras na área de energia elétrica em andamento no País, devendo iniciar as operações em 2010.

Plano de Aceleração do Crescimento (PAC). É uma das mais importantes obras na área de energia elétrica em andamento no País, devendo iniciar as operações em 2010. Mas, segundo o presidente do consórcio, a invasão pode atrasar o cronograma da obra. Ele também manifestou preocupação quanto à segurança das pessoas no local da invasão. "Temos medo de conflitos com os trabalhadores da obra, dos quais 80% são da região. Também preocupa o fato de termos explosivos e fios de alta tensão na área, além de maquinário pe-

Sem-terra invadem Inera em GO

Um grupo de 800 integrantes do Fórum Estadual da Reforma Agrária - que reúne o Movimento Sem-Terra (MST), a Pastoral da Terra (CPT) e outros ativistas - invadiu ontem a sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em Goi-

ânia. O protesto visava a acelerar as obras e tentar impedir a troca de comando no escritório regional do Incra.

De acordo com o instituto, porém, nos últimos cinco anos 7.800 famílias foram assentadas, em 63 projetos, e quase 50 mil pessoas foram beneficiadas. O consórcio responsável pela obra é formado pelas empresas Vale (30%), Alcoa (25,5%), Tractebel (40%) e Camargo Corrêa (4,5%). Esta foi a segunda vez na semana que a Vale foi atingida por ações da Via Campesina. Na segunda-feira, seus militantes tinham paralisado uma ferrovia da empresa em Minas. As manifestações iniciadas ontem pela Via Campesina e o MAB devem prosseguir até sexta-feira - Dia Internacional de Luta contra as Barragens. De acordo com o material de divulgação sobre a data distribuído pelas duas organizações, no Brasil as grandes hidrelétricas

estão expulsando cerca de 1 milhão de pessoas de seus territórios, destas, 70% não foram devidamente indenizadas. Na Hidrelétrica de Machadinho, entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, um grupo de manifestantes acampou pela manhã diante do portão principal. Eles não impediram, no entanto, o trânsito de pessoas e veículos. Em conversa com dirigentes da empresa, disseram que o objetivo é chamar a atenção para problemas decorrentes da construção de hidrelétricas.

No Paraná, manifestantes tentaram ocupar a Usina Hidrelétrica de Salto Santiago. Impedidos pelos seguranças, realiza-

ram um ato de protesto diante dos portões. Em Porto Velho (RO), os militantes conseguiram entrar na área da Usina Hidrelétrica Rio Madeira, onde montaram acampamento. No Ceará, ocorreram um centímetro de obras do Canal da Integração - que deverá levar as águas do Açude Castanhão para o complexo portuário e industrial de Pecém, onde se localizam algumas empresas siderúrgicas. Segundo o MAB, o que está ocorrendo ali é "privatização da água".

No Rio Grande do Sul, moradores de dois bairros de Erechim deslocaram-se até a sede da empresa responsável pelo fornecimento de energia elétrica no Estado para reivindicar sua inclusão na chamada lista da tarifa social - que permite descontos de até 65%. Na Paraíba, comunidades de João Pessoa também começaram a se mobilizar ontem para reivindicar tarifas diferenciadas.

Segundo o MAB, as tarifas sociais para consumidores que utilizam pouca energia estão previstas em lei, mas as concessionárias relutam em cumpri-las.

QUESTÃO FUNDIÁRIA



DESOCCUPAÇÃO - Operação durou duas horas; cacique Saterê diz que PM não mostrou mandado e vai denunciar "excessos" até ao Congresso

PM retira índios sem-teto à força de área em Manaus

Policiais usam gás lacrimogêneo; indígenas do grupo reagem com flechas

André Alves

ESPECIAL PARA O ESTADO DE MANAUS

A Polícia Militar do Amazonas usou a força para expulsar, ontem pela manhã, um grupo de sem-teto que havia ocupado uma faixa de área privada na comunidade Lagoa Azul, na zona rural de Manaus. Metade do grupo de quase 200 invasores era formada por indígenas.

A área, com 180 mil metros quadrados, fica no quilômetro 11 da Rodovia Estadual AM-010 e estava ocupada há três meses. Duas semanas atrás a PM já tinha cumprido mandado de reintegração de posse naquela mesma área, expedido pelo Tribunal de Justiça do Amazonas. Na ocasião, a ação se deu de forma pacífica.

Ontem, porém, os indígenas, previamente avisados da opera-

ção, decidiram se armar com canoas e flechas. Enfrentaram do outro lado um batalhão da PM com 150 homens, munidos com bombas de gás lacrimogêneo. A PM cercou os invasores. Houve correria e choro. Mães com crianças no colo gritavam. Alguns poucos indígenas chegaram a atirar flechas contra os policiais, mas o apertado da PM, com a ajuda de cães e cavalos, era muito superior.

Um trator foi utilizado para derrubar os barracos que tinham sido construídos pelos invasores na área. Ao fim da operação, que durou duas horas, 17 pessoas foram detidas, entre elas, quatro índios. Arcos, flechas, terçados e facas também foram apreendidos.

Segundo o comando da Polícia Militar do Amazonas, membros da Polícia Federal, do Ministério Público Estadual e da Fundação Nacional do Índio (Funai) foram convidados para acompanhar a ação. Nenhuma das instituições, no entanto, te-

ria enviado representantes. O cacique Luiz Saterê, de 49 anos, da etnia saterê-mawé, prometeu denunciar o que chamou de "excessos da PM" à Câmara Municipal de Manaus, à Assembleia Legislativa do Estado e ao Congresso Nacional. Segundo o líder indígena, a PM agiu com truculência e não mostrou aos indígenas o mandado de reintegração de posse.

Na operação, 17 pessoas foram detidas, entre elas, quatro índios

"Chantaram uma grávida com chutamos uma bola", disse Saterê. "Deram coroneladas nos nossos guerreiros porque eles tentaram se defender".

De acordo com o cacique, a área, cuja propriedade é legalmente atribuída ao engenheiro civil Mitsuharu Inoue, já foi posse indígena. Não existem documentos, no entanto, que con-

firmem esse fato. O chefe das Rondas Ostensivas Cândido Mariano (Rocam), major Walter Cruz, um dos comandantes da operação, negou que a PM tenha agido com truculência. "Fizemos tudo dentro da legalidade", afirmou.

O major também disse que os invasores haviam sido avisados da operação quase dois meses atrás: "Estavam avisados que a reintegração iria acontecer. Há duas semanas foi feita a primeira reintegração e eles retornaram ao local usando pessoas que se diziam indígenas".

O major disse que foi necessário agir "com rigor" para cumprir a ordem legal. "Algumas pessoas tentaram nos enfrentar e usamos instrumentos de defesa da ordem pública".

Pelo Brasil

MATO GROSSO

Justiça derruba veto a obras do PAC

O Tribunal Regional Federal da 1ª Região (Brasília) derrubou ontem decisão do juiz federal Julier Sebastião, de Curitiba, que havia decretado a suspensão das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em Várzea Grande (MT). O desembargador-relator João Batista Moreira afirmou que "não se justifica o veto federal, sem ouvir as partes contrárias, e sem outros elementos além daqueles colhidos, antecipadamente, pelo Tribunal de Contas da União".

PARANÁ

Secretário viajou sem aval de Requião

O secretário de Comunicação Social do Paraná, Antônio Pissetti, confirmou ontem na Assembleia Legislativa que foi nove vezes ao Paraguai, antes de entrar em férias, onde passou 17 dias trabalhando na campanha presidencial de Fernando Lugo. Em nenhuma dessas vezes teve a autorização do governador Roberto Requião (folha), conforme prevê o Estatuto do Servidor. A oposição suspeita que parte dos gastos foi paga com cartão corporativo. Pissetti negou as acusações.

DISTRITO FEDERAL

Orestes Muniz Filho

Conselheiro da OAB "A proposta institui o colégio público" SEC de Fec das Precatórios

SÃO PAULO

TRE terá que tomar sessão pública

O Conselho Nacional de Justiça determinou ao Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo que entregue à Procuradoria Eleitoral cópia do áudio de sessão realizada em setembro. O acesso ao documento fora negado sob argumento de que sua disponibilização poderia desestabilizar os trabalhos da Justiça Eleitoral. O CNJ acolheu recurso do procurador eleitoral Mário Borsatella que defendeu o caráter público das sessões e a liberdade de informação.

HERANÇA

Justiça manda invadir casa de ACM para catalogar bens

Tiago Décimo

SALVADOR

A disputa judicial entre os parentes pela herança do senador baiano Antonio Carlos Magalhães, cacique do DEM morto em julho, atingiu seu ápice ontem. Munido de autorização da juíza auxiliar da 14ª Vara da Família de Salvador, Fabiana Andréia Almeida Oliveira Pellegrino - mulher do deputado federal Nelson Pellegrino, do PT baiano - o pedido da filha de ACM, Tereza Mata Pires, e de seu marido, o proprietário da construtora OAS, César Mata Pires, grupo de nove policiais militares (três deles oficiais), dois oficiais da Justiça e quatro advogados da OAS invadiu o apartamento em que ACM morava, no elegante bairro da Graça. Objetivo: fazer o levantamento dos bens.

A viúva do senador, Arlette Magalhães, de 78 anos, não estava quando o grupo chegou. Chaveiros abriram as portas. O grupo passou quase sete horas catalogando objetos - ACM era admirador de arte e tinha dezenas de santos e objetos de prata.

O grupo deixou o apartamento sem comentar a operação, alegando que a disputa corre em segredo de Justiça. O casal Mata Pires tampouco se pronunciou. Arlette foi para a casa do filho, o senador Antonio Carlos Magalhães Júnior (DEM-BA), em Brasília, e reagiu com revolta. Em comunicado, diz que a família "repõe o ato brutal e violento que foi cometido" e afirma que "todas as medidas legais serão tomadas". "Agravante é que a ação de funcionamento do Estado da Bahia de Justiça recebeu o apoio logístico da Construtora OAS, cujo proprietário é parte interessada no processo", diz o comunicado. "Veículos pertencentes a César Mata Pires transportaram oficiais de Justiça e um motorista do empresário foi comprar lanches para os militares".

A disputa entre ACM Júnior e o casal Mata Pires está relacionada ao controle da TV Bahia, a retransmissora da Rede Globo no Estado, cujo chefe do império de comunicação de ACM, o que era um problema empresarial, virou pessoal e agora está virando político", afirmou ACM Júnior, em referência ao fato de a juíza que autorizou a invasão ser mulher de um deputado de oposição ao DEM no Estado. Pellegrino reagiu: "Não tenho interesse nenhum no trabalho de minha esposa". A juíza não foi encontrada para comentar o caso.



# acrítica

DE MÃOS DADAS  
COM O POVOMEMBROS  
UMBERTO CALDERARO FILHO  
UMBERTINA CALDERARO DE ARAUJO  
RITTA DE ARAUJO CALDERARORonaldo e  
Fabiana  
formam o  
quarto  
paredão do  
Big Brother  
Brasil 12  
PÁGINA A2

## Bem Viver >

### Seven Amazon confirma...

Norte-americanos do LMFAO fazem show  
em Manaus, em abril. PÁGINA BV1

AVALIAÇÃO PÁGINA A11

## Mais de 1,4 mil no exame da OAB

VANESSA CANDIDATA

## Indiferença e também negação

O que disseram os adversários sobre a possível  
candidatura da comunista. PÁGINA A3

## craque CEM GOLSE SEM VITÓRIA

FESTA? Tinha tudo  
para ser uma festa...Neymar  
completou 20  
anos, marcou o  
centésimo  
gol, mas o  
Peixe  
perdeu  
para o  
Porco.

PÁGINA CR3



### FICOU NO QUAASE!

Botafogo e Flamengo  
ficam no empate (só para  
variá-lo) num verdadeiro  
festival de gols perdidos  
no Engenhão. PÁGINA CR3

### AMAZONENSE

Tricolor de Aço  
assume a liderança do  
campeonato, mas o  
Penarol está no páreo!

PÁGINAS CR4 E CR5

EMMAUÉS

## Vereadores investigados por tráfico

Operação que derrubou o "cartel do pó"  
deve ter desdobramentos. PÁGINA A11

IMIGRAÇÃO PÁGINA A14

## Embaixador do Haiti vem a Manaus

HOJE PÁGINA A5

## Começa o ano legislativo da CMM

CAIXA ARROMBADO PÁGINA A16

## Ladrões não poupam nem a Seduc

---

# Palmeiras vence Santos com virada no fim no clássico em Prudente

Alviverde estraga festa do 100.º gol de Neymar ganha nos descontos por 2 a 1

05 de fevereiro de 2012 | 19h 26

---

LEANDRO SILVEIRA - Agência Estado

**PRESIDENTE PRUDENTE** - O **Palmeiras** venceu de virada o primeiro clássico da edição 2012 do Campeonato Paulista, e deu um salto na tabela. O resultado da partida foi definido apenas nos instantes finais. Com gols de Fernandão e Juninho (com participação do santista Maranhão, que desviou a bola de ponta de chuteira contra sua meta), o Palmeiras derrotou o Santos por 2 a 1, na cidade de Presidente Prudente, pela quinta rodada da competição. O gol do **Santos** foi do craque Neymar, seu centésimo na carreira no dia em que estava completando 20 anos.

## Metrô vai desapropriar 406 imóveis para construir a Linha 6-Laranja

Áreas nas zonas norte, oeste e centro equivalem a 58 campos como o do Pacaembu; decreto assinado por Alckmin foi publicado ontem

09 de maio de 2012 | 3h 07

CAIO DO VALLE , FELIPE TAU - O Estado de S.Paulo

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) publicou ontem decreto que declara de utilidade pública 406 imóveis para a construção da Linha 6-Laranja do Metrô de São Paulo. O ramal ligará a Brasilândia, na zona norte, ao centro. Ao todo, uma área de 407,4 mil metros quadrados - equivalente a quase 58 campos como o do Estádio do Pacaembu - poderá ser desapropriada, "por via amigável ou judicial". As ações de desapropriação devem ter início no segundo semestre.

### Concurso para delegado > Procedimentos suspeitos

A homologação do "Quinteto Paulista" para o cargo de delegado administrativo os parciais do Procurador-Geral do Estado de São Paulo (PGE-AM) que ocorrem em outra direção. É o que mostram documentos obtidos por ACRIVICA.



**COORDEÇA**  
Neste 1º de dezembro de 2014, a comissão organizadora do concurso de Polícia Civil do Estado de São Paulo realizou a homologação dos candidatos aprovados.

**47**  
**CONCURSO**  
O concurso para 47 vagas de Delegado Administrativo da Polícia Civil do Estado de São Paulo foi homologado.

# Nomeação de quinteto ignorou parecer da PGE

Delegado-geral da Polícia Civil, ao homologar a aprovação dos candidatos, deixou de observar recomendações do órgão

**LEONARDO PEREIRA**  
leopard@acrivica.com.br

Documentos obtidos através de acesso indevido pelo aplicativo de inteligência de dados da Polícia Civil, Mário César Neves, delegado e coordenador das investigações do "Quinteto Paulista", revelam a atuação da comissão de Exame de Nomeação de Delegados (CENDE) antes que tenha se legitimado nos atos do processo. Os atos parecerem do PGE, apresentados pela Comissão de Exame de Nomeação de Delegados ao governador que se reuniram em julho de 2014, tiveram por conteúdo, entre outros, a nomeação de cinco delegados para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil.



Delegado-geral da Polícia Civil, Mário César Neves, coordenador das investigações do "Quinteto Paulista".

Uma das ações consistiu em nomear para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil o nomeado pelo PGE, Mário César Neves, delegado e coordenador das investigações do "Quinteto Paulista".

O documento obtido por ACRIVICA trata pareceres da Comissão de Exame de Nomeação de Delegados (CENDE) e inclui recomendações e uma avaliação feita pelo Centro de Inteligência Tecnológica de Segurança (CITE), que aponta sérios e graves riscos de segurança do "Quinteto Paulista". Mário César Neves, delegado e coordenador das investigações do "Quinteto Paulista", foi nomeado para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil em julho de 2014.

Em seguida, em 1º de dezembro de 2014, o governador nomeou para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil o nomeado pelo PGE, Mário César Neves, delegado e coordenador das investigações do "Quinteto Paulista".

Em seguida, em 1º de dezembro de 2014, o governador nomeou para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil o nomeado pelo PGE, Mário César Neves, delegado e coordenador das investigações do "Quinteto Paulista".

O parecer do PGE em julho de 2014, recomendou a nomeação de cinco delegados para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil. O parecer do PGE em julho de 2014, recomendou a nomeação de cinco delegados para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil.



### Cetam deve se explicar, diz Smith

O procurador-geral do Estado de São Paulo, Sérgio Smith, pediu ao Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Cetam) que se explique sobre a contratação de um escritório de advocacia para a defesa de um delegado da Polícia Civil.

O Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Cetam) deve se explicar sobre a contratação de um escritório de advocacia para a defesa de um delegado da Polícia Civil.

O Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Cetam) deve se explicar sobre a contratação de um escritório de advocacia para a defesa de um delegado da Polícia Civil.

**1** O texto de investigação do "Quinteto Paulista" revela investigações e recomendações feitas pelo PGE-AM, coordenador das investigações do "Quinteto Paulista".

**2** O texto de investigação do "Quinteto Paulista" revela investigações e recomendações feitas pelo PGE-AM, coordenador das investigações do "Quinteto Paulista".

**3** O parecer do PGE em julho de 2014, recomendou a nomeação de cinco delegados para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil.

## MPE está fora da comissão

Grupo formado pelo governador para apurar possíveis fraudes na nomeação dos primeiros leigos

A comissão governamental para apurar possíveis fraudes na nomeação dos primeiros leigos para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil, não inclui o Ministério Público Estadual (MPE).

A comissão governamental para apurar possíveis fraudes na nomeação dos primeiros leigos para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil, não inclui o Ministério Público Estadual (MPE).

A comissão governamental para apurar possíveis fraudes na nomeação dos primeiros leigos para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil, não inclui o Ministério Público Estadual (MPE).

A comissão governamental para apurar possíveis fraudes na nomeação dos primeiros leigos para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil, não inclui o Ministério Público Estadual (MPE).

### Novos de comissão

Novos de comissão para apurar possíveis fraudes na nomeação dos primeiros leigos para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil.

Novos de comissão para apurar possíveis fraudes na nomeação dos primeiros leigos para o cargo de delegado-geral da Polícia Civil.

Você está em [Notícias](#) >

## Quarteto fantástico

Combinar Hungria, Eslováquia, Polônia e República Checa em um roteiro significa receber uma aula de história a céu aberto. E contemplar cenários que parecem saídos de um romance

26 de junho de 2012 | 3h 09

Ares de romance, história e aventura - uma dose de drama político, outra de originalidade cult e um bom copo de boemia. É o mínimo que se pode esperar de uma visita a Eslováquia, Hungria, Polônia e República Checa. Por ali a história deixou rastros marcantes como as heranças sombrias da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e os tempos severos da simbólica Cortina de Ferro, na Guerra Fria (1945-1989) - isso só para mencionarmos a história recente do século 20.

